**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
(LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA ITALIANAS)**

ELISA ISABEL MACHADO

**A ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA DO RIO DE JANEIRO:
história, identidades e práticas de ensino de italiano em uma escola pública**

Versão corrigida

São Paulo
2016

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
(LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA ITALIANAS)**

ELISA ISABEL MACHADO

**A ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA DO RIO DE JANEIRO:
história, identidades e práticas de ensino de italiano em uma escola pública**

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo para a obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Programa de Pós-Graduação
em Letras (Língua, Literatura e Cultura italianas).

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Landucci Ortale

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Ma MACHADO, ELISA ISABEL
A ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA DO RIO DE JANEIRO: história, identidades e práticas de ensino de italiano em uma escola pública. / ELISA ISABEL MACHADO ; orientadora FERNANDA LANDUCCI ORTALE. - São Paulo, 2016.
137 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Língua, Literatura e Cultura Italiana.

1. Identidades. 2. Associações Ítalo-Brasileiras . 3. Imigração Italiana . 4. ensino de Italiano. 5. Rede Pública . I. ORTALE, FERNANDA LANDUCCI, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

MACHADO, Elisa Isabel.

A ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA DO RIO DE JANEIRO: história, identidades e práticas de ensino de italiano em uma escola pública.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.:	_____	Instituição:	_____
Julgamento:	_____	Assinatura:	_____

Prof. Dr.:	_____	Instituição:	_____
Julgamento:	_____	Assinatura:	_____

Prof. Dr.:	_____	Instituição:	_____
Julgamento:	_____	Assinatura:	_____

Aos que não desistem,
apesar de todos os obstáculos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais: Palminor e Rivanda, grandes incentivadores e torcedores. Pela paciência e otimismo sempre presentes, mesmo nas horas mais difíceis. Serei eternamente grata por tudo o que fizeram e fazem por mim, principalmente nos momentos mais difíceis da minha existência.

À saudosa vó Vanda, ainda entre nós no início desta jornada, que sempre me incentivou e ajudou na caminhada acadêmica. Obrigada pelo exemplo de vida.

À professora, Fernanda Ortale, por ter acreditado em mim desde o nosso primeiro encontro na USP. Obrigada pelas orientações, pelo incentivo e pela compreensão nos inúmeros momentos de dificuldades físicas por que passei durante os anos do mestrado.

Aos meus irmãos, Elias e Elisabeth, por fazerem minha vida mais divertida. Obrigada pela ajuda, pelas consultorias, pelo incentivo nas horas difíceis e pela torcida.

Aos tios, em especial tio Onadir, tia Dina e tia Nataly. Obrigada por todo apoio, colaboração e participação em todas as etapas da minha vida.

À tia Maria Aparecida, pela inspiração e suporte em toda minha vida acadêmica, pela amizade, pela parceria, pelas consultorias e pelas preciosas correções do texto.

A minha prima, Juliana Cabreira, pelo auxílio e consultoria nas traduções dos textos para o inglês.

A minha dedicada cunhada, Carol, professora Ana Carolina Gelmini, cuja ajuda e estímulo na tessitura desta dissertação fizeram-na menos árdua. Obrigada pelas aulas, pelas ideias, pelas orientações e pela atenção e auxílio com o texto e a tão temida ABNT. Meu sincero agradecimento.

Às professoras, Isabel Gretel Fernández e Eliane Lousada, pelas aulas e orientações referentes a esta pesquisa.

Às professoras, Paola Bacin e Elisabetta Pavan, por todos os ensinamentos, orientações e incentivo.

Às professoras, Gigliola Maggio e Olga Mordente pelas valiosas sugestões dadas a este trabalho por ocasião do exame de qualificação.

Ao meu colega, de estudos e de profissão, Fábio Zorzan. As entrevistas, na fase de coleta de dados, não seriam as mesmas sem a sua prontidão e desenvoltura para conversar. Obrigada pela companhia e cuidado nas inúmeras viagens entre Rio e São Paulo e, principalmente, por não me deixar desistir dos estudos, nos momentos de dor e de dúvidas.

Aos meus fisioterapeutas, Marcello de Mello, Bianca Ferreira e Nadja Rocha. Sem o auxílio deles os meus avanços acadêmicos não seriam possíveis. Obrigada por cuidarem sempre tão bem de mim e da minha coluna.

Ao professor e amigo, Paolo Torresan, pelos ensinamentos, incentivo e orientações.

Aos professores, Guido Bonomini, Mariza Moraes, Opázia Chain Feres pelo incentivo em forma de aprendizagem.

Ao amigo, Harlei Noro, que em mim gerou o encantamento pela língua italiana, nas inúmeras horas de conversa entre Roma e Rio.

Ao amigo Luciano Villa, pelo suporte nas adequações das traduções dos textos para a língua italiana.

Aos que colaboraram para que esta pesquisa se efetivasse, contribuindo com dados da história do ensino de italiano na cidade do Rio de Janeiro. Em especial os professores Francesco Ferrante, Rose Monteiro, Carolina Giampietro, Mariza Moraes, Giselle Batista, Luana Dangelo, Maria Franca Zucarello, Jefferson Evaristo e Thiago Serpa Gomes.

À professora Marta Martins de Oliveira, diretora Escola Municipal Itália, aos demais funcionários, assim como toda a comunidade escolar, pela acolhida e colaboração.

À querida professora Caterina Barone, falecida em julho de 2014, por ter acreditado em minha capacidade, dando-me a possibilidade de aprofundar os estudos e a minha primeira oportunidade de lecionar a língua italiana.

À comunidade Italiana do Rio de Janeiro, na pessoa de Vicente Francisco Scofano, pela riqueza dos relatos sobre história da fundação da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro.

MACHADO, Elisa Isabel. *A ASSOCIAÇÃO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRA DO RIO DE JANEIRO: história, identidades e práticas de ensino de italiano em uma escola pública*. 2015. 137f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo recuperar uma parte da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro (ACIB-RJ). Dentre os feitos desta instituição, para a divulgação e a promoção da língua italiana no Estado do Rio de Janeiro, esta pesquisa destaca o caso da Escola Municipal Itália que, entre os anos de 1992 e 2012, ofereceu o ensino do italiano nas aulas de língua estrangeira, por meio de um acordo entre o Consulado Italiano do Rio de Janeiro, ACIB-RJ e a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Partindo da pergunta norteadora desta pesquisa, procurei entender como se deu o processo de implementação e de ensino do italiano na Escola Municipal Itália (1992-2012), apoiados pela ACIB-RJ. Dentro desta investigação, busquei mapear as condições oferecidas ao corpo docente para o ensino do italiano, a natureza dos materiais didáticos utilizados, as dificuldades encontradas pelos professores, bem como identificar as contribuições que o ensino da língua italiana levou à comunidade escolar pesquisada. Além da elaboração de um panorama do ensino do italiano na Escola Itália, busquei identificar, nas entrevistas obtidas com o auxílio da metodologia da história oral, (MEIHY; HOLANDA, 2007; ALBERTI, 2005), as percepções identitárias e os estereótipos relacionados às comunidades de origem ou às comunidades com as quais os colaboradores desta pesquisa entraram em contato. No capítulo de análise, os dados foram divididos em três categorias: (1) História da Associação Cultural Ítalo-Brasileira; (2) O ensino da língua italiana na Escola Municipal Itália (1992-2012); (3) Identidades e estereótipos no discurso dos entrevistados. O segundo eixo temático, da análise dos dados, foi relacionado com os documentos oficiais dos governos federal e do governo municipal do Rio de Janeiro, relativos ao ensino de língua estrangeira (LE) e ao referido papel cultural deste ensino na sala de aula de LE. Na terceira parte da análise, os dados obtidos foram relacionados ao conceito de identidade proposto pelo sociólogo Zigmunt Bauman (2005) e ao de estereótipo proposto por (CROCHIK, 2006; LIPPMANN, 1922; HILGARD et. al., 1989). Como será perceptível, nesta dissertação, a ACIB-RJ foi criada com o objetivo de difundir a língua italiana, oferecendo aos descendentes de italiano do Rio de Janeiro o ensino da língua de seus ancestrais. Além da divulgação da língua e da cultura italianas, a instituição buscou facilitar a integração entre os membros da colônia italiana e o Consulado da Itália no Rio de Janeiro. Será possível notar, ainda, que o ensino da língua italiana contribuiu em diversos âmbitos da vida dos estudantes e da comunidade escolar, que já apresentava uma forte herança italiana. Este trabalho buscou contribuir para o registro e a documentação de uma parte da história da ACIB-RJ e da iniciativa da promoção da identidade e da cultura italianas na Escola Municipal Itália, em Rocha Miranda, na cidade do Rio de Janeiro. Por fim, com a investigação do período em que o italiano foi ensinado na Escola Municipal Itália, procurou-se refletir, também, sobre o ensino da língua italiana como LE no contexto da escola pública.

Palavras-chaves: identidades; associações ítalo-brasileiras; imigração italiana; ensino de italiano; rede pública.

Machado, Elisa Isabel. *The Italian-Brazilian Cultural Association of Rio de Janeiro: history, identities and teaching practices in a public school*. 2015. 137f. Dissertation (Masters Degree). School of Philosophy, Arts and Humanities of São Paulo University, São Paulo, 2015.

ABSTRACT

The present work aims to recover a part of the history of the Italian-Brazilian Cultural Association in Rio de Janeiro (ACIB-RJ). Among the achievements of this institution for the dissemination and promotion of the Italian language in the state of Rio de Janeiro, this research highlights the case of the Italy Municipal School which, between 1992 and 2012, provided the teaching of Italian in foreign language classes through an agreement between the Italian Consulate in Rio de Janeiro / ACIB-RJ and the Municipal Secretary of Education of Rio de Janeiro. Given the main issue of this research, I tried to understand how the process of implementation and teaching of the Italian language at the Italy Municipal School (1992-2012) came about, supported by ACIB-RJ. Within this research, I tried to map the conditions offered to the faculty in order to teach Italian, the nature of the didactic material used, the difficulties encountered by teachers and identify the contributions that the teaching of the Italian language brought to the school community researched. In addition to the panorama of the instruction of Italian in Italy School, I sought to discern during interviews, obtained with the help of the oral history methodology (MEIHY; NETHERLANDS, 2007; ALBERTI 2005), the identity perceptions and stereotypes related to their home communities or to the communities which came into contact with the associates of this research. In the analysis section, the data was divided into three categories: (1) History of the Italian-Brazilian Cultural Association; (2) The teaching of the Italian language in Italy Municipal School (1992-2012); (3) Identities and stereotypes in the speech of the respondents. The second main theme was related to the official documents of the federal government and the municipal government regarding foreign language (FL) education and the mentioned cultural role of these teachings in a FL classroom. In the third part of the analysis, the data obtained was related to the concept of identity proposed by sociologist Zygmunt Bauman (2005) and the concept of stereotype proposed by (CROCHIK, 2006; LIPPMANN, 1922; HILGARD et. al., 1989). As will be apparent in this work, the ACIB-RJ was created with the purpose of propagating the Italian language, offering Italian descendants from Rio de Janeiro an education on the language of their forefathers. Besides disseminating the Italian language and culture, the institution sought to facilitate the integration between members of the Italian colony and the Consulate of Italy in Rio de Janeiro. It is also possible to notice that the teaching of the Italian language has contributed in various spheres of life of the students and the school community, which already had a strong Italian heritage. This work aimed to contribute to the recording and documentation of part of ACIB-RJ's history, as well as the enterprise of promoting the Italian identity and culture in Italy Municipal School in Rocha Miranda, in the city of Rio de Janeiro. Finally, with the investigation of the period when Italian was taught at Italy Municipal School, this work sought to reflect on the teaching of Italian as a FL in the context of public school.

Keywords: identities; Italian Brazilian associations; Italian immigration; Italian education; public network.

Machado, Elisa Isabel. *L'Associazione Culturale Italo-Brasiliiana di Rio de Janeiro: storia, identità e pratica d'insegnamento dell'italiano in una scuola pubblica*. 2015. 137f. Tesi (Master) - Facoltà di Filosofia, Lettere e Scienze Umane, Università di São Paulo, São Paulo, 2015.

RIASSUNTO

Il presente studio ha come obbiettivo recuperare una parte della storia dell'Associazione Culturale Italo-Brasiliiana di Rio de Janeiro (ACIB-RJ). Tra le iniziative di quest'istituzione, nell'ambito della divulgazione e della promozione della lingua italiana nello Stato di Rio de Janeiro, questo studio vuole mettere in luce il caso della Escola Municipal Itália, che tra il 1992 e il 2012, offriva l'insegnamento dell'italiano come lingua straniera, dovuto ad un accordo tra il Consolato Italiano di Rio de Janeiro, l'ACIB-RJ e la Segreteria di Educazione della città di Rio de Janeiro. Partendo dalla domanda principale che mi sono posta in questa indagine, ho cercato di capire come si è svolto il processo di implementazione e di insegnamento dell'italiano nella Escola Municipal Itália, sostenuto dall'ACIB-RJ. In questo studio, ho cercato di individuare le condizioni offerte ai docenti per l'insegnamento dell'italiano, i tipi di materiali didattici utilizzati, le difficoltà riscontrate dai professori ed identificare i contributi che l'insegnamento della lingua italiana ha portato alla comunità scolastica studiata. Oltre la creazione del panorama dell'insegnamento dell'italiano nella Escola Itália, ho cercato di identificare, nelle narrazioni degli intervistati ottenute con l'ausilio della metodologia della storia orale (MEIHY; HOLANDA, 2007; ALBERTI, 2005), le percezioni identitarie e gli stereotipi relativi alle loro comunità di origine o alle comunità con le quali hanno avuto contatto. Il capitolo che riguarda le analisi dei dati è suddiviso in tre categorie: (1) storia della fondazione dell'ACIB-RJ; (2) l'insegnamento della lingua italiana nella Escola Municipal Itália (1992-2012); (3) Identità e stereotipi nei discorsi degli intervistati. Ho cercato di collegare la seconda categoria tematica delle analisi dei dati ai documenti ufficiali del governo federale e di quello municipale che riguardano l'insegnamento della lingua straniera (LS) e il ruolo della cultura nella classe di LS. Nell'ultima parte delle analisi, ho collegato i dati ottenuti al concetto di identità proposto dallo sociologo Zigmunt Bauman (2005) e al concetto di stereotipo proposto da (CROCHIK, 2006; LIPPMANN, 1922; HILGARD et. al., 1989). Come sarà possibile vedere in questo studio, l'ACIB-RJ fu creata con l'obiettivo di diffondere la lingua italiana, offrendo ai discendenti di italiani di Rio de Janeiro la possibilità di studiare la lingua dei loro antenati. Oltre alla divulgazione della lingua e della cultura italiane, l'istituzione ha provato ad avvicinare i membri della colonia italiana al Consolato Italiano di Rio de Janeiro. Ulteriormente, sarà possibile vedere che l'insegnamento dell'italiano ha contribuito in diversi ambiti della vita degli studenti e della comunità scolastica che ha un legame storico con l'Italia. Con questo lavoro, speriamo di aver contribuito a documentare una parte della storia dell'ACIB-RJ e registrare una delle sue iniziative, concernente la promozione dell'identità e della cultura italiane. Infine, con lo studio del periodo in cui la lingua italiana è stata insegnata nella Escola Municipal Itália, abbiamo cercato di riflettere sull'insegnamento della lingua straniera nel contesto della scuola pubblica brasiliana.

Parole Chiave: identità; associazioni italo-brasiliane; immigrazione italiana; insegnamento dell'italiano; scuola pubblica.

LISTA DE SIGLAS

ABHO. Associação Brasileira de História Oral

ACIB-RJ. Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro

CLIL. Content and Language Integrated Learning

COMITES. Comitato degli Italiani all'estero

CPDOC. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

FFLCH-USP. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

ICCRIIO. Instituto Italiano de Cultura

IDERIO. Índice de Desenvolvimento da Educação do Rio de Janeiro

LE. Língua Estrangeira

PCN. Parâmetros Curriculares Nacionais

PPC. Proposta Pedagógica Curricular

SENAI. Sistema Nacional de Aprendizagem Industrial

SEPE-RJ. Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro

SME. Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro

UERJ. Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFES. Universidade Federal do Espírito Santo

UFF. Universidade Federal Fluminense

UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro

USP. Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	O PAPEL DOS IMIGRANTES NO ENSINO DA LÍNGUA ITALIANA NO RIO DE JANEIRO	17
1.1	Imigração Italiana no Estado do Rio de Janeiro	17
1.2	A fundação da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro (ACIB-RJ)	21
1.3	O ensino da língua italiana no Rio de Janeiro: Escola Municipal Itália	22
2	IDENTIDADES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS EM HISTÓRIA ORAL	25
2.1	Conceitos de Identidade(s) e Estereótipos	25
2.2	Aspectos culturais no ensino do italiano como língua estrangeira	30
2.3	Narrativas, memórias e identidades na História Oral	35
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	39
3.1	A realização de entrevistas: procedimentos e recomendações	39
3.2	Projeto de História Oral em prática: passos da pesquisa	42
3.3	Participantes da pesquisa	46
4	ANÁLISE DOS DADOS	54
4.1	A ACIB-RJ e o ensino do italiano na Escola Municipal Itália	54
4.1.1	A história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira (ACIB-RJ)	54
4.1.2	O Ensino da língua italiana na Escola Municipal Itália (1992-2012)	62
4.1.3	Identidades e estereótipos	79
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
	REFERÊNCIAS	96
	APÊNDICE A. Carta de apresentação	101
	APÊNDICE B. Termo de consentimento da pessoa como sujeito	102
	APÊNDICE C. Roteiros das entrevistas	103
	APÊNDICE D. Transcrições das entrevistas	107
	APÊNDICE E. Entrevistas escritas (enviadas por <i>e-mail</i>)	134
	APÊNDICE F. <i>E-mails</i> para a coordenação da Escola Municipal Itália	136

INTRODUÇÃO

De acordo com a Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro (SME), as escolas deste município optam, em sua maioria, pelo ensino de inglês e/ou de espanhol como língua estrangeira. Contudo, na contramão de tal informação, de 1992 a 2012, algumas escolas municipais ofereceram o ensino da língua italiana, patrocinado pela Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro (ACIB-RJ), que disponibilizava professores do seu corpo docente para atuarem em tais escolas.

No ano de 2003, quando então frequentava o 4º período da Faculdade de Letras da Universidade Federal Fluminense, fui indicada para participar de um curso de capacitação de professores de italiano, que seria oferecido pela ACIB-RJ, a partir daquele ano. Embora ainda não tivesse concluído a graduação, fui selecionada para a concessão da bolsa de estudos e comecei a frequentar as aulas de língua italiana, literatura e didática, que perfaziam um total de doze horas semanais, durante dois anos. Em 2004, iniciei o trabalho como professora de italiano, pela ACIB-RJ, para crianças de seis a dez anos em uma escola particular da cidade do Rio de Janeiro. Em 2006, comecei a lecionar nos cursos regulares para adultos oferecidos pela associação. Estando a sede da ACIB-RJ dentro do prédio do Consulado Italiano do Rio de Janeiro, durante os anos em que lá estive, pude ter contato com pessoas que participaram da consolidação da ACIB-RJ no papel de instituição difusora da língua e da cultura italianas, seja em seus cursos de língua, seja em tantas outras iniciativas¹. O interesse pelo ensino do italiano culminou no tema desta pesquisa.

Nos anos em que trabalhei como professora de italiano, pude vivenciar as inquietações, dificuldades e motivações que faziam parte do cotidiano dos professores que trabalhavam, em escolas do município do Rio de Janeiro, lecionando a língua italiana. Nos últimos anos da ACIB-RJ, pude testemunhar a instabilidade econômica que se instalou na maioria das instituições que dependiam de subsídios financeiros do governo italiano para o seu funcionamento, devido à crise econômica mundial de 2008. A partir deste ano, o Ministério das Relações Exteriores Italiano reduziu as verbas de auxílio para instituições que promoviam a língua italiana no exterior, em consequência, a ACIB-RJ encerrou suas atividades no segundo semestre de 2012.

Esta pesquisa apresentará um recorte da história da ACIB-RJ, a fim de entender o objetivo do convênio entre esta instituição e a SME do Rio de Janeiro. Dentro deste

¹ Entre essas outras iniciativas, podemos destacar o Coral da ACIB-RJ, o curso de formação para professores que tinha como parceria as universidades italianas (Siena, Veneza). Esses cursos anuais eram frequentados por professores das instituições que ensinavam italiano dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia.

panorama, procurarei, por meio do perfil dos professores e dos alunos, entender a relação entre a ACIB-RJ e a Escola Municipal Itália. A ACIB-RJ era a instituição fonte à qual estavam vinculados os professores de italiano que atuavam em algumas escolas particulares e municipais da cidade do Rio de Janeiro.

A partir das relações identificadas, a investigação se propõe a analisar que papel a língua italiana desempenhou na comunidade escolar pesquisada, em especial as apropriações e trocas identitárias, ligadas ao ensino de italiano em uma escola pública, tendo por empírico o ensino da língua italiana entre os anos de 1992 e 2012, na Escola Municipal Itália, observando-se desde os materiais didáticos utilizados até as percepções dos professores e de outros agentes envolvidos no contexto apresentado sobre a contribuição do ensino do italiano.

Os sujeitos desta pesquisa são: 1) Os dois principais fundadores da ACIB-RJ; 2) pessoas envolvidas no processo de ensino, seja da ACIB-RJ, seja da Escola Municipal Itália, tais como a diretora da escola, a diretora pedagógica da ACIB-RJ, a coordenadora pedagógica da ACIB-RJ, ex-professores que atuaram na Escola Itália e um ex-aluno; 3) os representantes legais do Consulado e da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro no ano de 2012 e 4) A professora-pesquisadora.

Uma das contribuições deste projeto será o registro da documentação da história de uma instituição que por mais de vinte anos trabalhou para a divulgação da língua e da cultura italianas entre os brasileiros e os descendentes de italianos, na cidade e no Estado do Rio de Janeiro. No primeiro levantamento para a pesquisa, constatou-se que, além do seu estatuto, a ACIB-RJ não possuía quase nenhum registro histórico, a não ser as memórias de seus fundadores, muitos deles membros ativos da comunidade italiana da cidade do Rio de Janeiro. Duas colaboradoras deste projeto já faleceram. Uma delas, a professora Caterina Barone, foi de essencial importância para a comunidade italiana no Rio de Janeiro, em especial no funcionamento da ACIB-RJ e na promoção da língua italiana no Estado do Rio de Janeiro. Esta pesquisa, portanto, pretende contar a história desta instituição, através do registro da narrativa de seus fundadores e procura entender, ainda, como se deu o ensino da língua italiana em um contexto de uma escola pública localizada em uma região que apresentava uma forte identidade italiana.

Para recuperar tais histórias, a metodologia da história oral foi utilizada como meio de obtenção dos dados. Um projeto de pesquisa com fundamentação na história oral tem como instrumento privilegiado a produção de entrevistas. Sabe-se que a aplicação da história oral em comunidades e instituições escolares é um meio eficaz de recuperar o seu passado. Ao contar a história da comunidade escolar, principalmente no período em que o italiano fazia

parte da grade curricular, foi possível ter melhor compreensão das manifestações que aconteciam, e que ainda acontecem, na escola estudada, mesmo após o encerramento das atividades da ACIB-RJ como promotora e difusora da língua italiana nas escolas municipais do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa pretende mostrar a importância que a ACIB-RJ teve, por mais de vinte anos, quando atuava como promotora da língua e da cultura italianas, não só para os *oriundi*, como também para alunos de comunidades do Rio de Janeiro. É importante destacar a comunidade escolar que, mesmo com o encerramento das atividades da ACIB-RJ, procura manter viva o elo cultural da escola com a Itália. Assim, configura-se como pergunta norteadora para o desenvolvimento da presente pesquisa: Como se deu o processo de implementação e de ensino do italiano na Escola Municipal Itália entre os anos de 1992 e 2012, apoiados pela ACIB-RJ?

O objetivo geral desta investigação é analisar como se deu o processo do ensino do italiano na escola pesquisada, entre os anos de 1992 e 2012, período em que a ACIB-RJ subsidiou o ensino do italiano na escola e analisar a construção e/ou manutenção da identidade italiana nas comunidades envolvidas na pesquisa. Como objetivos específicos se estão previstos :

- Mapear as condições de trabalho oferecidas ao corpo docente para o ensino de italiano na Escola Municipal Itália, em parceria com a ACIB-RJ e inventariar os materiais didáticos que foram utilizados (livros didáticos, livros de outros tipos, cópias, etc.);
- Situar, no contexto da pesquisa, os professores e os alunos de italiano da Escola Municipal Itália;
- Investigar o papel da língua italiana para a comunidade escolar, em especial para o processo formativo dos alunos.
- Identificar as percepções identitárias e os estereótipos presentes nas narrativas dos participantes da pesquisa, relacionados as suas comunidades de origens e às comunidades a que foram expostos.

Com a recuperação da história do ensino da língua e da cultura italianas na Escola Municipal Itália, será possível entender e caracterizar o contexto do ensino do italiano nesta instituição, no período em que o convênio com a ACIB-RJ vigorou. Essa pesquisa poderá ajudar, ainda, na elaboração de projetos futuros para que a língua italiana volte a fazer parte da cultura escolar da comunidade em questão.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *O papel dos imigrantes no ensino da língua italiana no Rio de Janeiro*, apresenta um resumo da formação da colônia italiana na cidade do Rio de Janeiro e suas características, tendo como base as principais obras relativas ao tema, que foram identificadas na etapa do estado da arte da pesquisa. Ainda neste capítulo, apresentamos o contexto desta pesquisa com a introdução da história da ACIB-RJ e a apresentação da Escola Municipal Itália, que serão retomadas no capítulo de análise dos dados. No segundo capítulo, denominado *Identidades, Memórias e Narrativas em História Oral* são apresentados os conceitos de identidade e de estereótipo e a importância das narrativas recuperadas pela metodologia da história oral.

O terceiro capítulo, *Metodologia da Pesquisa*, contém, em sua primeira parte, os componentes práticos da metodologia da história oral. A segunda parte abrange a descrição da metodologia, com a seleção dos participantes, a elaboração dos roteiros e a realização das transcrições das entrevistas. No quarto capítulo, intitulado *Análise dos dados*, as perguntas de pesquisas e são respondidas. Por fim, nas *Considerações Finais*, são apresentadas as principais conclusões a que este trabalho chegou, suas contribuições para a área pesquisada, suas limitações e, por fim, as sugestões para futuras pesquisas.

1 O PAPEL DOS IMIGRANTES NO ENSINO DA LÍNGUA ITALIANA NO RIO DE JANEIRO

Neste capítulo, apresentamos a comunidade italiana do Rio de Janeiro. Uma das iniciativas dessa comunidade, que muito contribuiu para o desenvolvimento cultural da cidade do Rio de Janeiro e é pouco privilegiada pelos historiadores, foi a criação da Associação Cultural Ítalo-Brasileira (ACIB-RJ) que entre os anos de 1989 e 2012, trabalhou para a difusão da língua e cultura italianas, inclusive para os alunos das escolas municipais do Rio de Janeiro. A história da ACIB-RJ e sua ação na Escola Municipal Itália são aqui introduzidas para serem aprofundadas no capítulo de análise dos dados.

1.1 Imigração Italiana no Estado do Rio de Janeiro

Quando tratamos de imigração italiana, as obras gerais sobre o tema privilegiam as narrativas dos italianos que chegaram ao Brasil e se dirigiram às cidades do sul do país e à cidade de São Paulo. Poucas são as pesquisas que voltam o olhar para os italianos que fizeram e fazem parte da história do Estado e da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com a professora Cléia Schiavo Weyrauch (2009:43):

A história do Rio de Janeiro ainda não registrou com acuidade o papel desempenhado pelos italianos na estruturação da vida institucional da cidade. De fato, os italianos se integraram de tal forma à cidade que a história oficial se esqueceu de pensá-los como estrangeiros.

Dentro deste campo de pesquisa, três livros são de grande importância para o conhecimento da comunidade italiana do Rio de Janeiro: *Travessias Brasil-Itália* (WEYRAUCH; FONTES; AVELLA, 2007), *Deus Abençoe esta Bagunça!: imigrantes italianos na cidade do Rio de Janeiro* (WEYRAUCH, 2009) e *Italianos no Rio de Janeiro* (VANNI, 2000), que apresentam registros da influência dos italianos no Rio de Janeiro.

Durante a pesquisa, foram localizados alguns artigos científicos, principalmente na base de dados de teses e dissertações do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, que abordam a questão dos jornais italianos no Brasil e a atividade de jornalista, característica dos italianos que fixaram residência na cidade do Rio de Janeiro. Outros estudos apontam a criação das associações italianas de mútuo socorro como um traço

característico das colônias italianas. Sobre tais associações, o professor Luigi Biondi (2012:75) afirma que:

A formação de associações italianas de socorro mútuo no Brasil foi parte importante na experiência migratória dos milhares de italianos que se estabeleceram temporária ou definitivamente no País desde as últimas duas décadas do período imperial. Assim como na Itália recém-unificada (1861) também nos locais de imigração os italianos foram sujeitos ativos de processos agremiativos parecidos com os que estavam ocorrendo em suas regiões de origem antes e durante a emigração.

Para a realização desta pesquisa, consultei, ainda, o acervo digital da Biblioteca Nacional, a fim de localizar registros históricos da colônia italiana na cidade. Nesta busca, os periódicos *L'imparziale* de 1882 e *La voce del Popolo* de 1889 aparecem como veículos de comunicação da colônia italiana do Rio de Janeiro. As buscas realizadas no banco de dissertação da CAPES não tiveram resultados positivos para esta investigação.

Tendo por base as obras relacionadas na primeira parte desta seção, apresentamos, a seguir, um apanhado da formação da colônia italiana do Rio de Janeiro.

Embora haja registro da presença italiana, na cidade do Rio de Janeiro, desde as primeiras ondas migratórias para o Brasil, merece relevância o início do século XIX, quando a Corte Portuguesa transferiu-se para o Rio de Janeiro e estimulou a participação dos italianos na vida da cidade, em diversos setores da economia.

Como comerciantes, animaram, a exemplo, a dinâmica do setor alimentício da nossa *urbs* com lojas de produtos comestíveis, casas de pasto (restaurante) e padarias. Importantes foram também os homens de cultura da Itália que chegaram à cidade trazendo em suas bagagens a secular influência italiana na língua, na música e na cultura em geral. (WEYRAUCH, 2009: 39)

A chegada de Teresa Cristina de Bourbon, em 1843, vinda de Nápoles, constituiu-se em outro marco importante para a colônia italiana do Rio de Janeiro, uma vez que ela trouxe consigo intelectuais, artesãos, artistas e cientistas, oriundos de diversas localidades da Itália, enriquecendo, assim, a vida cultural e científica brasileiras. De acordo com o historiador Julio Vanni (2000:42):

Dom Pedro II vendo a experiência das primeiras colônias de alemães, suíços e belgas no sul do País e na serra fluminense, facilitou a vinda de italianos, desde que viessem por conta própria. Assim aconteceu. Com esta liberação, além do pessoal recomendado pela Imperatriz, começaram a chegar, também, trabalhadores braçais e agricultores, que possibilitariam a criação da *Colônia Vallones dos Reados*², em

² Em conversa informal, no Consulado Italiano do Rio de Janeiro, o historiador Julio Vanni afirmou que sua equipe estaria investigando alguns documentos para que se confirmasse, ou não, a hipótese de que a colônia *Vallones dos Reados* encontrava-se na área hoje conhecida como Rocha Miranda, bairro onde está situada a Escola Municipal Itália.

1847, com 329 famílias, a primeira colônia italiana no interior da Província.

Alguns historiadores atribuem o nascimento oficial da colônia italiana do Rio de Janeiro à fundação, em 1854, da *Società Italiana di Beneficenza*, que teve como primeiros sócios o Imperador Dom Pedro II e sua esposa Teresa Cristina. De acordo com Angelo Trento (1989), a associação contou, em seu início, com 126 sócios, um número significativo ao se levar em consideração o número reduzido de membros da colônia italiana naquela data. A referência de Angelo Trento à vida associativa dos italianos no Brasil é a de que “[...] teve um começo muito precoce, mesmo antes que se iniciasse o fenômeno da imigração em massa³.” (TRENTO, 1989: 170). Sobre o marco oficial do nascimento da colônia italiana do Rio de Janeiro, a professora Cléia Schiavo Weyrauch afirma que:

[...] já na primeira metade do século XIX importantes refugiados italianos aportaram no Brasil, muitos deles no Rio de Janeiro, onde se reuniram em torno do jornal *La Giovane Italia*, de tendência Mazziniana. Com eles, nasceu oficialmente a colônia italiana, por meio da primeira sociedade surgida no Brasil, a *Itália Unita*, cujo programa aparentemente de mútuo socorro era o de alimentar uma campanha pela redenção nacional. (WEYRAUCH, 2007:56)

Assim como ocorreu no restante do Brasil, o crescimento da colônia italiana no Rio de Janeiro se deu com o fenômeno chamado a grande imigração, entre os anos de 1887 a 1901. Na cidade do Rio de Janeiro, “[...] a grande maioria era formada por meridionais, principalmente das Províncias⁴ de Cosenza, Potenza e Salerno, em número menor, e de Nápoles, Caserta e Reggio Calábria” (TRENTO, 1989: 102). Tal fenômeno, continua o autor, remonta à chegada de Teresa Cristina de Bourbon ao Rio de Janeiro, vindo também ela da região meridional italiana.

Os italianos foram de grande importância para a cidade do Rio de Janeiro, não somente no campo das artes, como também em outras áreas. A professora Cléia Schiavo Weyrauch nos lembra que :

Quando a grande leva de italianos chegou ao Rio de Janeiro na virada do século XIX-XX, esses imigrantes encontraram uma metrópole que deles precisava para se consolidar. Ajudaram a construí-la, acompanhando a expansão de suas fronteiras urbanas e agrícolas; e mais, contribuíram para um modo de vida que perdura até hoje, apesar da atual crise urbana. A cidade, naquela época, possuía um expressivo parque industrial, como também uma pujante produção agrícola que atendia ao mercado interno e até ao externo, com a citricultura. Tudo reforçado por um poderoso setor de serviços devido ao fato de ser a cidade do Rio de Janeiro a capital federal do Brasil. (WEYRAUCH, 2009:38)

³ Período entre os anos de 1887 a 1901.

⁴ A Itália é dividida em vinte regiões. Cada região é dividida em províncias que são compostas pelas comunas / cidades (*i comuni*).

Dentre as atividades desenvolvidas pelos italianos na cidade do Rio de Janeiro, três campos se destacam: o fabril, o de negócios e o rural. Alguns calabreses, pela experiência anterior em sua terra natal, enriqueceram com a produção de carvão. O assentamento *Piccola Calabria*, em Nova Iguaçu, exemplifica a ascensão desses imigrantes que, de colonos carvoeiros, passaram a proprietários e arrendatários de terra (WEYRACH, 2009). Além da carvoaria, os italianos trabalharam como marceneiros, entalhadores, agricultores, vendedores de frutas, engraxates, sapateiros, mascates, arquitetos, músicos, entre outros: “Analfabetos em sua maioria, chegaram a vender livros e revistas gravando na memória apenas os títulos dos principais artigos” (WEYRACH, 2009:98).

Na cidade do Rio de Janeiro, os descendentes de italianos mantêm uma tradição iniciada em 1859: a distribuição de jornais. Para o autor Gabriel Costa Labanca (2010), a entrada massiva dos imigrantes italianos na distribuição de venda de periódicos no Rio de Janeiro não foi consequência da cultura ou das técnicas trazidas em suas bagagens e, sim, uma estratégia de sobrevivência. Segundo o autor Gilson Rebello (1987⁵ apud WEYRAUCH, 2009: 104):

[...] os imigrantes da Calábria eram atraídos por uma rede de amigos que lhes ofereciam empregos no negócio de venda de jornais. Quando isso não acontecia, entravam no negócio por convite de outros jornaleiros, que lhes acenavam para a aventura das vendas nos bondes que cruzavam a cidade. Na verdade, os jornaleiros calabreses sucederam aos negros que, em 1859, iniciaram a venda de jornais avulsos nos logradouros públicos, divulgando as ideias liberais através do jornal *A Atualidade*.

Sobre esta atividade característica dos imigrantes italianos e de seus descendentes, importante para entender algumas falas dos colaboradores desta pesquisa, destacamos a fala de Viktor Chagas (2013) :

[...] a entrada e a consolidação do imigrante italiano no mercado de distribuição de publicações impressas no Brasil é mais fortuita do que decorrente de experiência prévia no exterior. Contribuíram para isso, no entanto, não só a qualificação do trabalho do jornaleiro como serviço braçal (i.e. não-intelectual, como o do jornalista), mas também, e sobretudo, a falta de regulação da atividade - o que permitiu a ampliação da categoria nas bases do mercado informal de então. Mesmo que iletrados e não-versados no idioma pátrio, o português, os imigrantes italianos introduziram um caráter de mobilização política e organização sindical bastante refinado aos moldes do que se praticava na época no país. Pode-se afirmar que sua influência foi decisiva para o fortalecimento político e para as conquistas subsequentes dos trabalhadores do setor. (CHAGAS, 2013:34)

⁵ REBELLO, Gilson. *O Rio de banca em banca: a história dos jornaleiros no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: O Dia, 1987.

Diferentemente de outras cidades brasileiras, que possuíam bairros exclusivamente italianos, a ocupação dos italianos no município do Rio de Janeiro deu-se em todas as regiões da cidade. Dentre os bairros com presença italiana, podemos destacar: Bangu, Santa Cruz e Campo Grande, na zona oeste da cidade; Gávea, na zona sul, e a chamada Calábria Carioca, o bairro de Santa Teresa, na região central da cidade. Sobre a presença da comunidade italiana neste último bairro, a professora Cléia Schiavo Weyrauch chama a atenção para o fato de que:

Regularmente, os *oriundi* de Santa Teresa organizam visitas à Calábria, Fuscaldo, Paola e outras cidades, a fim de manter vivas as origens celebradas na Calábria Carioca com a Festa da *Mamma*, as danças do grupo ArcoBaleno e outras festas que acontecem na Associação Calabresa. (WEYRAUCH, 2007: 59)

A importância da comunidade italiana na formação da cidade e do Estado do Rio de Janeiro foi reconhecida em 2005, quando a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro aprovou a lei 3009/2005 instituindo o dia 04 de setembro como o “Dia do Imigrante Italiano”⁶. A data escolhida recorda a chegada da princesa Teresa Cristina ao Rio de Janeiro: 04 de setembro de 1843. Uma das iniciativas da comunidade italiana do Rio de Janeiro foi a criação da ACIB-RJ que, entre os anos de 1989 e 2012, divulgou o ensino da língua e promoveu a cultura italiana em diversas regiões da cidade e do Estado do Rio de Janeiro.

1.2 A fundação da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro (ACIB-RJ)

Entre os anos de 1950 e 1980, os órgãos oficiais do governo italiano, para o ensino da língua italiana na cidade do Rio de Janeiro, eram o Instituto Italiano de Cultura (ICCRIO) e a Escola Italiana Guglielmo Marconi. Entretanto, tais instituições não atendiam aos anseios da colônia italiana do Rio de Janeiro, formada, em sua maioria, por pessoas provenientes do sul da Itália e que possuíam recursos financeiros limitados. A Escola Guglielmo Marconi, que funcionou de 1982 a 1994⁷, era inacessível, por questões financeiras, para a maioria dos membros da comunidade italiana. Esta escola caracterizava-se por ser exclusiva para crianças, filhos de empresários, funcionários e diplomatas a serviço do governo italiano, em sua maioria, e que podiam pagar as altas mensalidades.

⁶ Um exemplo da relação dos imigrantes italianos com o Rio de Janeiro é a Paróquia São Francisco de Paula, fundada em 1959 na Barra da Tijuca, adotada pelos jornalistas italianos e seus descendentes. Para saber mais disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/carioca-com-sotaque-italiano-frei-dino-comemora-50-anos-de-vida-sacerdotal-15395851.html>>. Acesso em Out/2015.

⁷ Para saber mais, consulte: <http://dati.camera.it/ocd/aic.rdf/aic4_06364_12>. Acesso em out/2015.

Diante do cenário anteriormente apresentado, Vicente Scofano, filho de imigrantes calabreses, e Corrado Bosco apresentaram o problema da falta de opções de cursos de língua, que fossem acessíveis aos membros da colônia italiana do Rio de Janeiro, ao cônsul em exercício, na época, Ignazio di Pace. Após analisar a situação, o diplomata deu-lhes a conhecer a lei italiana de número 153/71, que garantia aos italianos e aos seus descendentes, no exterior, subsídios e meios legais para que pudessem ser criados e geridos cursos de língua e cultura italianas voltadas para este público.

Posteriormente, a lei 153/71 foi apresentada ao *Comitato degli Italiani all'estero* (COMITES) do Rio de Janeiro, grupo de italianos, eleito pela comunidade para sua representação junto ao consulado, para que a analisassem e traçassem um plano para sua implementação no Rio de Janeiro. Logo após o exame da lei, o COMITES aprovou a iniciativa de criação de cursos de italiano para os descendentes e pediu apoio diplomático e financeiro ao consulado, para a criação da ACIB-RJ. Era o ano de 1988 e, visto que a professora Caterina Barone era a única integrante do COMITES, à época, que possuía formação na área do magistério, coube a ela a organização de toda a parte didática da ACIB-RJ, desde a seleção dos professores, até a escolha do material didático que seria utilizado nos cursos.

Mesmo com o apoio do consulado ao projeto de implementação da ACIB-RJ, seus fundadores encontraram alguns desafios, como por exemplo, locais apropriados para o funcionamento dos cursos de italiano. Sendo assim, por influência de Vicente Scofano, o cônsul Ignazio di Pace entrou em contato com o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, na época Marcello Alencar, que disponibilizou, por meio de um convênio com o consulado, cerca de sessenta salas de aulas, de escolas municipais, em diversos bairros do município do Rio de Janeiro, para que as aulas de italiano fossem ministradas no período noturno. (SCOFANO, 2012: inf. verbal). Em contrapartida, a ACIB-RJ cederia professores do seu quadro docente para ministrarem aulas de italiano para crianças em algumas escolas municipais. De acordo com os entrevistados, (SCOFANO, 2012; BARONE, 2012; OLIVEIRA, 2012) o critério adotado para a seleção das escolas que teriam o ensino da língua italiana foi ter o nome relacionado à Itália⁸.

Durante os anos em que funcionou, a ACIB-RJ ofereceu cursos para a comunidade italiana e para os brasileiros sem ascendência italiana em diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro e em outras cidades do Estado, tais como Niterói, Petrópolis e Nova Friburgo.

⁸ Em um primeiro momento, a Escola Municipal Itália, em Rocha Miranda, e a Escola Municipal Roma, em Copacabana, foram as primeiras escolas a terem o italiano em suas grades curriculares.

Na próxima seção, ofereceremos uma apresentação inicial da Escola Municipal Itália, que será retomada no capítulo de análise dos dados.

1.3 O ensino da língua italiana na Escola Municipal Itália

Em seu mapeamento do ensino da língua italiana no Brasil, o pesquisador Fábio Zorzan⁹ apresenta-nos a atual situação do ensino do italiano na cidade do Rio de Janeiro:

Na cidade do Rio de Janeiro, o ensino de LI não consta no currículo escolar. No entanto, por cerca de vinte anos algumas escolas municipais tiveram o ensino de LI inserido no horário escolar graças a um acordo entre a Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro (ACIB-RJ) e a prefeitura da cidade. Atualmente, sabe-se da existência do ensino de LI em uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro que funciona no regime chamado de “Ginásio Experimental Carioca”. (ZORZAN, 2015: 33)

A Escola Municipal Itália está localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Rocha Miranda, que possui referências à Itália, como, por exemplo, o nome da sua avenida principal, a Avenida dos Italianos. De acordo com o pesquisador Júlio Cezar Vanni (2000), o bairro de Rocha Miranda provavelmente foi um dos lugares onde se estabeleceram os italianos que chegaram ao Rio de Janeiro no século XIX, como acenado na primeira parte deste capítulo. Segundo o relato da diretora da escola, a professora de História Marta Martins de Oliveira (2012a), a Escola Itália foi criada em 1954 e sempre teve prestígio, devido à forte presença da comunidade italiana que vivia em suas adjacências.

A Escola Itália foi desativada em 1972, devido a uma série de problemas estruturais e sociais da região. No entanto, por forte pressão da comunidade, a prefeitura ergueu um novo prédio e inaugurou novamente a escola em 1983. Em 1987, a professora Marta Martins de Oliveira assumiu a direção da instituição, cargo em que permaneceu até a época da coleta de dados desta pesquisa, por escolha da comunidade.

Como referido anteriormente, a língua italiana começou a fazer parte da grade curricular da Escola Itália em 1992, com a assinatura do convênio entre o Consulado Italiano do Rio de Janeiro, a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e a ACIB-RJ. No início da implementação das aulas de italiano, poucas turmas foram selecionadas, em caráter de experiência. Com o passar dos anos e até o final de 2009, a língua italiana foi ensinada em

⁹ Em sua dissertação de Mestrado, o autor apresenta um mapeamento da presença do ensino de italiano nos municípios brasileiros. Mais informações disponíveis em ZORZAN, 2015.

todas as turmas da escola, nos dois turnos diários. A partir de 2010, após a reestruturação da ACIB-RJ, e até o segundo semestre de 2012, a língua italiana foi ensinada para a totalidade dos alunos do 6º ano e para poucas turmas do 7º ano.

Por meio de uma festa típica, na qual alguns representantes do consulado italiano se fazem presentes para prestigiar, a escola procura estreitar seus laços com a Itália. Um dos destaques da festa é a apresentação do coral da escola cantando o hino italiano. Além disso, comidas típicas e representações artísticas são apresentadas para toda a comunidade escolar. Em sua dissertação, Fábio Zorzan (2015) descreve a forma como a direção da Escola Municipal Itália procura aproximar os alunos da cultura italiana:

[...] o que chama mais a atenção é o valor que a diretora da escola dá à cultura italiana dentro do espaço escolar. Por exemplo, assim que se entra na escola, depara-se com as bandeiras do Brasil, do Rio de Janeiro e da Itália. Há placas espalhadas por todo o pátio com dizeres em italiano. Toda a pintura ou decoração que se faz na escola remete às cores da bandeira tricolor, assim, podem-se ver as paredes e o chão do pátio, pintados de verde, pastilhas que decoram algumas paredes da escola nas cores branca, vermelha e verde e cadeiras pintadas de vermelho no refeitório para combinar com as toalhas quadriculadas em verde e branco postas sobre a mesa. (ZORZAN, 2015:70-71)

Por todos esses fatos, mesmo o bairro tendo perdido muitos de seus membros italianos, a escola continua a atrair estudantes descendentes de italianos que ainda moram naquela região. Quando os dados desta pesquisa foram coletados, a escola contava com cerca de quarenta alunos de sobrenomes italianos.

O presente capítulo teve por desafio apresentar a comunidade italiana da cidade do Rio de Janeiro a partir de referências acadêmicas - livros, artigos, dissertações e teses - que têm como foco essa colônia. O que se observou é que a imigração italiana ainda é pouco explorada pela historiografia do Brasil, e instituições como a Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro (ACIB-RJ), bem como suas relações culturais com a sociedade, têm histórias ainda a serem investigadas.

Um dos desdobramentos desse projeto implementado na década de 1990 foi o ensino da língua italiana, pela ACIB-RJ, na Escola Municipal Itália, entre os anos de 1992 e 2012, objeto de estudo desta dissertação. Esse processo de trocas identitárias tornou-se evidência para compreender uma possível relação de apropriação cultural no cenário escolar pesquisado. A investigação, aprofundada nos próximos capítulos, utilizou a metodologia da história oral como ponto de partida para a análise dos dados obtidos por entrevistas, com diferentes agentes que consolidaram o processo de ensino e aprendizagem cultural por meio da língua, considerado o maior patrimônio imaterial de um grupo social.

2 IDENTIDADES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS EM HISTÓRIA ORAL

Neste capítulo, expomos, primeiramente, os conceitos de identidade e de estereótipo que serviram de auxílio para a análise dos dados obtidos nesta pesquisa. Em seguida, explicamos a metodologia da história oral usada como recurso de recuperação da memória de narrativas e instituições. Por fim, apresentamos alguns aspectos do ensino da cultura em sala de aula de língua estrangeira.

2.1 Conceitos de Identidade(s) e Estereótipos

Durante a coleta dos dados, em determinadas narrativas, deparamo-nos com a questão da identidade e dos estereótipos ligados às comunidades de origens dos entrevistados e àquelas com as quais eles entraram em contato. Para tentar compreender alguns trechos dos discursos dos participantes, faz-se necessária uma pequena explanação sobre esses dois conceitos.

O conceito de identidade é estudado em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais. Em seu livro *Identidade*, Zygmunt Bauman (2005), ao responder a Benedetto Vecchi sobre o tema central do livro, narra sua experiência ao ganhar o título de doutor *honoris causa* na Universidade de Praga, em que tradicionalmente o hino nacional do país da pessoa condecorada é executado durante a cerimônia. Ao ter que escolher o hino a ser utilizado, Bauman se viu no dilema de ter que escolher entre o hino do país em que nasceu, a Polônia, ou do país que o havia acolhido, a Grã-Bretanha.

[...] na Grã-Bretanha, eu era um estrangeiro, um recém-chegado - não fazia muito tempo, um refugiado de outro país, um estranho. Depois disso, naturalizei-me britânico, mas, uma vez recém-chegado, será possível abandonar essa condição algum dia? Eu não tinha a intenção de que me confundissem com um inglês, e meus alunos e colegas jamais tiveram dúvida de que eu era um estrangeiro, mais exatamente um polonês. (BAUMAN, 2005:15)

Após as reflexões acerca de qual hino escolher, Bauman aceitou a sugestão de sua companheira, optando pelo hino europeu. Ele relata que tal escolha foi ao mesmo tempo includente e excludente:

[...] referia-se a uma entidade que abraçava os dois pontos de referência alternativos da minha identidade, mas ao mesmo tempo anulava, por pouco relevantes ou mesmo irrelevantes, as diferenças entre ambos e assim, também, uma possível 'cisão

identitária'. Tirava da pauta uma identidade definida em termos de nacionalidade - o tipo de identidade que me foi negado e tornado inacessível. (BAUMAN, 2005: 16)

A narrativa deste episódio explicita alguns impasses que tornam a identidade um tema de “graves preocupações e agitadas controvérsias” (BAUMAN, 2005:16). O autor resume a tarefa de uma pessoa em busca de identidade como “alcançar o impossível”. Fundamentais no processo identitário, as comunidades são definidas por Bauman (2005) como entidades de referência quando tentamos definir nossa identidade. Ele identifica dois tipos de comunidade: as comunidades de vida e as comunidades de destino. A primeira é caracterizada por sujeitos que “vivem juntos numa ligação absoluta” (Idem, 2005:17). As comunidades de destino, por sua vez, são “[...] fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios” (Ibidem, 2005: 17).

Para o autor, a questão da identidade surge somente quando o sujeito entra em contato com as comunidades de destino, “[...] apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a 'comunidade fundida por ideias' a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural” (BAUMAN, 2005:17). Tal exposição às comunidades de destino conscientiza o indivíduo das questões de pertencimento e identidade.

Tornamo-nos conscientes de que o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o 'pertencimento' quanto para a 'identidade'. (BAUMAN, 2005:17)

Em uma sociedade definida por Bauman (2005:32) como líquido-moderna, a identidade pode ser caracterizada como “[...] um monte de problemas, e não uma campanha de tema único”. O sociólogo prossegue afirmando que vivemos em um mundo fragmentado e nossa existência é um recorte da sucessão de episódios que vivenciamos e que se conectam fragilmente. O autor afirma que, no decorrer da nossa vida, somos expostos a inúmeras “comunidades de ideais e princípios” tendo, com isso, dois desafios relacionados à identidade: o primeiro seria “[...] a consistência e continuidade da nossa identidade com o passar do tempo [e a] [...] coerência daquilo que nos distingue como pessoas” (BAUMAN, 2005:19). A título de exemplificação, Bauman (2005) apresenta sua colega de trabalho, Agnes Heller, que em uma de suas conversas confidenciou que “[...] sendo mulher, húngara, judia, norte-americana e filósofa, estava sobrecarregada de identidades demais para uma pessoa” (Idem, 2005:19).

A conclusão de Agnes Heller aponta para uma das características do conceito de

identidade muito presente na obra do sociólogo: a fluidez. O autor afirma que “As 'identidades' flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta” (BAUMAN, 2005:19). Tal característica sinalizada por Bauman (2005) remete ao que declara Stuart Hall em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011). Stuart Hall afirma que as sociedades modernas passam por uma reestruturação que está “[...] fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2011:09). Essa fragmentação, para Hall (2011), reflete-se, também, na identidade pessoal. Se antes o sujeito era integrado, hoje ele passa a ser fluido, fragmentado. A ideia de identidade nasce, para Bauman (2005) da crise de pertencimento, na busca e manutenção das nossas referências de comunidade e de nossas identidades em constante movimento.

No campo da identidade, o conceito de identidade nacional é apresentado por Bauman (2005) com uma citação de Genevière Zubrzycki¹⁰, que faz um levantamento de tal definição nas interpretações cívicas e étnicas:

Segundo o modelo cívico da nacionalidade, a identidade nacional é puramente política. Nada mais é do que a escolha do indivíduo de pertencer a uma comunidade baseada na associação de indivíduos de opinião semelhante. A versão étnica, ao contrário, sustenta que a identidade nacional é puramente cultural. A identidade é dada ao nascer; ela se impõe sobre o indivíduo. (ZUBRZYCKI, 2002, apud BAUMAN, 2005:66)

A questão da percepção sobre a própria identidade nacional é importante para essa pesquisa, pois aparece na análise dos dados, em algumas falas dos colaboradores, quando eles descrevem as características da colônia italiana do Rio de Janeiro e falam da questão do pertencimento ou não a uma “coletividade nacional” italiana. O tema aparece, ainda, na fala dos participantes desta pesquisa, ao descreverem o papel da cultura italiana no processo de ensino do italiano na Escola Municipal Itália.

Sendo a identidade nacional um produto cultural, Bauman (2005) chama a atenção para o fato de os termos cultura e identidade possuírem múltiplas definições nas diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais. Para o autor, a cultura é um produto residual das escolhas dos seres humanos (BAUMAN, 2005). Stuart Hall (2011) afirma, por sua vez, que as culturas em que um indivíduo nasce são suas principais fontes de identidade cultural:

¹⁰ ZUBRZYCKI, Genevière. The Classical Opposition between Civic and Ethnic Models of Nationhood: Ideology, Empirical Reality and Social Scientific Analysis. *Polish Sociological Review*, 3, 2002, p.275-295.

Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não são literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nela como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, 2011:47)

Em outras palavras, as identidades nacionais não são características com as quais nascemos. Elas são formadas e transformadas, de acordo com Hall (2011), no interior da representação: “Nós só sabemos o que significa ser 'inglês' devido ao modo como a 'inglesidade' (Englishness) veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa” (HALL, 2011:49). A cultura nacional é definida por ele como “[...] um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (Idem, 2011:51). Sendo assim, os símbolos, a língua, o modo de pensar e o modo de agir de uma cultura nacional “[...] ao produzirem sentido sobre uma nação, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidade” (Ibidem, 2011: 51).

Na contramão da identificação e do pertencimento a uma comunidade, temos o estereótipo como realidade também presente na construção da identidade de um indivíduo que, como veremos mais detalhadamente a seguir, é um produto cultural não só da comunidade a que pertencemos ao nascer, como também daquelas a que somos expostos durante a nossa existência. Por serem assimilados sem uma prévia experiência ou reflexão, e utilizados quando nos deparamos com o novo, uma nova comunidade de destino por exemplo, os estereótipos geram, muitas vezes, preconceito, exclusão e discriminação. Sobre os estereótipos Crochík (2006:67) observa que:

[...] o indivíduo se constitui em uma identidade, não a tem desde o princípio. Antes mesmo de se identificar com o seu nome, o indivíduo participa de relações sociais que lhe dão sentido. [...] Ele se constrói em relação a um mundo social já construído que tem predominância sobre ele.

Estas relações sociais/culturais são transmissoras das identidades e dos estereótipos. O termo estereótipo significa, originalmente, uma placa metálica de caracteres fixos destinada à impressão em série. Maria Manoel Lima (1997) afirma que o termo estereótipo foi introduzido nas Ciências Sociais pelo jornalista Walter Lippmann, em 1922, na obra *Opinião Pública*. Com relação aos estereótipos, Lippmann afirma:

De modo geral, nós não vemos e depois definimos. Primeiramente, nós definimos e depois vemos. No grande florescimento e borbulhante confusão do mundo exterior, nós captamos o que nossa cultura já definiu para nós e tendemos a perceber aquilo

que foi captado de forma estereotipada em nossa cultura¹¹. (LIPPMANN, 1922: 81. [Tradução da autora])

O conceito de estereótipo contribuiu para a análise dos dados coletados, tendo como foco a identidade italiana nas falas dos entrevistados de origem italiana e daqueles que caracterizavam o povo italiano. Além dessa contribuição, o conceito foi utilizado, ainda, na análise das falas de um entrevistado referentes aos alunos de escola pública. No livro *Introdução à Psicologia* (HILGARD *et. al.*, 1989), o estereótipo é classificado da seguinte forma:

[...] generalização tendenciosa, geralmente relacionada a um grupo social ou étnico, na qual se atribuem erroneamente aos indivíduos traços que não possuem. Assim, um sujeito pode ter um conceito estereotipado dos italianos ou dos escoceses, que distorce a sua percepção acerca da singularidade de um indivíduo italiano ou escocês. (HILGARD *et. al.*, 1989:675)

Sendo os estereótipos um produto cultural, suas agências transmissoras, como ressaltava Crochík (2006), são a família, a escola e os meios de comunicação de massa, entre outros. A utilização dos estereótipos pode ser vista, muitas vezes, como um mecanismo de defesa, uma resposta rápida que damos ao sermos confrontados com as diferentes comunidades de destino, caracterizadas anteriormente neste capítulo, a que somos expostos durante a nossa vida.

Ao utilizar um estereótipo, evitamos a reflexão sobre o mundo social e sobre nós mesmos, optando por lugares-comuns ao nos deparar com uma nova comunidade ou um novo contexto. Em relação a tal uso dos estereótipos, Crochík (2006:23) analisa:

A indústria cultural dá os clichês que permitem ao indivíduo não ter de enfrentar a ansiedade presente na reflexão e na experiência. Assim, aquilo que se discute não provém imediatamente dos indivíduos, mas da experiência já categorizada e previamente valorizada.

Para Maria Manoel Lima (1997), os elementos mais importantes na formação dos estereótipos são as standardizações culturais e as normas sociais, absorvidas durante o processo de socialização. A autora, apresenta, ainda, o uso dos estereótipos na construção e reconstrução de memórias:

[...] os estereótipos permitem não só construir a memória acerca de um indivíduo ou situação em particular, como também são usados na reconstrução da memória a respeito de determinados indivíduos ou acontecimentos, alterando frequentemente a

¹¹ For the most part we do not first see, and then define, we define first and then see. In the great blooming, buzzing confusion of the outer world we pick out what our culture has already defined for us, and we tend to perceive that which we have picked out in the form stereotyped for us by our culture.

sua realidade de modo a que estes se encontrem de acordo com o estereótipo que já se detém. De acordo com Renn e Calvert (1993), 'a natureza construtiva da memória é influenciada pela base de conhecimentos e expectativas do indivíduo, mais geralmente designada por esquema'. (LIMA, 1997:171)

Para a conclusão desta seção, é importante ressaltar os mecanismos cognitivos presentes na base da formação dos estereótipos. Fiorella Giacalone (1994) identifica três desses mecanismos, classificando-os da seguinte maneira: o primeiro deles é a generalização, ou seja, atribuir ao indivíduo as características de um grupo, não levando em consideração as particularidades e singularidades de cada sujeito. O segundo mecanismo é reduzir o outro a uma única característica distintiva formando, assim, uma imagem extremamente simplificada e não autêntica daquele indivíduo. Por fim, o terceiro e último mecanismo individualizado pela autora é o amalgamar, isto é, reduzir o desconhecido a conhecido assemelhando-o a uma prática encontrada na vida quotidiana.

As questões da identidade e dos estereótipos são úteis não apenas para a compreensão das percepções dos imigrantes e descendentes italianos nas entrevistas coletadas, mas também na sala de aula de língua estrangeira que contempla o desenvolvimento da competência intercultural dos aprendizes.

2.2 Aspectos culturais no ensino do italiano como língua estrangeira

Para entender o processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, dois conceitos são de fundamental importância: língua e cultura. Nesta pesquisa, nos ateremos ao conceito de cultura e suas implicações em uma sala de aula de língua estrangeira.

Em seu livro, *Ensaio sobre o conceito de cultura*, Bauman chama a atenção para a “inexorável ambiguidade do conceito de cultura” (2012:131) e afirma que essa ambiguidade é fruto “[...] tanto da maneira como as pessoas definem a cultura quanto da incompatibilidade das numerosas linhas de pensamento que se reuniram historicamente sob o mesmo termo” (BAUMAN, 2012:131). Nesta obra, o sociólogo traça um panorama da definição de cultura e suas implicações nas Ciências Sociais. Tendo definido anteriormente a identidade como fluida, Bauman (2012:132), nesta obra, caracteriza cultura como “termo livremente flutuante” entre múltiplas disciplinas.

Entre as definições do termo cultura repassadas e explicadas por Zigmunt Bauman (2012), vale a pena ressaltar a de Edward Sapir¹² em que ele afirma que:

[...] entre uma cultura que encarna 'qualquer elemento socialmente herdado na vida do homem' e outra que 'se refere a um ideal bastante convencional de refinamento individual', a mesma palavra aparece em dois campos semânticos distintos: no primeiro caso, opõe-se ao 'estado da natureza', ou seja, à falta de um conhecimento tradicional socialmente hereditário; no segundo, é contrastado com a rudeza determinada pela negligência ou falha dos processos de refinamento (educacionais). (SAPIR, 1949, apud BAUMAN, 2012:168)

Bauman (2012) prossegue afirmando que o termo cultura está “[...] profundamente arraigado na camada comum pré-científica da mentalidade ocidental” (BAUMAN, 2012:142). Usamos “falta de cultura” ao reprovar uma pessoa que não consegue responder aos padrões de seu grupo, enfatizamos que a “transmissão de cultura” é a principal função das instituições educacionais e classificamos, muitas vezes, aqueles com quem fazemos contato por seu “nível cultural” (BAUMAN, 2012:142).

Se o distinguimos como uma 'pessoa culta', em geral queremos dizer que ele é muito instruído, educado, cortês, requintado acima de seu estado 'natural', nobre. Presumimos tacitamente a existência de outros que não possuem nenhum desses atributos. Uma 'pessoa que tem cultura' é o antônimo de 'alguém inculto'. (BAUMAN, 2012: 175)

Em termos gerais, Werner Jaeger (2013:5) define cultura como “[...] a totalidade das manifestações e formas de vida que caracterizam um povo”. Na mesma linha, Bauman (2012:199) afirma que “[...] a cultura é de fato um sistema fechado de características que distingue uma comunidade de outra”. Vian Junior (2012) caracteriza tais manifestações de uma comunidade em três pontos. No primeiro, encontramos os chamados produtos culturais: literatura, arte, folclore, cinema e música, entre outros. No segundo, encontramos as ideias: crenças, valores, representações e instituições. Por último, os comportamentos: costumes, hábitos, alimentação e vestuário, entre outros. Para uma educação intercultural, o ensino de cultura, em uma sala de aula de língua estrangeira, deveria contemplar todas as subdivisões apresentadas pelo autor, levando o aluno a refletir a respeito da cultura a que é exposto e aquela na qual está inserido.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a aprendizagem de língua estrangeira é vista não somente como um “exercício intelectual” (BRASIL, 1998:38) de aquisição de formas e estruturas linguísticas. A aula de língua estrangeira (LE) é caracterizada também

¹² SAPIR, Edward. *Culture, Language and Personality*. University of California Press, 1949:79-80.

como “[...] uma experiência de vida, que amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo” (BRASIL, 1998:38).

Experiência que deveria significar uma abertura para o mundo, tanto o mundo próximo, fora de si mesmo, quanto o mundo distante, em outras culturas. Assim, contribui-se para a construção, e para o cultivo pelo aluno, de uma competência não só no uso de línguas estrangeiras, mas também na compreensão de outras culturas. (BRASIL, 1998:38)

O ensino de língua estrangeira na escola pública pode proporcionar aos alunos uma maior compreensão do contexto social em que vivem e despertar o interesse por outras culturas e modos diferentes de interpretar a realidade. Expor um aluno à diversidade cultural de um país é ajudá-lo a :

[...] construir uma compreensão mais real do que é a complexidade cultura de um país e também uma percepção crítica das tradicionais visões pasteurizadas e unilaterais de uma cultura (por exemplo, as visões tradicionais de que os ingleses tomam chá às cinco horas da tarde ou de que todos são extremamente polidos). (BRASIL, 1998:48)

A visão de que o ensino de línguas deve proporcionar uma perspectiva crítica sobre as visões estáticas da cultura alheia, também é abordada no documento da Secretaria Municipal de Educação (SME) do Rio de Janeiro no que se refere ao ensino de línguas estrangeiras. O documento afirma que o “[...] conceito geral de cultura precisa ser considerado como base do ensino de uma língua estrangeira” (RIO DE JANEIRO, 2008:15). Segundo o documento:

[...] “a língua não é um fim em si, mas, ao contrário, um ponto de entrada num mundo estrangeiro multidimensional”¹³. Portanto, as relações língua-cultura-história-poder devem ser explicitadas desde o início para que a aprendizagem passe a ter sentido para o aluno. (RIO DE JANEIRO, 2008:15)

Para a SME do Rio de Janeiro, “[...] compreender uma língua é entrar no universo da significação de um grupo social, tentando entender as condições de produção do discurso, para partilhar com ele sua forma de ler e escrever o mundo” (RIO DE JANEIRO, 2008:15). No referido documento, o papel da língua estrangeira em sala de aula é assim definido:

[...] disciplina voltada à sensibilidade do aluno e à reflexão a respeito da realidade/atualidade, a partir dos diferentes modos de ver e pensar o mundo em que vivemos. As experiências dos alunos vão se ampliando, suas verdades adquirem nova roupagem e o mundo tem outro significado. (RIO DE JANEIRO, 2008:16)

¹³ FURSTENBERG, Gilberte. Scénarios d’exploitation pédagogique. *Le français dans le monde*, número spécial, Paris, 1997:64-75.

Tal experiência vivenciada em uma sala de aula de língua estrangeira (LE), que leva o estudante a uma reflexão acerca da cultura estudada e da sua própria cultura, é uma das características da abordagem intercultural no ensino de LE. Para Balboni (2002), entrar em uma perspectiva intercultural não significa abandonar os próprios valores, e sim conhecer, respeitar e aceitar os valores de outras pessoas refletindo sobre os próprios modelos culturais e os dos outros.

Com o advento do método comunicativo, a cultura passa a ter um papel relevante dentro da sala de aula de LE, já que para uma comunicação eficaz é importante ter uma “sólida competência sociocultural” (PAVAN, 2000:79). Para a autora:

As pessoas envolvidas em uma interação comunicativa são portadoras de uma identidade cultural, e pode ser útil recordar que em cada um de nós podem existir múltiplas identidades, ligadas a vários grupos sociais, aos quais pertencemos, e diversos hábitos. Por isso, além de significados, dividem-se valores e costumes. (PAVAN, 2000:79 [Tradução da autora])

Em relação à perspectiva intercultural na sala de aula brasileira, Candau (2002 apud SANTIAGO, AKKARI, MARQUES, 2013:16) afirma que:

No Brasil a reflexão sobre esta temática tem sua especificidade e vai penetrando lentamente na vida acadêmica. No cotidiano escolar ainda está muito pouco presente. [...] A maioria das escolas em que de alguma forma o tema penetra se limita a adicionar alguns conteúdos que têm que ver com a pluralidade cultural, a ressignificar comemorações e outras práticas escolares esporádicas nesta perspectiva ou a adotar uma perspectiva assimilacionista e/ou compensatória. Em geral, predomina uma abordagem que não afeta a globalidade do currículo, não desenvolve processos de construção de identidades culturais em que se fortaleçam a autoestima e o autoconhecimento dos alunos provenientes de grupos excluídos e discriminados, nem se promove o seu 'empoderamento'.

A autora segue afirmando que a perspectiva intercultural em sala de aula “[...] promove uma educação para o reconhecimento do 'outro', para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais” (CANDAU, 2012:23). Nesta perspectiva da “educação para alteridade” (SANTIAGO, AKKARI, MARQUES, 2013), Vera Candau chama a atenção para três formas de “configuração do imaginário social” (CANDAU, 2012:29) classificadas pelos pesquisadores Silvia Duschatzky e Carlos Skliar (2000:164). Para os autores, a primeira configuração seria a visão do “outro como fonte de todo o mal”. Na segunda, o outro é visto como “sujeito pleno de um grupo cultural”. E, por fim, na última configuração, o outro é visto como “alguém a tolerar”. Vale destacar que a segunda visão é, muitas vezes, utilizada nas salas de aula de LE, onde o outro é visto como sujeito pleno de uma marca cultural,

[...] parte de uma concepção de cultura em que esta representa uma comunidade homogênea de crenças e estilos de vida. A radicalização dessa visão levaria a encerrar a alteridade na diferença. As diferenças são essencializadas. Na área da educação, pode se revestir de [...] uma entrada folclórica, caracterizada por um percurso turístico de costumes, e escolarizada, que converte a diversidade cultural em um almanaque que engrossa a lista dos festejos escolares. (DUSCHATKY & SKLIAR, 2000: 171)

Outra característica da educação em perspectiva intercultural, destacada pelos autores Duschatky e Skyliar (2000), é a forma como a “sociedade multiétnica” é apresentada:

A sociedade multiétnica é apresentada, elencada, 'estetizada' em um formato folclórico, ao mesmo tempo que engessada e fixada no currículo escolar. Trata-se de 'aprender' sobre os outros grupos culturais, seu exotismo, despojando-lhes de narrativas, de relato de experiência. Trata-se de apreciar a diversidade, aceitá-la, enfim, de concluir que no mundo não estamos lamentavelmente, sós. Porém, os outros não estão na escola, senão no currículo. Desse modo, o objetivo é ensinar a diversidade cultural e não a educação da alteridade. Os outros estão ao alcance das mãos, porém afastados, marcados em fotos, pinturas, músicas, teatros, bandeiras, festas escolares, etc. (DUSCHATKY & SKLIAR, 2000: 172)

A professora Elena Godoi (2005¹⁴ apud NOVASKI; WERNER, [20[?]]) também tece críticas em relação à abordagem intercultural baseada somente na apresentação aos alunos de ideias pré-estabelecidas e simplificadas.

O modelo que parece predominar na prática de ensino de línguas estrangeiras é mais ou menos do tipo: “língua - objetivo; cultura - meio”, ou seja, implicitamente se assume que a informação cultural pode “ser servida” como um “prato exótico” e os professores e outros profissionais - ou, pior, muitas vezes, aqueles que se atribuem o direito de ensinar línguas e sobre línguas - preparam aulas, palestras e cursos sobre as festas nacionais, culinária, costumes, etc. Tudo isso obrigatoriamente com o sabor de exotismo folclórico (GODOI, 2005, apud NOVASKI; WERNER, [20[?]], doc. eletr.)

Nesta perspectiva da abordagem intercultural, Vera Candau (2012) qualifica o educador como mediador na construção das relações interculturais que sejam positivas, evitando transformar a questão cultural em repetição de modelos padronizados geradores de estereótipos. Para a autora, o maior desafio neste processo é:

[...] promover situações em que seja possível o reconhecimento entre os diferentes, exercícios em que promovamos o colocar-se no ponto de vista, no lugar sociocultural do outro. [...] Para isto, é necessário promover processos sistemáticos de interação com os 'outros' sem caricaturas, nem estereótipos. Trata-se também de favorecer que nos situemos como 'outros', os diferentes, sendo capazes de analisar

¹⁴ GODOI, E. Pragmática: A cultura no ensino de línguas. In: *IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2005, Rio de Janeiro*. Cadernos do CNLF (CiFEFil), v. IX. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2005. p. 122-123.

nossos sentimentos e impressões. É a partir daí, conquistando um verdadeiro reconhecimento mútuo, que seremos capazes de construir algo junto/as. (CANDAU, 2012: 31-32)

Na próxima seção, apresentaremos o papel das narrativas na metodologia da história oral como forma de recuperação de fatos e de reconstrução de identidades.

2.3 Narrativas, memórias e identidades na História Oral

Valendo-se da analogia da argila na mão do oleiro, Walter Benjamin (1994) chama a atenção para o fato de as narrativas possuírem a marca de seus narradores, suas identidades, experiências e crenças, dotando-as de particular singularidade. Nos processos de recuperação da história de comunidades e instituições, as narrativas possuem um papel fundamental na preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições de uma comunidade.

As narrativas [...] são instrumentos importantes na preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, traduzir em palavras as reminiscências da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a História da humanidade. (DELGADO, 2005:21)

Em uma sociedade cada vez mais fragmentada, as narrativas evocam pontos de referências em comunidades e auxiliam, assim, a construção do saber.

No tempo presente, no mundo marcado pela cultura virtual e pela velocidade muitas vezes descartável das informações, tendem a desaparecer os narradores espontâneos, aqueles que fazem das lembranças, convertidas em casos, lastros de pertencimento e sociabilidade. Nessa dinâmica de velocidade incontida, desenfreada, perdem-se as referências, diluem-se os substratos da vida, reduzem-se as possibilidades de construção do saber. (DELGADO, 2005:22)

Na busca da recuperação de narrativas, a história oral apresenta-se como uma “[...] metodologia voltada à produção de narrativas como fontes de conhecimento, mas principalmente do saber” (DELGADO, 2005:23). Paul Thompson (1998) chama a atenção para a possibilidade que a história oral tem de revelar novos campos de investigação e a sua capacidade de derrubar barreiras dentro das comunidades por meio de suas narrativas:

A história oral pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar

novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior, e na produção da história - seja em livros, museus, rádio ou cinema - pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (THOMPSON, 1998:22)

A primeira experiência da moderna história oral como atividade organizada deu-se em 1948, quando o professor Allan Nevis lançou, na Universidade de Colúmbia, o *The Oral History Project*, que tinha como objetivo organizar um arquivo com as histórias dos sobreviventes da 2ª guerra mundial. “O termo história oral passou a ser indicativo de uma nova postura diante da formulação e da difusão das entrevistas” (MEIHY; HOLANDA, 2007: 103). No início, a história oral combinou duas funções que se complementavam: “[...] registrar fatos e histórias em particular, pois poderiam se perder sem gravações e divulgar experiências relevantes e estabelecer ligações com o meio urbano, que consumia as entrevistas, promovendo um incentivo para a compreensão e registro da história local” (Idem: 2007:105). Um dos fatores determinantes para a formação e consolidação da história oral como metodologia de pesquisa foi a invenção e o aprimoramento dos meios eletrônicos.

A metodologia da história oral foi introduzida no Brasil na década de 1970. Em 1973, Ecléa Bosi defendeu sua tese de livre-docência, em Psicologia Social, sobre memória - publicada como livro em 1979, intitulado *Memória e Sociedade - Lembrança de Velhos*¹⁵. Em 1974, foi criado o Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas. Nos anos seguintes, a metodologia da história oral foi ganhando importância, no cenário acadêmico, com a criação de laboratórios e grupos de pesquisa em história oral em diversas universidades brasileiras. A Associação Brasileira de História Oral (ABHO) foi fundada em 1994 durante o II Encontro Nacional de História Oral. Em seu *site* podemos encontrar a seguinte explicação:

[...] a Associação Brasileira de História Oral (ABHO) congrega estudiosos e pesquisadores das áreas de história, ciências sociais, antropologia, educação e demais disciplinas das ciências humanas de todas as regiões do país. Seus associados têm em comum o uso da história oral em suas pesquisas, isto é, a realização de entrevistas gravadas com pessoas que viveram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. (ABHO, 2015, doc. eletr.)

Sendo a história oral uma soma articulada de atitudes pensadas como um conjunto, o ponto de partida, para uma pesquisa em história oral, é a elaboração de um projeto que é a

¹⁵ Mesmo a autora não utilizando o termo história oral, essa obra serviu como base para muitos oralistas.

“[...] condição essencial para a operação em história oral” (MEIHY; HOLANDA, 2007:15). O projeto em história oral orienta o pesquisador indicando o objetivo do trabalho e os procedimentos que serão adotados. Após a elaboração do projeto, o pesquisador deverá estabelecer um plano de ação e programar os cinco principais momentos para a sua realização: a gravação das entrevistas; estabelecimento do documento escrito; sua eventual análise; arquivamento e devolução social. (Idem, 2007:30).

Os especialistas (MEIHY; HOLANDA, 2007) classificam três tipos de história oral: a história oral de vida, a história oral temática e as tradições orais. A história oral de vida tem como base as narrativas sobre a história da vida da pessoa entrevistada. Neste caso, em que na maioria das vezes o entrevistador trabalha com as chamadas entrevistas livres, o caráter subjetivo é fundamental, já que as narrativas dependem da memória, das imprecisões e até mesmo das contradições naturais da fala (Idem, 2007:34). Verena Alberti (2005:38) afirma que “[...] a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados”.

Na história oral temática, de acordo com Meihy e Holanda (2007:35) “[...] existe um foco central que justifica o ato da entrevista em um projeto”. A principal diferença entre a história oral de vida e a história oral temática é a existência de um questionário que rege o narrar do entrevistado, dando, assim, uma maior objetividade para as narrativas. Nesse tipo de história oral, as entrevistas não são a única versão dos fatos e podem ser confrontadas com outros documentos, a fim de gerar um quadro mais completo do tema pesquisado. Vale ressaltar que a história oral temática é o tipo mais considerado pelos jornalistas e pessoas que utilizam entrevistas com o intuito de promover discussões sobre um assunto específico.

O último gênero em história oral é a tradição oral. Neste tipo, o pesquisador trabalha com elementos da memória coletiva como é caso dos mitos, rituais e vida material de um determinado grupo. Os projetos em tradição oral são bem mais profundos e lentos e demandam do pesquisador uma observação constante do grupo analisado bem como o registro cotidiano das suas atividades.

Depois de esclarecidos os diferentes tipos de história oral, faz-se necessário explicar outros três conceitos que auxiliam não somente a organização das entrevistas de um projeto de história oral, como também o estabelecimento do grupo a ser entrevistado. Estes conceitos, abordados por Meihy e Holanda (2007) são: comunidade de destino, colônias e redes.

A comunidade de destino é definida pelos autores (MEIHY; HOLANDA, 2007) como um grupo que possui experiências em comum, seja em base material ou psicológica e que os mantém unidos e com uma identidade. As calamidades como terremotos e pestes ou os dramas subjetivos como violência ou discriminação marcam fortemente a vivência coletiva de um grupo. Para os autores (MEIHY; HOLANDA, 2007), a repetição constante desses eventos ligada à consciência do drama comum para a busca de soluções cria, naquele grupo específico, a memória coletiva sem a qual fica impossível constituir os elementos identificadores daquela comunidade.

A colônia é a divisão da comunidade de destino. Devido à amplitude da comunidade de destino, a condução do trabalho se tornaria muito difícil e, consequentemente, a compreensão da coletividade poderia ficar comprometida. Desse modo, Meihy e Holanda (2007) afirmam que é necessário fazer um primeiro recorte deste grupo amplo, para que por meio desta primeira fragmentação seja possível compreender o todo envolvido. Essa primeira divisão é classificada como colônia que, apesar de ser numericamente menor do que a comunidade de destino, é uma sua fração bastante representativa.

Por fim temos o conceito de rede, que representa a subdivisão da colônia, a menor parcela de uma comunidade de destino. Para os autores (MEIHY; HOLANDA, 2007), essa subdivisão é necessária já que é possível encontrar, dentro de um mesmo grupo, diferentes aspectos que explicam comportamentos distintos em um determinado nível. Outros pontos sobre o percurso metodológico com base na história oral serão retomados no próximo capítulo, no qual descreveremos os procedimentos para a coleta e organização dos dados.

Neste capítulo, apresentamos um pequeno apanhado dos referenciais teóricos utilizados, nesta pesquisa, para a obtenção e análise dos dados. Em sua primeira parte, introduzimos os conceitos de identidade e de estereótipos. Em seguida, apresentamos alguns conceitos do termo cultura e quais as implicações dos aspectos culturais em uma sala de aula de língua estrangeira. A terceira parte aborda as narrativas e a metodologia da História Oral como formas de recuperar o passado de comunidades, instituições e, até mesmo, da cultura escolar.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Na primeira parte deste capítulo, retomamos a teoria sobre os procedimentos da metodologia da história oral, tendo como focos a preparação e a realização das entrevistas. Em seguida, fazemos a descrição da prática da metodologia da história oral, dentro desta pesquisa, apresentando os detalhes da coleta de dados com a escolha dos participantes, a preparação dos roteiros, a realização entrevistas e suas transcrições.

3.1 A realização de entrevistas: procedimentos e recomendações

Para entender como se deu o processo de implementação e do ensino do italiano na Escola Municipal Itália, nos anos de vigência do acordo da escola com a ACIB-RJ, foram realizadas entrevistas com personagens relevantes no processo de fundação da ACIB-RJ e na implementação do ensino do italiano na Escola Municipal Itália. Entrevistamos alguns sujeitos do processo de ensino do italiano na referida escola. Nesta seção, apresentamos os procedimentos e recomendações para a realização de entrevistas, em um projeto que utilize a metodologia da história oral como base para a geração de dados.

As entrevistas são a essência de um projeto em história oral. Porém, história oral não se resume a entrevistas. O que define entrevistas como história oral “[...] é a exigência de um projeto atento a estabelecer o uso oral vertido para o escrito em textos que servirão para registro, arquivamento e/ou uso analítico” (MEIHY; HOLANDA, 2007:91). A entrevista em história oral é uma fórmula programada que responde à existência de projetos que a justificam, uma vez que a palavra dita e gravada não existe como fenômeno ou ação isolada (Idem, 2007). A entrevista e o contato com o entrevistado, podem também levar o pesquisador a descobrir documentos escritos e fotografias que não seriam localizados de outra forma.

Dentro de um projeto em história oral, os participantes são vistos como colaboradores: “A colaboração é sempre uma situação acordada, premeditada, discutida, jamais imposta ou improvisada” (MEIHY; HOLANDA, 2007:119). Em história oral, tanto quem narra como quem registra a história narrada são vistos como colaboradores. Colaborador e colaboração não equivalem a informante e informação, como ressaltam Meihy e Holanda (2007). O grupo de participantes/colaboradores é escolhido, em primeiro lugar, de acordo com os objetivos da pesquisa. Sobre este tema, Verena Alberti afirma que:

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. [...] Escolher os colaboradores entre os integrantes de uma determinada categoria de pessoas requer um conhecimento prévio do objeto de estudo. É preciso conhecer o tema, o papel, dos grupos que eles participaram ou que testemunharam e as pessoas que, nesses grupos, se destacaram, para identificar aqueles que, em princípio, seriam mais representativos em função da questão que se pretende investigar. (ALBERTI, 2005:31-32)

Vale recordar que em um projeto baseado na metodologia da história oral, a escolha dos entrevistados segue critérios qualitativos e não quantitativos. Para a decisão de encerrar a realização de entrevista, pode ser útil, como sugere Verena Alberti (2005), “recorrer ao critério de ‘saturação’¹⁶, formulado por Daniel Bertaux.

Em um projeto de história oral, o pesquisador deverá estar atento a algumas questões de ordem prática que são de fundamental importância para o andamento de sua pesquisa histórica. Após ter definido o tema, o pesquisador deverá, então, estabelecer o grupo de pessoas a serem entrevistadas. Nesta etapa, é importante explicar o projeto aos participantes/colaboradores, a justificativa da escolha do colaborador/entrevistado e o destino das gravações. Em seguida, o local e o horário para a realização das entrevistas devem ser definidos com antecedência, pelo entrevistado, levando sempre em conta que o local escolhido ofereça privacidade e condições apropriadas para a gravação do áudio. É importante, ainda, a previsão do tempo de gravação da entrevista. Mesmo sendo difícil de ser realizado, “[...] todo projeto deve propor um tempo de duração comum a todos os segmentos entrevistados” (MEIHY; HOLANDA, 2007:16).

O pesquisador deve dirigir a entrevista com o auxílio de um roteiro previamente estabelecido, de acordo com o tema e o tipo de história oral que irá utilizar. No decorrer da entrevista, as perguntas devem ser feitas uma de cada vez. O entrevistador deve evitar tanto a interrupção como a indução e a complementação das respostas/narrativas. Antes da gravação definitiva, é importante conferir o aparelho que será utilizado, sempre procurando um lugar favorável para que o registro ocorra de maneira eficiente. Verena Alberti (2005:112) nos lembra que:

[...] atualmente não se pode pensar em história oral sem o equipamento de gravação, de áudio e vídeo: é o gravador que permite falar em produção de documento, no

¹⁶ De acordo com Daniel Bertaux, há um momento em que as entrevistas acabam por se repetir, seja em seu conteúdo, seja pela forma da narrativa. Esse é o ponto que o autor chama de saturação, a que o pesquisador chega quando tem a impressão de que não haverá nada de novo a aprender sobre o objeto de estudo, se prosseguir as entrevistas (ALBERTI, 2005).

retorno à fonte, na montagem de acervos de depoimentos, na autenticidade de trechos transcritos e na análise de entrevistas.

Na realização de uma entrevista de história oral, o gravador traz consigo a presença virtual de outros ouvintes e tem influência sobre a fala do narrador. Sendo assim, é importante que o entrevistador minimize tal influência dando ao gravador somente a atenção indispensável.

Tendo terminado as entrevistas, é chegado o momento da transcrição e do estabelecimento do texto. Após a transcrição das gravações das entrevistas, o pesquisador deve fazer a conferência do produto escrito. Os cuidados éticos são imprescindíveis em um projeto de história oral, por isso, todo texto deve ser autorizado por uma carta de cessão de direitos que contenha as especificações sobre o seu uso. Meihy e Holanda (2007:155) destacam que “a história oral concretiza-se somente quando chega ao texto, superando a etapa da entrevista e da formação de arquivos, deve haver um processo de ‘transcrição’ das entrevistas que assegure a formação de um corpo documental a ser trabalhado pelo historiador”.

O arquivamento das entrevistas, para a constituição de um acervo, é outra etapa importante. É imprescindível esclarecer ao entrevistado que “[...] as gravações deverão compor um determinado acervo e que seu uso não se esgota no aproveitamento de um projeto” (MEIHY; HOLANDA, 2007:17). Os autores lembram ainda que, sempre que possível, os resultados devem ser publicados para que voltem ao grupo que gerou as entrevistas. Para eles, o compromisso com a devolução dos resultados do projeto é condição fundamental para justificar um projeto de história oral, já que uma pesquisa que se vale de entrevistas cumpre sempre um papel social. Os resultados devem ser devolvidos primeiramente aos colaboradores/protagonistas e, conforme o caso, à comunidade que os provocaram. Isto está em conformidade com o que afirma Paul Thompson em seu livro *Voz do passado* (1998:22):

A história oral pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior, e na produção da história - seja em livros, museus, rádio ou cinema - pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

Com relação à análise das entrevistas, os autores José Carlos Meihy e Fabíola Holanda (2007) chamam a atenção para o fato de que os pesquisadores, na maioria das vezes, fazem

uma reflexão exaustiva sobre a linguagem, a sintaxe ou o impacto léxico-social da palavra ou das narrativas esquecendo-se da função social das entrevistas:

Em vez de prestar atenção à composição da entrevista enquanto um corpo capaz de produzir uma lógica interna, sistêmica, o que se vê é, novamente desvios que mais cuidam dos efeitos vernaculares do que propriamente do seu significado social, enquanto portadora de experiência. (MEIHY; HOLANDA, 2007:64)

Na próxima seção, apresentamos os detalhes da coleta de dados, tendo como base a metodologia da história oral.

3.2 Projeto de História Oral em prática: passos da pesquisa

A partir das orientações de uma pesquisa utilizando a metodologia da história oral, comecei elaborando este projeto em conjunto com a professora orientadora, Fernanda Ortale, e com o professor, Fábio Zorzan¹⁷, na época estudante do programa de mestrado em Língua, Literatura e Cultura Italianas da FFLCH-USP. O interesse pelo tema surgiu da minha experiência de seis anos como professora da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro (ACIB-RJ). Estando a par da situação econômica pouco favorável para as instituições promotoras da língua e da cultura italianas no exterior, devido à crise econômica de 2008, entendemos que seria válido registrar uma parte da história da ACIB-RJ, utilizando as vozes dos seus fundadores. Com esse registro, seria possível entender o convênio firmado entre a ACIB-RJ e a Secretaria Municipal de Educação (SME) do Rio de Janeiro, que proporcionou o ensino da língua italiana para crianças de escolas municipais do Rio de Janeiro. Dentre as escolas que ofereciam a língua italiana como opção de língua estrangeira, a Escola Municipal Itália destaca-se pelo reconhecimento e valorização da Itália, desde o início da gestão da atual diretora, a professora Marta Martins de Oliveira.

Tendo definido o tema do projeto como a recuperação de uma parte da história da ACIB-RJ, com o objetivo de entender o processo de implementação do ensino de língua italiana na Escola Itália, o segundo passo foi definir o grupo de pessoas a serem entrevistadas. Da ACIB-RJ, escolhemos os seus fundadores, ex-professores, que atuaram na Escola Municipal Itália, a diretora didática, as ex-coordenadoras dos cursos e a coordenadora pedagógica. Da Escola Itália, a diretora, a professora mais antiga e um ex-aluno. E, por

¹⁷ Por compartilharmos a temática geral de nossas pesquisas (o ensino do italiano na ACIB-RJ), optamos por realizar a etapa das entrevistas em conjunto para otimizarmos a coleta dos dados. Após as transcrições, os percursos das pesquisas foram separados.

último, da estrutura consular, escolhemos o cônsul italiano do Rio de Janeiro.

Para cada categoria de colaboradores, elaboramos um roteiro de entrevista, utilizado como principal instrumento da pesquisa. Os roteiros foram personalizados, de acordo com a função de cada o colaborador. Os roteiros criados possuem caráter temático, porém, em algumas entrevistas (principalmente a dos fundadores e da diretora pedagógica da ACIB-RJ), deixamos os entrevistados livres para contar um pouco de suas histórias de vida, o que foi muito proveitoso para o enriquecimento da parte desta pesquisa em que nos referimos à colônia italiana do Rio de Janeiro. A seguir, apresentamos o roteiro utilizado para a entrevista da professora Caterina Barone. Os outros roteiros utilizados constam do Apêndice C desta dissertação.

Quadro 1
Modelo do Roteiro de entrevista

PROJETO HISTÓRIA ORAL	
Entrevistada: Ex-coordenadora da ACIB-RJ - Caterina Barone	
1	A senhora possui origem italiana?
2	Qual a sua idade?
3	E a sua formação?
4	Como e quando começou a ACIB-RJ?
5	Que desafios enfrentaram na criação da ACIB-RJ?
6	Que cargos a senhora exerceu na ACIB e em que períodos?
7	Que papel a ACIB teve na difusão da língua e cultura italianas em todos esses anos?
8	A partir de que ano a ACIB-RJ passou a patrocinar o italiano na Escola Municipal Itália?
9	De quem foi a iniciativa da implementação do italiano na Escola Itália?
10	Como a senhora avalia essa experiência?
11	A senhora acha que o italiano contribui de algum modo na formação do aluno das escolas públicas?

Fonte: Elaborado por Elisa Isabel Machado, Fábio Zorzan e Fernanda Ortale, 2012.

Após a realização dos roteiros, começamos a contactar os colaboradores. Os contatos foram feitos por telefone, *e-mail* ou pessoalmente na sede da ACIB-RJ, no prédio do Consulado Italiano do Rio de Janeiro. O fato de termos feito parte do quadro de docentes da ACIB-RJ facilitou a primeira parte do projeto. Nesta primeira abordagem, informávamos ao colaborador o propósito do projeto e a importância de sua entrevista/depoimento para o andamento da pesquisa. Em seguida, marcávamos o encontro, de acordo com as possibilidades do colaborador, com lugar e hora escolhidos por ele. Todos colaboradores desta pesquisa se mostraram interessados e dispostos a ajudar, desde a nossa primeira aproximação para a apresentação do projeto. Dentre as pessoas escolhidas, a professora

Mariza Moraes, por questões geográficas, e o cônsul Mário Panaro, por questões de agenda, responderam as questões do roteiro por escrito e as enviaram por *e-mail*. Dos professores da ACIB-RJ, que atuaram na Escola Itália e foram contactados para esta pesquisa, apenas uma professora não participou, mesmo após várias tentativas de marcarmos um encontro ou de mandarmos o questionário por *e-mail*.

No dia previamente marcado para a realização das entrevistas, apresentávamos novamente o projeto de pesquisa e, antes do início da entrevista, explicávamos como se daria o processo de gravação e transcrição dos depoimentos. Todas as entrevistas foram feitas por mim e pelo pesquisador Fábio Zorzan, com exceção de duas: a professora Maria da Graça, da Escola Municipal Itália, realizada por Fábio Zorzan e a entrevista da professora Carolina Giampietro, realizada por mim. Geralmente, dividíamos o trabalho da seguinte maneira: Fábio Zorzan realizava as perguntas e eu operava o instrumento de gravação. Para registrar as entrevistas, utilizamos um IPAD2 e o aplicativo *Smart Recorder Lite*. Todos os arquivos de áudio possuem a extensão *.AIF.

Durante as entrevistas procuramos não interferir na fala dos colaboradores. Por termos feito parte do quadro de funcionários da ACIB-RJ, tínhamos contato prévio com todo o grupo de colaboradores da ACIB-RJ. Os colaboradores escolhidos da Escola Itália também foram muito gentis e dispostos a participarem da pesquisa. No decorrer das entrevistas, perguntamos uma questão por vez e procuramos respeitar o ritmo de cada entrevistado.

Como mencionado anteriormente, os locais das entrevistas foram escolhidos pelos entrevistados. A maioria das entrevistas foi realizada na sede da ACIB-RJ, no Consulado Italiano do Rio de Janeiro, além de duas entrevistas realizadas na casa dos colaboradores, duas na Escola Municipal Itália e uma na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). A duração das entrevistas teve variações de acordo com o colaborador - as mais longas foram dos fundadores da ACIB-RJ, Caterina Barone e Vicente Scofano, da diretora da Escola Itália, professora Marta Martins de Oliveira e do professor Francesco Ferrante.

Ao término das entrevistas, apresentamos a todos os colaboradores a carta de cessão de direitos elaborada de acordo com o Manual de História Oral do professor José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabiola Holanda (Apêndices A e B). Todos os participantes assinaram suas respectivas cartas, liberando o uso das entrevistas. Após a assinatura, explicamos o procedimento de transcrição e da conferência das entrevistas que deveria ser realizada por eles, visando manter a fidedignidade do discurso. Nenhum participante quis conferir ou modificar o que havia dito. Todos deram autorização para utilizar as falas como foram registradas na gravação (Apêndice B). A única ressalva foi a da colaboradora Caterina

Barone que pediu que tirássemos as palavras chulas, caso encontrássemos muitas, o que não aconteceu.

Após a organização dos arquivos de áudio, iniciei a transcrição de todas as entrevistas. Os registros escritos foram feitos na íntegra por mim, logo após a realização de todas as entrevistas, em abril de 2012, para que os detalhes e circunstâncias dos encontros não se perdessem. Não utilizei os recursos oficiais de transcrição, como o detalhamento de pausas, alongamento de vogais, interrupção de frases ou palavras, pois não seriam relevantes para os propósitos da análise de dados com base em nossas perguntas de pesquisa. Ative-me às falas dos colaboradores, tentando respeitar as pontuações. Reproduzi, também, as palavras repetidas e as expressões de função fática. Não realizei correções gramaticais de concordância, regência ou reordenação das orações. Mantive a fala original do colaborador, editando, somente, as contrações verbais. O *Manual de procedimentos do Programa de História oral da Justiça Federal* (SORDI; AXT; FONSECA, 2007) afirma que para cada hora de gravação são necessárias cinco horas de trabalho para a sua transcrição. As horas totais de trabalho de transcrição não foram contabilizadas, pois, devido às minhas limitações físicas, precisei de intervalos maiores para transpor as entrevistas do oral para o escrito.

No mesmo período em que realizamos as entrevistas orais, estive, juntamente com o professor Fábio Zorzan, na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro a fim de obter maiores informações sobre o ensino do italiano e uma cópia do convênio assinado entre a Prefeitura e a ACIB-RJ. A funcionária que nos atendeu não sabia da existência do convênio e nem mesmo das aulas de italiano na Escola Municipal Itália. Eles não possuíam nenhum registro do convênio. Quando nos apresentamos como pesquisadores da USP, a funcionária nos avisou da necessidade de apresentarmos uma carta do comitê ético da Faculdade em que cursávamos o mestrado para que a Secretaria Municipal de Educação (SME) autorizasse a nossa entrada no colégio, a fim de assistirmos às aulas ou entrevistarmos alunos e professores da escola pesquisada.

Pedimos auxílio à professora Isabel Gretel, da Faculdade de Educação, com quem cursávamos a disciplina “Aspectos Teóricos e Práticos da Formação de Professores de Línguas Estrangeiras”. A professora nos forneceu o contato de uma funcionária da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), que poderia nos auxiliar nesta questão. Entramos em contato, explicamos nosso caso e obtivemos como solução nos dirigir à Faculdade de Educação Física ou à Faculdade de Psicologia para obtermos a carta exigida pela SME do Rio de Janeiro.

Não obtivemos a carta da FFLCH-USP e não nos dirigimos aos comitês éticos das

outras unidades que nos foram indicadas. Já tínhamos realizado todas as nossas entrevistas e no início do ano letivo de 2012, obtivemos a liberação da diretora Marta Martins de Oliveira para acompanharmos os novos professores de italiano, cedidos pela ACIB-RJ, que estavam começando a lecionar na Escola Itália. Observei três tempos de aula do professor Jeferson Evaristo¹⁸ em uma turma de 6º ano. Logo após a exigência da apresentação da carta do comitê de ética, e da necessidade da liberação da SME para entrar no colégio, não realizei mais as observações em sala de aula.

Terminadas as transcrições das entrevistas, realizei a revisão das mesmas, ouvindo novamente todos os áudios registrados e conferindo os dados transcritos com o objetivo de manter a fidelidade ao texto. De acordo com a metodologia da história oral, as entrevistas transcritas devem ser devolvidas para os colaboradores (MEIHY; HOLANDA, 2007). Como mencionado anteriormente, nenhum participante achou necessário verificar o texto escrito, dando a liberdade de usarmos o texto como transcrito, sem modificações. A seguir, apresentamos o quadro dos participantes desta pesquisa e uma pequena biografia de alguns dos colaboradores.

3.3 Participantes da pesquisa

A preparação do roteiro das entrevistas e a escolha dos colaboradores foram realizadas entre os meses de novembro de 2011 e janeiro de 2012. Neste período, a ACIB-RJ já tinha reduzido seu quadro de funcionários. Após a demissão em massa dos docentes e dos profissionais administrativos, em dezembro de 2009, muitos profissionais não voltaram a prestar serviços para a instituição, como foi o caso da colaboradora Caterina Barone, que prontamente se disponibilizou a contar um pouco da sua história na ACIB-RJ.

Entrevistamos todas as pessoas envolvidas na coordenação pedagógica da ACIB-RJ e o fundador e presidente, que atuavam na época das entrevistas. Entramos em contato com quatro professoras e um professor que atuaram na Escola Municipal Itália e, por fim, entrevistamos, também, os professores que estavam começando a lecionar na escola.

No contexto da Escola Municipal Itália, entrevistamos a diretora, uma professora que

¹⁸ As entrevistas realizadas com os professores que trabalharam na Escola Itália em 2012 por quatro meses fazem parte do acervo de áudios. Não realizei a transcrição das duas entrevistas, pois o roteiro para os novos professores não possuía perguntas de caráter histórico.

presenciou a implementação do ensino da língua italiana na grade escolar e um ex-aluno que cursava a Faculdade de Letras Português/ Italiano na UERJ, no ano de 2012. Por fim, conseguimos uma entrevista escrita com o cônsul italiano que atuava no Rio de Janeiro em 2012. A seguir, apresentamos um quadro com o nome dos participantes, a função que desempenhavam na ACIB-RJ ou na Escola Municipal Itália, a data, o local e a duração da entrevista oral. Após o quadro, os colaboradores, que serão citados no capítulo da análise dos dados, são apresentados.

Quadro 2
Participantes desta Pesquisa

PARTICIPANTES		FUNÇÃO	DATA DA ENTREVISTA	LOCAL	DURAÇÃO
1	Vicente Scofano	Fundador da ACIB-RJ, 1º e último presidente da instituição	02/03/2012	ACIB-RJ	44'02''
2	Caterina Barone	Fundadora da ACIB-RJ; Ex-diretora pedagógica e ex-coordenadora didática	27/01/2012	Casa da colaboradora Tijuca, RJ	39'24''
3	Maria Franca Zuccarello	Diretora pedagógica	01/03/2012	ACIB-RJ	10'24''
4	Luana Dangelo	Coordenadora didática	02/03/2012	ACIB-RJ	04'
5	Gisele Batista da Silva	Ex-coordenadora didática da ACIB-RJ e ex-professora da ACIB-RJ	01/03/2012	ACIB-RJ	09'44''
6	Thiago Serpa Gomes	Professor de italiano na Escola Municipal Itália	01/02/2012	ACIB-RJ	03'25''
7	Jefferson Evaristo do Nascimento Silva	Professor de italiano na Escola Municipal Itália	01/02/2012	ACIB-RJ	06'19''
8	Francesco Ferrante	Ex-professor da ACIB-RJ que atuou na Escola Municipal Itália	02/03/2012	Casa do colaborador Estácio, RJ	2'39''
9	Rose Monteiro	Ex-professora da ACIB-RJ que atuou na Escola Municipal Itália	05/03/2012	ACIB-RJ	08'35''
10	Carolina Giampietro	Ex-professora da ACIB-RJ que atuou na Escola Municipal Itália	02/11/2012	Casa da colaboradora Ilha do Governador, RJ	09'17''

11	Leonardo Theml de Oliveira	Ex-aluno da Escola Municipal Itália (Estudante do curso de Letras-Italiano da UERJ)	05/03/2012	UERJ Maracanã, RJ	13'11''
12	Marta Martins de Oliveira	Diretora da Escola Municipal Itália	01/02/2012	Escola Municipal Itália Rocha Miranda, RJ	14'24''
13	Maria da Graça Silva Caravelos	Professora mais antiga da Escola Municipal Itália	15/03/2012	Escola Municipal Itália Rocha Miranda, RJ	07'16''
14	Mariza de Moraes	Ex-professora da ACIB-RJ que atuou na Escola Municipal Itália	-----	Questionário Escrito	-----
15	Mario Panaro	Cônsul da Itália no Rio de Janeiro	-----	Questionário Escrito	-----

Fonte: Da autora, 2012.

Vicente Francisco Scofano [Fundador da ACIB-RJ, 1º e último presidente da instituição]

Filho de imigrantes italianos provenientes da Calábria, Vicente Scofano sempre foi um entusiasta da língua e da cultura italianas, tendo predileção pela ópera. Jornaleiro de profissão, foi presidente e secretário do Sindicato dos Jornaleiros do Estado do Rio de Janeiro. Atua, também, como fiscal da Fundação Darcy Vargas na Casa do Pequeno Jornaleiro.

Entristecido por ver sua filha trocar cartas com os primos italianos em inglês, expôs ao cônsul Ignazio di Pace a sua intenção de fundar um curso de italiano voltado para a comunidade italiana do Rio de Janeiro e seus descendentes. Fundou a ACIB-RJ em 1988. Esteve na presidência da instituição desde a sua fundação até 1996. Em 2010, voltou à presidência da ACIB-RJ, que como ele mesmo definiu “[...] estava na UTI, estagnada para morrer” (SCOFANO, 2012: inf. verbal). Cumpriu o mandato de presidente da associação até o encerramento das atividades no segundo semestre de 2012.

Caterina Barone [Fundadora da ACIB-RJ; Ex-diretora pedagógica e ex-coordenadora didática]

Nasceu na Itália, em *Agropoli, Campania*, no ano de 1942. Coursava a escola média italiana quando veio para o Brasil. Sem saber a língua do país que a acolheu, fez uma preparação de seis meses para prestar concurso para o Colégio Pedro II. Coursou o antigo

Clássico e prestou vestibular para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que na época era Faculdade de Letras da Universidade do Brasil. Frequentou os quatro anos do curso de Letras Português/Italiano, formando-se em dois de janeiro de 1966. Recém-formada, tentou trabalhar em sua área, sem muito sucesso, já que a língua italiana era ensinada somente nas universidades. Desta dificuldade inicial, Caterina percebeu a necessidade de que a língua italiana fosse ensinada em diversos lugares, para todos os públicos. Um pouco frustrada por não ter conseguido emprego na área do ensino do italiano, e por não ter podido cursar Medicina por causa dos altos custos do curso, Caterina Barone foi trabalhar no comércio.

Passado algum tempo, sua ex-professora Lucia Ciano ofereceu uma vaga como horista na UFRJ. Caterina ajustou seus horários em seu trabalho no comércio e começou a dar aulas na UFRJ. Após um ano do início de suas atividades na UFRJ, a professora Barone foi convidada a lecionar, também, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Naquele momento, ela deixou o emprego no comércio e lecionava no período diurno na UFRJ e no período noturno na UERJ. Trabalhou nas duas instituições como professora contratada até a abertura de concurso público para professor efetivo. Foi aprovada nas duas instituições.

Em 1982, a professora Barone foi aprovada, também, no concurso para tradutora juramentada do Estado do Rio de Janeiro e, a partir deste momento, começou a ter mais contato com a colônia italiana do Rio de Janeiro que, em suas palavras “[...] sempre foi desligada. Cada um por si e Deus por todos” (BARONE, 2012: inf. verbal). Em 1986, Caterina Barone foi convidada a participar da formação das listas para a primeira eleição do *Comitato degli italiani all'estero* (COMITES) do Rio de Janeiro. Sua lista foi eleita e ela participou da fundação do COMITES, permanecendo membro até o seu falecimento, sempre por meio de eleição.

Em 1988, o cônsul Ignazio di Pace apresentou ao COMITES a lei 153/71 e pediu que ela fosse estudada com o objetivo de implementá-la no Rio de Janeiro. Por ser da área da Educação, Caterina Barone foi designada para o estudo da lei. Após a conclusão de que era viável aplicar a lei no Rio de Janeiro, em 1988 a professora Barone, junto com Vicente Francisco Scofano e outros membros da comunidade italiana fundaram a ACIB-RJ. Caterina Barone começou a formar o corpo docente da ACIB-RJ, tendo como base sua lista de alunos e ex-alunos. Enfrentou resistência do diretor do Instituto Italiano de Cultura, a falta de estrutura física para a implementação dos cursos, mas seguiu sua jornada na organização da associação.

De 1988 até 1994, a professora Barone foi a diretora cultural da ACIB-RJ, um cargo eletivo, sem honorários. Em 1994, foi contratada formalmente com o cargo de coordenadora pedagógica, função que exerceu até o final de 2009. Caterina Barone faleceu no dia

03/07/2014, enquanto a pesquisa ainda estava em andamento.

Maria Franca Zuccarello [Ex-professora de italiano da ACIB-RJ e ex-diretora pedagógica]

Italiana da cidade de Paola, na Calábria, estudou até os 12 anos em Roma, quando teve que deixar a escola por influência da madrastra, que não via necessidade de uma mulher estudar. Retomou os estudos quando chegou ao Brasil. Fez o segundo grau intensivo e, em seguida, prestou vestibular. Suas opções foram: 1) Letras Português/Italiano na UERJ; 2) Letras Português/Italiano na UFRJ; e 3) Letras Português/Francês na Faculdade Souza Marques. Passou em quarto lugar para a sua primeira opção. Logo que terminou a graduação, fez uma especialização de dois anos na UFRJ. Em 1989 iniciou o mestrado na Universidade de São Paulo (USP) e de 2001 a 2005 fez o doutorado em Letras Neolatinas com ênfase em Língua e Literatura Italianas pela UFRJ.

Na fundação da ACIB-RJ trabalhou como professora de italiano por quatro anos e meio nos cursos ministrados no Colégio Estadual do Méier, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Quando começou a dar aulas no curso de especialização da UERJ, deixou as aulas na ACIB-RJ. Retornou à instituição em 2011 como diretora didática. Tentou implementar um projeto em que os alunos dos cursos de Letras Português/Italiano das universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro pudessem estagiar na Escola Municipal Itália e em outras escolas do município. Infelizmente, com o encerramento da ACIB-RJ e o falecimento da professora Franca Zuccarello em 2013 e da professora Caterina Barone em 2014, os projetos de estágio e de formação continuada para os futuros professores de italiano não se concretizaram.

Gisele Batista [ex-professora e ex-coordenadora pedagógica da ACIB-RJ]

Graduada em Letras Português/Italiano pela UERJ. Seu primeiro emprego após formada, no ano de 2003, foi na ACIB-RJ como professora de italiano. No mesmo ano começou a cursar o *Master Itals* na Universidade de Veneza, com quem a ACIB-RJ mantinha um convênio para a formação do seu corpo docente. Fez mestrado em Literatura Brasileira pela UERJ e em 2012 iniciou o doutorado em Literatura Italiana pela UFRJ.

Atuou por seis anos como professora de italiano da ACIB-RJ. Afastou-se por um ano e retornou à instituição, em 2010, na função de coordenadora pedagógica, trabalhando por um

ano e meio na função, até o início de 2012.

Luana Dangelo [Ex-coordenadora pedagógica da ACIB-RJ]

Cursou Letras Português/Italiano na UERJ, formando-se em 2010. Iniciou como coordenadora pedagógica dos cursos da ACIB-RJ em fevereiro de 2012 permanecendo até o encerramento das atividades da instituição.

Francesco Ferrante [Ex-professor de italiano da ACIB-RJ]

Italiano da província de Bari, formou-se em Engenharia. Veio para o Brasil com um contrato de trabalho como perito industrial. Após alguns anos da sua chegada ao país, começou a dar aulas particulares e em cursos de língua italiana. Cadastrou-se na ACIB-RJ e foi contratado pela professora Caterina Barone em 1995. Começou dando aulas para crianças e adolescentes na Escola Gaudium, no bairro Taquara, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, onde lecionou por sete anos. Atuou na Escola Municipal Itália de 2005 a 2011.

Rose Monteiro [Ex-professora de italiano da ACIB-RJ]

Cursou bacharelado na UFRJ e se formou em 1988. Fez especializações e o *Master Itals* pela Universidade de Veneza. Sua primeira opção na universidade foi a língua inglesa. Como não conseguiu pontos suficientes para o curso de inglês, optou pela única língua neolatina que tinha vagas: italiano. Seguiu o curso, sempre com o propósito de mudar para o inglês, quando se apaixonou pela língua italiana. Concluiu o curso e sempre atuou como professora de italiano. Esteve na Escola Municipal Itália de 1992 a 1997.

Carolina Giampietro [Ex-professora de italiano da ACIB-RJ]

Formou-se em Letras Português/Italiano pela UFRJ. Atuou como professora na Escola Municipal Itália de 2004 a 2011. É professora de português da prefeitura do Rio de Janeiro

desde abril de 2005.

Mariza Silva de Moraes [Ex-professora de italiano da ACIB-RJ]

Possui graduação em Letras Português/Italiano pela UERJ. Mestrado e doutorado com ênfase em Língua e Literatura Italianas pela UFRJ. Atuou como professora de italiano na Escola Itália no ano de 2001. Atualmente é professora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Marta Martins de Oliveira [diretora da Escola Municipal Itália]

Professora de História por formação, assumiu a direção da Escola Municipal Itália em 1987 por nomeação da secretária de educação, Maria Lúcia Camacho. No mesmo ano, com a troca de partido do então prefeito Saturnino Braga, a Secretaria Municipal de Educação (SME) foi assumida pelo professor Moacyr Góes, que instituiu a eleição para diretor escolar. A professora Marta Martins de Oliveira candidatou-se ao cargo, em dezembro de 1987, e até o ano de 2012 permanecia no cargo, sempre por escolha da comunidade.

Quando consultada sobre a implementação do ensino de língua italiana na Escola Itália, abraçou a iniciativa e viu nela um diferencial para a sua comunidade escolar. A professora Marta Martins de Oliveira sempre procurou dar prioridade às crianças com sobrenome italiano e, todos os anos, na data nacional da Itália, faz comemorações e atividades culturais com temas que mostrem a ligação entre o Brasil e a Itália.

Por estar situada em uma região que recebeu imigrantes italianos na década de 1890, a diretora estimula a participação das famílias de origem italiana que ainda vivem na comunidade. Mesmo com o encerramento das aulas de italiano, o hino italiano continua a ser ensinado na escola e a festa anual em celebração dos dois países continua a fazer parte do calendário escolar.

Maria da Graça Silva Caravelos [Professora mais antiga da Escola Municipal Itália]

Em 2012, quando foi realizada a entrevista, atuava, por mais de vinte anos, como

professora de língua portuguesa na Escola Municipal Itália. Presenciou a implementação da língua italiana na Escola Itália.

Mario Panaro [Cônsul da Itália no Rio de Janeiro]

Cônsul geral da Itália no Rio de Janeiro, em 2012, tomou conhecimento do ensino da língua italiana na Escola Municipal Itália através de seus colaboradores.

Leonardo Theml de Oliveira [Ex-aluno da Escola Municipal Itália]

Foi aluno da Escola Itália de 2000 a 2004, onde teve o seu primeiro contato com a língua italiana. Ingressou no curso de Letras Português/Italiano da UERJ em 2010. Na época de sua entrevista, cursava o quarto período da faculdade.

Os entrevistados, anteriormente listados, têm em comum o fato de estarem ligados à história do ensino da língua italiana em escolas municipais do Rio de Janeiro, especificamente a Escola Municipal Itália e a da ACIB-RJ, entidade criada para promover e divulgar a língua e a cultura da Itália, entre os descendentes do Rio de Janeiro.

Na primeira parte deste capítulo, apresentamos os procedimentos a serem adotados na preparação e na realização das entrevistas utilizando a metodologia da história oral. Em seguida, apresentamos como se deu a prática dos procedimentos em história oral, com o relato de como foram escolhidos os participantes e feita a preparação dos roteiros, a gravação das entrevistas e a transcrição dos dados. No final deste capítulo, apresentamos os colaboradores desta pesquisa, tendo como base os dados coletados nas entrevistas orais e escritas.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo será dividido em três eixos, todos definidos a partir dos dados obtidos com as narrativas geradas pelas entrevistas em História Oral. Na primeira parte, contamos uma parte da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro (ACIB-RJ), tendo como objetivos entender as motivações dos fundadores para a criação desta instituição e apresentar as iniciativas criadas pela ACIB-RJ para a divulgação da língua e da cultura italianas. Na segunda parte, apresentamos um pequeno panorama do ensino do italiano na Escola Municipal Itália, entre os anos de 1992 e 2012. Na terceira parte, consideramos as questões de identidade e estereótipos encontradas nas falas dos colaboradores referentes aos italianos e aos estudantes de escola pública.

4.1 A ACIB-RJ e o ensino do italiano na Escola Municipal Itália

Para responder a pergunta de pesquisa - Como se deu o processo de implementação e ensino do italiano na Escola Municipal Itália (1992 até 2012), apoiado pela ACIB-RJ - a interpretação dos dados será dividida em três eixos: a criação da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro (ACIB-RJ), o ensino do italiano na Escola Municipal Itália e a identificação das questões identitárias e dos estereótipos encontrados nas falas dos colaboradores.

4.1.1 A história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira (ACIB-RJ)

O ponto de partida para a fundação da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro (ACIB-RJ) foi o grande número de descendentes de italianos da cidade, em sua maioria calabreses, que utilizavam o dialeto em suas casas e manifestavam interesse em conhecer a língua oficial do país dos seus antepassados:

[...] muitos filhos de italianos, inclusive eu, que tínhamos interesse em conhecer a língua *mater* e enfim, saber a origem dos nossos pais. O que era. Porque não era só o dialeto, nós queríamos conhecer a língua na sua profundidade. Porque o que valia no nosso meio, a grande circulação era exatamente através do nosso dialeto calabrês, o qual eu falo perfeitamente. Mas, nós tínhamos dificuldade realmente, na ortografia da língua italiana. [...] via que atrás desses aqui, tinham inclusive meus filhos e outros filhos de calabreses emigrados no Rio de Janeiro que tinham interesse de conhecer e de se integrar com a língua italiana, na verdade, não é uma língua comercial. Só vai estudar italiano quem ama a Itália, quem gosta da Itália, quem gosta realmente de história. (SCOFANO, 2012: inf. verbal)

Na década de 1980, para estudar a língua italiana na cidade do Rio de Janeiro, existiam duas opções ligadas ao governo italiano: a *Scuola Italiana Guglielmo Marconi di Rio de Janeiro*, fundada em 1982, e o Instituto Italiano de Cultura. A Escola Italiana tinha sede no prédio do Consulado Italiano do Rio de Janeiro, oferecia a grade curricular italiana e tinha como público principal os filhos dos diplomatas e funcionários italianos que prestavam serviço no consulado ou em fábricas italianas no Rio de Janeiro.

A Escola Guglielmo Marconi era uma escola paritária, ou seja, tudo era em italiano, o famoso CLIL¹⁹. [...] A escola dava um certificado que valia na Itália, na conclusão do diploma e tal, mas, não valia no Brasil. Pensou-se em transformar a escola em bilíngue, seguindo o exemplo da escola francesa e da alemã, mas, aí, havia o problema de interesse pessoal da antiga *preside*²⁰, que se assim fosse transformada a escola, teria que dividir o bastão do monopólio com outra diretora que faria parte da diretora brasileira. Então, ela lutou, lutou, lutou a tal ponto que a escola não se transformou. E, aí, os professores tinham sempre aumento, o número de aluno reduzia, porque a maioria dos alunos eram filhos de italianos que estavam aqui trabalhando em empresas italianas. Quatro, cinco anos que praticamente o número de alunos era um número razoável. Mas, esses escritórios, essas empresas transferiram-se do Rio para São Paulo, para Minas. Reduziu-se o número de alunos, os remanescentes começaram a pagar uma prestação muito alta: de quinhentos para setecentos, de setecentos para oitocentos, mil e pouco, os pais não aguentaram e tiraram os alunos da escola. Com isso, a Escola Italiana fechou. (BARONE, 2012: inf. verbal)

A segunda opção para estudar italiano era o Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro, órgão oficial do Estado Italiano, que foi fundado em 1950 e inaugurado em 1956, com objetivo de promover o ensino da língua e da cultura italianas nos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia²¹. De acordo com os entrevistados, os cursos no Instituto Italiano eram inacessíveis para a maioria da colônia italiana, conforme o relato de Vicente Scofano (2012: inf. verbal):

[A maioria da colônia italiana] [...] não possuía recursos financeiros para arcar com as prestações dos cursos. [...] o que acontece é o seguinte: porque uma grande parte dos calabreses imigrados pra cá, muitos deles não tinham subsídios, não tinham os elementos em termos de [...] vamos dizer assim: financeiros para manter os filhos em escolas, tá entendendo você? Sem demérito, porque nós conhecemos o grau do Instituto Italiano de Cultura. Mas, é caro, tá entendendo? Então, para um certo nível da sociedade calabresa instalada no Rio de Janeiro, eram cursos caros.

¹⁹ CLIL: Content and Language Integrated Learning. Aprendizado integrado de conteúdos e língua estrangeira.

²⁰ Preside : diretora.

²¹ Para saber mais sobre o Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro, consulte : <http://www.iicrio.esteri.it/IIC_RioDeJaneiro/Menu/Istituto/Chi_siamo/Storia>. Acesso em Set/2015.

Com relação aos custos dos cursos de italiano para adultos, a colaboradora Caterina Barone (2012: inf. verbal) acrescenta que no Instituto Italiano de Cultura “[...] sempre fizeram preços altos. Por isso que, praticamente, selecionava clientela”.

Como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, a partir do desejo de proporcionar o ensino da língua e da cultura italianas para os descendentes da colônia italiana do Rio de Janeiro, em 1988, Vicente Scofano e Corrado Bosco dirigiram-se ao cônsul, na época Ignazio di Pace, que, após acatar suas reivindicações, apresentou-lhes a lei italiana 153/1971, que garante a criação de escolas de italiano no exterior, a favor dos trabalhadores italianos e de seus familiares emigrados (ITÁLIA, 1971, doc. eletr.). A lei foi apresentada ao *Comitato degli italiani all'estero* do Rio de Janeiro (COMITES-RJ) para ser examinada, a fim de criar mecanismos para que efetivassem a sua implementação no Rio de Janeiro. A professora Caterina Barone, que fazia parte do COMITES, foi a escolhida para a análise da lei. Após a análise, ela apresentou os resultados ao COMITES que se dirigiu ao cônsul para a implantação da lei, solicitando ajuda diplomática e financeira para a criação da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro.

Dentre as dificuldades iniciais encontradas, na fundação da associação, os criadores da ACIB-RJ ressaltam a falta de estrutura física e de apoio do consulado para a implementação dos cursos. Procurando contornar o quadro de limitações, Vicente Scofano, valendo-se de seu conhecimento político e profissional, conseguiu um acordo entre o Consulado Geral da Itália, na pessoa do cônsul Ignazio di Pace e a Prefeitura do Rio de Janeiro, que, na época, era administrada por Marcello Alencar. No convênio, o município cedia cerca de sessenta salas de aulas, que seriam utilizadas para os cursos de adultos, em diversos pontos da cidade, procurando atender a um maior número de descendentes, como salienta Vicente Scofano (2012: inf. verbal):

A coletividade italiana, principalmente a calabresa, ela não era, e não é como grande maioria, moradora da zona sul. Então, são moradores que pegam da zona norte para a zona oeste. Então, foi a área que nós mais focamos. Como por exemplo: o Méier, Tijuca, Riachuelo, que está dentro daquela área do Méier, e nós chegamos até Realengo.

Desde o início das aulas, a receptividade da colônia italiana da cidade do Rio de Janeiro foi positiva, como vemos na fala da professora Maria Franca Zuccarello (2012: inf. verbal):

Eu dava aula no Méier, no colégio estadual do Méier, eram três turmas por dia. [...] E aí, ficou aquilo guardado, assim, como lembrança, como um momento bom, porque os alunos eram muito interessados, muito mesmo. [...] No início da ACIB,

então, as pessoas, os italianos deslumbravam com aquela história de aprender ou reaprender italiano. Vinham famílias inteiras, entendeu?

Na segunda etapa do acordo, a ACIB-RJ cederia alguns de seus professores para atuarem nas escolas municipais do Rio de Janeiro que teriam a língua italiana em suas grades curriculares. Segundo a entrevistada Caterina Barone, no início, a Secretaria de Educação não demonstrou interesse pelo assunto (BARONE, 2012). Contudo, em 1992, o prefeito Marcello Alencar, a secretária de educação Mariléa da Cruz, o cônsul Ignazio di Pace, o diretor da ACIB-RJ, Vicente Scofano e as diretoras das escolas escolhidas assinaram o convênio²² para o ensino da língua italiana. Em um primeiro momento, as escolas escolhidas foram: Escola Municipal Itália, em Rocha Miranda, e Escola Municipal Roma, em Copacabana. De acordo com os entrevistados (BARONE, 2012; OLIVEIRA, 2012; SCOFANO, 2012), o motivo dessa escolha foi a referencia à Itália que as escolas traziam no nome. Algum tempo depois, o ensino do italiano foi introduzido no currículo da Escola Municipal Pio X, em Jacarepaguá, e, em 2004, na Escola Municipal 25 de Abril, situada no bairro da Freguesia, zona oeste do Rio de Janeiro.

Durante os vinte e quatro anos de seu funcionamento, a ACIB-RJ ofereceu cursos de língua e cultura italianas para descendentes e não descendentes em diversos locais da cidade e do Estado do Rio de Janeiro. As cidades de Nova Friburgo, Petrópolis, Teresópolis e Niterói sempre ofereceram cursos regulares de língua italiana. No início, os cursos não eram cobrados e os custos eram pagos com os subsídios disponibilizados pelo governo italiano.

O governo mandava verba. No início, nós não cobrávamos nada dos alunos. Depois, começamos a cobrar um mínimo, eram vinte cruzeiros, na época do cruzeiro, depois foi pra vinte, depois vinte e cinco, depois trinta, depois cinquenta, foi que o governo mandava cada vez menos também. Então, nós tínhamos que tentar equilibrar as contas das dívidas. (BARONE, 2012: inf. verbal)

Em seu *site*, desativado após o encerramento de suas atividades, a ACIB-RJ estava assim definida:

Com sede na Av. Presidente Antônio Carlos, 40 - 3º andar, a Associação Cultural Ítalo-Brasileira - Rio de Janeiro (ACIB-RJ) é uma sociedade civil de natureza privada, apartidária e sem fins lucrativos que tem a finalidade de oferecer cursos da língua e cultura italianas, congregando também outras associações de *oriundi* no Estado do Rio. A Associação conta com todo o respaldo do *Ministero Degli Affari Esteri* italiano, cujo apoio é fundamental para as atividades desenvolvidas. A ACIB-RJ foi criada em 30 de março de 1988 e vem, há 20 anos, incentivando o estudo do idioma e da cultura italiana e contribuindo, por meio de bolsas de estudo e pesquisa,

²² A cópia do convênio não foi encontrada nem na ACIB-RJ nem na Secretaria Municipal de Educação.

para a formação e qualificação de professores, profissionais italianos e descendentes. (ACIB-RJ, 2012b, doc. eletr. Grifo do autor)

O corpo docente da ACIB-RJ foi formado, inicialmente, por ex-alunos da professora Caterina Barone, que atuou como professora na UERJ e na UFRJ no curso de licenciatura em língua e literatura italianas. Os critérios de seleção consistiam na competência linguística e na fluência dos candidatos (BARONE, 2012). A ACIB-RJ contava, ainda, com professores italianos, muitos deles sem formação superior na área de ensino. Para preencher esta lacuna e manter o corpo docente atualizado, a ACIB-RJ mantinha convênios com universidades italianas, como a *Università per Stranieri di Siena* e a *Università Ca'Foscari* de Veneza que disponibilizavam seus professores para ministrarem cursos de formação semestrais ou anuais na sede da ACIB-RJ. Nestes cursos, a ACIB-RJ reunia professores que atuavam nas associações italianas de outros estados pertencentes à jurisdição do Consulado Italiano do Rio de Janeiro e professores das universidades públicas do Rio de Janeiro.

Entre os anos de 2003 e 2005, a ACIB-RJ ofereceu um curso de formação, com duração de oito horas semanais, para futuros professores de italiano, para o qual foram selecionados alunos oriundos da UFRJ, UERJ e UFF. Inicialmente, eram oferecidas aulas de língua e literatura italianas. Em 2004, foram acrescentadas aulas de didática da língua estrangeira, totalizando doze horas semanais de formação. Após este curso, os professores estavam habilitados para trabalharem na ACIB-RJ e em outras instituições de ensino da língua italiana. Até o ano de 2009, os cursos de formação para professores foram uma constante nas atividades da Associação, que tinha como um dos projetos da fundadora, Caterina Barone, a criação de um laboratório de formação continuada para os estudantes de italiano das universidades. Ainda no tocante à formação docente, muitos professores da ACIB-RJ frequentaram, na Universidade *Ca'Foscari* de Veneza, o mestrado universitário em didática e promoção da língua e da cultura italianas para estrangeiros, o *Master Itals*.

A ACIB-RJ foi de grande importância para a comunidade italiana no Rio de Janeiro não somente no que se refere à difusão da cultura e da língua italiana. A instituição fez, muitas vezes, o papel de mediadora entre a comunidade italiana do Rio de Janeiro e o consulado. Nas palavras da fundadora Caterina Barone (2012: inf. verbal):

Através da ACIB, da entidade, que ligou a colônia ao consulado. Não só pela parte cultural, mais pelo contato humano que os professores usavam, modéstia parte, que eu usava, que sempre pertencendo à colônia, o pessoal, qualquer coisa, qualquer dúvida, vinha e conversava. Tinha dias que eu trabalhava das oito da manhã até às dez da noite, sem sair nem pra almoçar, só para atender o pessoal. Então, pra mim,

ela serviu para aproximar o pessoal, os descendentes, ao consulado, à estrutura consular.

Em outro momento da sua entrevista, Caterina Barone apontou a existência de conflitos nas relações entre a colônia italiana do Rio de Janeiro e o Instituto Italiano de Cultura:

O Instituto simplesmente dava aula. Os professores eram italianos, na época, pouquíssimos tinham diploma universitário brasileiro, só tinham escola italiana. Eu não sei até que ponto isso melhorava ou piorava, não vou ponderar isso porque não me lembro de todos eles inclusive. Agora, como bom italiano malcriado, tinha muito professor lá que achava que era o dono do mundo, que tinha o rei na barriga, andava com o narizinho em pé e que espezinham com os alunos. Os alunos reclamavam. Porque nossa colônia no Rio, o grosso da nossa colônia, é formado por jornalheiros. Gente humilde. Orgulhosa, cabeça dura, tudo o que você quiser, mas humilde e franca, não gosta de lorotas. Brincam o quanto você quiser, mas, na hora de ser pão, pão, queijo, queijo, eles querem a verdade. E o pessoal lá de cima fazia assim: narizinho em pé, eu sou melhor do que vocês, vocês são a ralé. Como quase todo italiano que vem da Itália trabalhar inclusive no consulado, pesa e pisa na colônia porque eles são os melhores. Não é assim que se trata. Não é assim que se trata uma colônia. (BARONE, 2012: inf. verbal)

Nos projetos culturais da ACIB-RJ, destacamos duas iniciativas: o *Gruppo Folcloristico Arcobaleno* e o Coral da ACIB-RJ. O grupo *Arcobaleno* foi fundado pela ACIB-RJ em 1988 e, no ano seguinte, foi incorporado à Associação Calabresa do Rio de Janeiro. Em seu *site*, o grupo assim se apresenta: “[...] embora calabrês de origem, nosso grupo se apoia no amor pela cultura e pelas tradições italianas e manifesta o desejo de propagá-las através do canto e da dança, seja qual for a sua região” (AC-RJ, 2015, doc. eletr.). O grupo procura²³ representar danças tradicionais da Itália como: mazurcas, polkas, pizzica, salterello, valsa e, em especial, a tarantela. O coral da ACIB-RJ foi idealizado por Vicente Scofano, que desejava que a ACIB-RJ não ficasse limitada ao ensino da língua, juntamente com a professora Julia Olga Mosciaro Rastaldo, soprano do coro do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Por emprestarem a voz e a dinâmica deles ao coro, os participantes do coral faziam o curso de italiano na ACIB-RJ gratuitamente. Enquanto estava em atividade, o coral da ACIB-RJ apresentou trechos de famosas óperas italianas, em diversos eventos da cidade do Rio de Janeiro:

Paralelo a isso, com a Júlia, nós montamos duas óperas aqui dentro do consulado da Itália, no Instituto de Cultura, uma das coisas que, se eu puder falar, soltar a língua naquilo que é, vocês tiram. Eu com a Júlia conseguimos com o maestro de ensaio do Teatro Municipal, nós ensaiamos aqui no 4º andar Cavalleria Rusticana e a Butterfly. Porque duas óperas de cenas curta que não precisavam de cenário e com o

²³ O grupo atualmente encontra-se sem sede e com as atividades suspensas.

coro reduzido nós conseguíamos o [...] E foi um sucesso estrondoso. (SCOFANO, 2012: inf. verbal)

Em registros encontrados na *internet* no primeiro *site* da ACIB-RJ, temos as seguintes informações sobre os primeiros meses de 1999:

O quadrimestre está prestes a terminar o que permite tentar um balanço deste primeiro período de 1999. Nas 17 sedes onde se leciona o idioma italiano, o número de alunos atingiu a cota de 2552. Desses, 1075 são adultos e 1477 na idade escolar. Recentemente o cônsul geral da Itália, Dr. Giuseppe Magno, teve a oportunidade de visitar o prestigioso Colégio Dom Pedro II, onde ilustrou a história recente da Itália. Este colégio renovou há pouco o convênio com a ACIB. (ACIB-RJ, 2012a, doc. eletr.).

Além do Colégio Pedro II e das escolas municipais citadas anteriormente, a ACIB-RJ ministrou aulas em alguns colégios da rede privada de ensino do Rio de Janeiro. Entre eles destacam-se: Colégio Metodista Bennet, no bairro Flamengo; Colégio Gaudium et Spes, na Taquara; Colégio Paulo VI, no Méier, Colégio Olavo Bilac na Ilha do Governador e Colégio Werneck na cidade de Petrópolis. Também em 1999, a ACIB-RJ assinou convênio com a Sociedade Italiana de Beneficência e Mútuo Socorro e com o Sistema Nacional de Aprendizagem Industrial, SENAI, para cursos de italiano. No ano de 2005, a ACIB-RJ iniciou uma turma experimental na sede da Polícia Federal do Rio de Janeiro. Em 2006, os cursos se tornaram oficiais e funcionaram até 2012, quando do encerramento das atividades da ACIB-RJ.

Sempre buscando resolver a questão das estruturas físicas para as aulas de italiano, em 2005, a ACIB fez um convênio com a Universidade Estácio de Sá (ACIB-RJ, 2012a). Neste acordo, a ACIB-RJ cedia professores para os cursos de férias da Universidade e, durante o semestre, algumas salas da Universidade eram disponibilizadas para os cursos regulares de italiano da associação. Os bairros da cidade do Rio de Janeiro em que a ACIB-RJ ministrava cursos para adultos eram: Tijuca, Centro, Botafogo e Barra da Tijuca. Além da cidade do Rio de Janeiro, em Friburgo, Niterói e Petrópolis foram oferecidos cursos regulares até o encerramento das suas atividades em 2009. Após a reestruturação em 2010, somente em Niterói e em Friburgo os cursos prosseguiram até 2012.

Com a crise econômica mundial, iniciada em 2008, o *Ministero degli Affari Esteri* reduziu a verba que enviava para as instituições que faziam o trabalho de divulgação da língua e da cultura italianas no exterior. O corte de verbas para a promoção da língua italiana no exterior foi noticiado em um dos instrumentos de comunicação da colônia italiana do Rio de Janeiro:

Com pontualidade, a política de cortes do governo nas ações para os italianos no exterior, previstas no balanço trienal do Estado, está recaindo sobre as leis de balanço anuais, com efeitos sempre mais claros e mais graves. Mesmo com o empenho de recuperar no balanço deste ano os fundos obtidos na última parte do ano passado por meio do ajuste do balanço, os rendimentos fixos para 2010 não diferem daquelas estabelecidas no balanço preventivo de 2009, o que significa, em pobres palavras, que a renda recuperada para a promoção da língua e da cultura italiana no mundo será novamente cancelada e os fundos para assistência sofreram um corte de aproximadamente 6 milhões de euros. [...] Referente à promoção da língua e da cultura italiana no mundo, a análise feita dos efeitos produzidos pelo corte dos últimos anos evidenciou que a diminuição dos cursos corresponde a uma paralela e igualmente grave diminuição de alunos e que muitas famílias, diante da incerteza da continuação dos cursos tendem a não insistir no aprendizado da língua italiana para seus filhos²⁴. (REVISTA FORUM DEMOCRATICO, 2010a:8. [Tradução da autora])

Como vimos anteriormente, a ACIB-RJ era subsidiada pela verba vinda da Itália e pelas mensalidades dos alunos. Os descendentes sempre pagaram uma taxa menor do que as mensalidades dos não *oriundi*. Várias tentativas foram feitas para manter o funcionamento da instituição. No final de 2009, após várias reuniões com os professores e a diretoria da ACIB-RJ, optou-se pela demissão de todo o corpo docente, da coordenadora pedagógica e dos funcionários administrativos. Em março de 2010, as homologações das demissões dos professores foram feitas no Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro (SEPE-RJ). O drama da associação foi acompanhado pelos veículos de comunicação da comunidade italiana do Rio de Janeiro:

A instituição responsável pelos cursos de língua italiana entrou em uma grave crise desde o final do ano passado quando foi obrigada a dispensar seus funcionários, já que no decorrer dos últimos anos a contribuição ministerial foi sempre diminuindo. Durante o ano, entregaram suas demissões tanto o presidente quanto o vice-presidente, sendo necessário organizar uma nova eleição respectivamente de Vicente Scofano e Julio Vanni. O mandato da atual direção termina no final do ano²⁵. (REVISTA FORUM DEMOCRATICO, 2010b:8 [Tradução da autora])

²⁴ Con meccanica puntualità la politica dei tagli del governo sugli interventi per gli italiani all'estero prevista nel bilancio triennale dello stato sta ricadendo sulle annuali leggi di bilancio, con effetti sempre più chiari e sempre più gravi. Nonostante l'impegno di recuperare nel bilancio di quest'anno i fondi pervenuti nell'ultima parte dello scorso anno tramite l'assestamento di bilancio, le dotazioni per il 2010 non si allontanano da quelle stabilite nel bilancio preventivo del 2009 il che significa, in parole povere, che i soldi recuperati per la promozione della lingua e della cultura italiana nel mondo vengono di nuovo cancellati e che i fondi per l'assistenza subiscono un taglio di circa 6 milioni di euro. [...] Per quanto riguarda la promozione della lingua e della cultura italiana nel mondo, l'analisi fatta sugli effetti prodotti dai tagli degli scorsi anni ha evidenziato che alla contrazione dei corsi corrisponde una parallela e altrettanto grave contrazione degli alunni e che molte famiglie, di fronte all'incertezza dello svolgimento dei corsi sono indotte a non insistere nell'apprendimento della lingua italiana per i loro figli.

²⁵ L'ente gestore dei corsi di lingua italiana è entrato in una grave crisi già alla fine dell'anno scorso quando è stato costretto a licenziare il personale dopo che nel corso degli ultimi anni il contributo ministeriale è andato sempre diminuendo. Nel corso dell'anno hanno poi rassegnato le dimissioni sia il presidente che il vice presidente rendendo necessario procedere all'elezione rispettivamente di Francisco Scofano e di Julio Vanni. Il mandato della attuale Direzione scade a fine anno.

Em 2010, alguns professores continuaram na ACIB-RJ como prestadores de serviço e alguns cursos para adultos foram mantidos: Botafogo, Tijuca, Niterói e Polícia Federal, no centro do Rio de Janeiro. Somente a Escola Municipal Itália continuou com os cursos para as crianças. A seguir, apresentamos a última nota da Revista Fórum Democrático com relação à ACIB-RJ:

No dia 7 de janeiro tomou posse a direção da ACIB (Associação Cultural Ítalo-Brasileira) para o mandato 2011/2013. Como presidente, se reconfirmou Francisco Scofano, que tinha sido eleito há poucos meses após as demissões do presidente precedente, do vice-presidente e do diretor cultural. A crise na instituição dos cursos de língua italiana, causada em primeiro lugar pela diminuição dos fundos enviados pelo governo italiano, ainda não obteve uma solução, mesmo porque o modelo de gestão é baseado na gestão direta dos cursos e, consequentemente, na contratação do corpo docente e administrativo que onera o balanço da instituição independentemente do número de alunos e dos recursos conseguidos. O golpe de misericórdia - como afirmou o tesoureiro da instituição, Pietro Polizzo - seria o *Ministero degli Esteri* cancelar o envio de 44.000 euros, já concedidos, com a justificativa de que uma soma de igual valor não tenha sido utilizada corretamente pela associação²⁶. (REVISTA FORUM DEMOCRATICO, 2010c:8. [Tradução da autora])

No final do primeiro semestre de 2012, sem encontrar soluções para os problemas financeiros e administrativos da instituição, as atividades da ACIB-RJ foram encerradas definitivamente.

4.1.2 O Ensino da língua italiana na Escola Municipal Itália (1992-2012)

Nesta seção, apresentamos uma parte da história do ensino do italiano na Escola Municipal Itália, tendo como principais referências os dados obtidos nas entrevistas em História Oral.

A Escola Municipal Itália localiza-se no bairro de Rocha Miranda, na zona norte do Rio de Janeiro, e faz parte da 15ª região administrativa do Rio de Janeiro (Madureira). A escola conta com a seguinte infraestrutura: trinta e quatro salas, divididas em três andares,

²⁶ Il 7 gennaio si è insediata la direzione della ACIB (Associação Cultural Ítalo Brasileira) per il mandato 2011/2013. Presidente è riconfermato Francisco Scofano, che era stato eletto pochi mesi fa dopo un susseguirsi di dimissioni del precedente presidente, del vice presidente e del direttore culturale. La crisi dell'ente gestore dei corsi di lingua italiana, causata in primo luogo dalla diminuzione dei fondi messi a disposizione dal governo italiano, non ha trovato ancora una soluzione, anche perché il modello di gestione è basato sulla gestione diretta dei corsi e quindi sull'assunzione del personale docente e non docente che onera il bilancio dell'ente indipendentemente dal numero degli alunni e delle risorse conseguite. Quello che potrebbe essere il colpo di grazia - come ha commentato il tesoriere dell'entità, Pietro Polizzo - è il cancellamento dell'invio da parte del Ministero degli Esteri di euro 44.000, già stanziati, con la motivazione che una somma di uguale valore non è stata correttamente utilizzata dall'ente.

sala de diretoria, sala dos professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, quadra de esportes coberta, cozinha, sala de leitura, sala de secretaria, refeitório, despensa, auditório, pátio coberto, pátio descoberto e área verde. Em sua dissertação, o professor Zorzan (2015) assim caracteriza as instalações da Escola Municipal Itália:

As instalações da escola possuem um excelente estado de conservação. Por exemplo, não se vê nenhuma pichação nas paredes, nas mesas e nas cadeiras da instituição de ensino. O refeitório, os banheiros e as salas de aula são muito limpos e há, na escola, uma coleta seletiva do lixo produzido. No pátio, existem vários murais com fotos que contam um pouco da história da escola e, na biblioteca, os alunos têm à disposição uma grande quantidade de livros, dicionários e enciclopédias. A escola possui também um laboratório de informática, um auditório, que é usado para algumas apresentações e reuniões com os pais dos alunos no primeiro dia de aula, além de uma espécie de estúdio com instrumentos musicais, onde os alunos têm aulas de música. Há ainda, uma horta onde os alunos praticam o que estudam nas aulas de técnicas agrícolas e uma marcenaria em que eventualmente são consertadas mesas e cadeiras que se quebram, resultando em economia de recursos da escola. (ZORZAN, 2015: 71)

A Escola Municipal Itália foi criada em 1954 e, em 1972, encerrou suas atividades devido a problemas estruturais e de caráter social na região onde estava localizada. O prédio da escola foi atingido por uma enchente, o que ocasionou a desativação das atividades educativas entre os anos de 1972 e 1982. Em 1982, a comunidade pressionou as autoridades para que, naquela região, houvesse uma escola de segundo estágio, o que corresponde aos atuais sexto e nono anos. No mesmo ano, a Prefeitura iniciou a construção do novo prédio, que foi inaugurado em 1983, pelo então prefeito Júlio Coutinho. De acordo com a atual diretora da instituição, entre os anos de 1954 e 1960, a Escola Itália tinha muito prestígio por causa da comunidade italiana daquela região: “Ela já tinha fama, essa escola, em 54, em 60, ela tinha uma fama, de Escola Itália, até por causa da comunidade de italianos que tinha na região. O presidente Gronchi, quando veio ao Brasil, ele visitou a região. Eu não sei a data certa que ele visitou²⁷” (OLIVEIRA, 2012a: inf. verbal).

Em 1985, após o afastamento do diretor, por problemas de saúde, a escola começou a apresentar problemas administrativos e pedagógicos. A diretora que assumiu naquele ano classificou tais problemas como irreversíveis. Em 1987, o secretário de educação Moacyr de Góes instituiu a seleção dos diretores escolares pelo voto da comunidade. A atual diretora, professora Marta Martins de Oliveira, ganhou a eleição em 1987 e está à frente do cargo desde então.

²⁷ No intuito de confirmar a visita do presidente Gronchi à Escola Itália, acessei as edições digitalizadas do Jornal do Brasil, que fez uma cobertura completa dessa visita. Não foram encontradas informações sobre a visita do presidente italiano ao bairro de Rocha Miranda.

Em sua entrevista, a diretora Marta Martins de Oliveira relata que a língua italiana começou a fazer parte da grade curricular da Escola Itália em 1992 com a assinatura de um convênio²⁸ promovido entre o então prefeito Marcello Alencar, o Consulado Italiano do Rio de Janeiro e a ACIB-RJ: “Foram quatro assinaturas. Quatro ou cinco: a minha, a do prefeito, a da ACIB e a do cônsul e da professora Mariléa, da secretaria de educação” (OLIVEIRA, 2012a: inf. verbal). De acordo com a diretora, a escola foi escolhida por causa do nome. Ela aceitou participar do convênio, pois considerava o ensino do italiano um diferencial para a escola, como relata em sua entrevista:

Eu achei que era uma coisa a mais pra escola, era um diferencial. Aí, começou o diferencial da escola. A mesma coisa das cores. 'Ah, você usa as cores verde, vermelha...' Uso. O uniforme da Escola Municipal Itália é o uniforme oficial do município. Só que em algumas solenidades, em alguns desfiles, a gente põe algum grupo de alunos com uma camisa verde, uma camisa vermelha, o meu coral usa camisa verde e vermelha, a minha banda usa verde e vermelho. O uniforme do município, é o uniforme do município. Agora, lógico que se você homenageia um país, um estado qualquer, você procura usar [...] Então, a gente procura usar nas solenidades oficiais a minha bandeira, os meus porta-bandeiras usam o uniforme do município, agora o coral usa uniforme verde e vermelho, as minhas atividades extracurriculares podem usar verde e vermelho, educação física. (OLIVEIRA, 2012a: inf. verbal).

Podemos observar neste trecho da entrevista uma supervalorização da cultura/identidade da Itália, país que dá nome à escola. Para a diretora, o fato de oferecer o ensino da língua italiana na grade curricular seria mais um diferencial para a instituição. (OLIVEIRA, 2012a) A escola recorda/exalta a Itália nas cores do uniforme dos alunos para usos específicos, na decoração do prédio, no entoar o hino italiano em datas comemorativas, mostrando, assim, uma espécie de subserviência aos elementos da cultura italiana.

A Escola Municipal Itália, na época em que as entrevistas foram realizadas, em 2012, contava com uma base de quarenta sobrenomes italianos entre os alunos, que totalizava 2,76% dos estudantes matriculados naquele ano. Houve casos em que a família procurava a escola por saber do ensino do italiano. A diretora sempre procurou dar vagas para os descendentes de italiano que vivem naquela região. “Quem é descendente de italiano. Aí, eles procuram: 'Quero essa escola.' Aí, eu vou dar um jeito, vou enfiar, arranjar um buraco para enfiar esse aluno” (OLIVEIRA, 2012a: inf. verbal).

²⁸ A cópia do convênio não foi encontrada nem na ACIB-RJ nem na Escola Municipal Itália.

No *site* da secretaria municipal de educação do Rio de Janeiro, a Escola Municipal Itália é assim apresentada na divulgação do resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação do Rio de Janeiro (IDERIO) no ano de 2012:

A E. M. Itália é referência em educação numa área onde poderia obter menores resultados. Mas com o estabelecimento de metas de toda equipe e o empenho de toda a comunidade escolar, ela está entre as dez melhores escolas do IDERIO 2012. (BIZARRO, 2013, doc. eletr.).

O ensino da língua italiana foi implementado, na escola, em 1992. No início, todas as turmas da Escola Itália tinham o italiano em suas grades curriculares. De 2006 até 2012, por decisão da direção da escola, o italiano fazia parte somente da grade do 6º e do 7º anos. Entre os professores que participaram da pesquisa e atuaram na Escola Municipal Itália, como é possível verificar na descrição dos participantes da pesquisa, todos, com exceção do professor Francesco Ferrante, eram formados em Letras Português /Italiano. No ano de 2012, a Escola Itália contava com 1446 (mil quatrocentos e quarenta e seis) alunos matriculados, entre esses alunos, trezentos e cinquenta e nove estavam matriculados no 6º ano. De acordo com o INEP, no ano de 2012, havia 13% de distorção idade-série nos alunos dos 6º da Escola Municipal Itália (QEDU, 2012, doc. eletr.).

Um dos objetivos dessa pesquisa é o mapeamento dos materiais didáticos que foram utilizados no ensino da língua italiana, na Escola Municipal Itália, de 1992 a 2012. Em uma análise inicial dos dados obtidos nas entrevistas, é possível verificar que o tema material didático foi abordado por todos os ex-coordenadores da ACIB-RJ e ex-professores que atuaram na Escola Itália. O material didático é um dos exemplos de desafios enfrentados pelos professores de italiano nos anos que atuaram na Escola Itália. A ex-coordenadora e fundadora da ACIB-RJ, Caterina Barone, em um trecho da sua entrevista, afirma:

Quanto ao material didático, este já era um outro problema pra nós. Que material usar? O que que nós podíamos usar? Eu não tinha quase material nenhum de criança, meu pessoal. Tinha umas fitas de história que eu havia comprado pros meus filhos quando fui pra Itália e tal. Um ou outro livro mas, material didático mesmo não tinha quase nada. (BARONE, 2012: inf. verbal)

Em um primeiro momento, de acordo com a professora Caterina Barone, foram utilizadas fotocópias de parte dos livros *Il mio Italiano - vol. 1 di Sistema Elle* (BELLOMO; MANACORDA, 1989), *In italiano* (CHIUCHIÙ; MINCIARELLI; SILVESTRINI, 1993) e, conforme os alunos avançavam, eram utilizadas atividades do livro *Linea Diretta*

(CONFORTI; CUSIMANO, 1999). A seguir, apresentamos trechos das falas dos professores que atuaram na Escola Itália sobre a questão do material didático:

[...] a carência de material didático. Não me recordo se a ACIB fornecia partes dos livros/apostila para fotocopiar e distribuir entre os alunos. Recordo-me de preparar o material para o alunado (levando em consideração a faixa etária e a série escolar). (MORAES, 2012: doc. eletr.)

Outro desafio também, foi a falta de material na época. A gente não contava com essa mídia toda que a gente tem hoje, internet, essas coisas. Então, a gente tinha que produzir o material e não tinha muitas fontes de pesquisa pra isso. Não tinha muito livro didático infantil, quer dizer, na época a gente só contava com o *Progetto ELLE*, que era o que eu utilizava mais. Muita cópia, a gente tinha que trabalhar com xerox e os maiores desafios foram esses. (MONTEIRO, 2012: inf. verbal)

Nesses dois trechos das entrevistas as professoras comentam a falta de material específico para trabalharem com os alunos da Escola Itália. Era necessário confeccionar material. Os professores compilavam atividades dos livros disponíveis na ACIB-RJ e utilizavam cada um a sua seleção de exercícios/conteúdos, o que colaborava para a falta de continuidade do ensino, como veremos no decorrer deste capítulo.

[...] a gente não tinha livro nenhum. Como é que você vai dar aula para quarenta e três alunos, quarenta e cinco, quarenta e sete alunos, sem ter livro? Sem ter outros auxílios dentro da escola? [...] tudo sem livro, eu tinha que copiar as coisas no quadro. Eu tinha aqueles livros que eu tinha usado na escola Gaudium, *Parliamo Insieme in Italiano*, e usava aquele livro, porque achei um bom livro, que era um livro feito para países estrangeiros mesmo. Tinha cinco volumes. Era uma, vamos dizer, *gradualidade* boa. (FERRANTE, 2012: inf. verbal)

Na citação anterior, além da questão do material didático ser apresentada como desafio a ser superado, o professor Francesco (2012) alega que o número excessivo de alunos por turma, aliado a falta de apoio pedagógico por parte tanto da escola quanto da ACIB-RJ, somado a inexperience do corpo docente explicam o resultado insatisfatório do ensino da língua italiana na Escola Itália.

No trecho da entrevista a seguir, a professora Carolina Giampietro (2012) também afirma que o material didático era um dos obstáculos para o processo de ensino/aprendizagem do italiano. A professora começou a atuar na Escola Itália em 2004, doze anos após a implementação do ensino do italiano na escola. A sua constatação a respeito da carência de material didático adequado, está em consonância com os outros entrevistados, que atuaram na escola em diferentes períodos. No trecho da entrevista, destacado a seguir, a professora Carolina fala das dificuldades encontradas:

Acho que no começo eu sofri um pouco mais, porque faltava tudo, né? Meio que você chegava lá de paraquedas e: e agora? Por onde eu começo? Quarenta alunos na sala de aula, em cada turma. E, material quase nenhum, você tinha que preparar tudo e dificuldade até pra xerox, né? A gente tinha muita dificuldade até para tirar xerox. Eles não tinham apostila, não tinham livro, não tinham nada, né? Tinha a primeira dificuldade dos materiais [...] (GIAMPIETRO, 2012: inf. verbal)

Outra questão importante, levantada pela professora Carolina Giampietro (2012), foi a sua in experiência com relação ao contexto de ensino do italiano. A professora afirma que os professores “chegavam à escola de paraquedas”, sem conhecer a realidade da comunidade escolar e sem um plano a seguir para o ensino do italiano. Mesmo com os cursos de atualização, dados pela ACIB-RJ, a realidade com a qual os professores se defrontavam, era muito diferente das realidades apresentadas e trabalhadas pelos professores italianos que ministravam os cursos de atualização oferecidos anualmente pela associação.

Como é possível verificar pelos depoimentos, durante os vinte anos de ensino da língua italiana na Escola Itália, não houve uma padronização do material utilizado pelos professores. A ACIB-RJ disponibilizava os livros, feitos, em sua maioria, para outra faixa etária e para outros contextos de ensino da língua. Cada professor seguia uma linha, utilizando os livros que achavam “mais interessantes” ou, com o passar dos anos, utilizavam materiais que haviam funcionado nos anos anteriores.

Em 2005, ao sermos contratados, após o curso de capacitação para os professores recém-formados, o professor Fábio Zorzan e eu, sob a orientação da professora Udine Tausz - que ministrava aulas de didática do italiano como língua estrangeira - criamos um programa a ser utilizado em todas as escolas municipais e particulares em que a ACIB-RJ atuava, a pedido da então coordenadora Caterina Barone. Tal programa foi disponibilizado para todos os professores da Associação que trabalhavam com crianças. Porém, não havia uma cobrança ou conscientização para que todos os alunos tivessem os mesmos conteúdos e os mesmos materiais, o que gerava a descontinuidade no ensino da língua. Alguns trechos da entrevista do professor Francesco Ferrante (2012) revelam como eram as aulas de italiano dadas por ele no período de 2005 a 2011:

Eles copiavam as coisas que eu mandava. Outras coisas eu dava fora, tipo, algumas coisas de gramática, treinava gramática na sala, mais coisa eu fazia, assim, na sala de aula. Às vezes, quando eu via que eles se cansavam, porque, às vezes, tinham dois tempos de italiano, porque eram dois tempos por semana, quando ela conseguia, eu fazia um tempo e um tempo, quando eu não conseguia, colocavam 2 tempos juntos. Mas, eu gostava mais dos dois tempos juntos pois você não interrompia. [...] O ensino da língua muito, eu diria carente, assim. [...] Eu fazia música, cantavam, eles aprendiam muitas coisas. Mas, sabe como é, né? Não de forma estrutural. E depois, sempre fomos deixados assim: a Whana fazia de uma

forma, eu fazia de outra, a Rose de outra, isso era problema da ACIB. [...] Uma perda de tempo enorme. Quer dizer, a aula dura 50 minutos, você vai selecionar, também, as coisas que você vai fazer. (FERRANTE, 2012: inf. verbal)

O professor Francesco Ferrante (2012), neste trecho, narra a sua prática em sala de aula. Sem livro didático e sem normativas da coordenação da ACIB-RJ, o professor dava ênfase ao ensino da gramática, como podemos observar na fala em que ele diz que “treinava gramática na sala”. A seguir, temos um segundo trecho da entrevista do professor Ferrante (2012) em que ele fala sobre os livros utilizados como base para o ensino e complementa sua narrativa sobre sua prática em sala de aula.

Porque aqueles livros são feitos para os estrangeiros residentes na Itália. Não são feitos para [...] sabe? Estrangeiros no exterior. *Lingua due*. Então, você tinha que selecionar algumas coisas. Quando chegava... [...] Quando tinha por exemplo o frio, a neve, eu pulava aquela parte ali. Não é uma realidade que se aplica no Brasil. Eu podia até mostrar, falar alguma coisa. Aí, passava filme, eu selecionava filmes, *A vida é bela*. Já passei Pinóquio, Pinóquio do Roberto Benigni, eles gostavam muito. E depois, fazia uma série de perguntas. [...] O desafio principal era render agradável a aula, interessante. Então, como ser interessante? Como posso te dizer? Fazer alguma coisa divertida na sala de aula, onde eles aprendem se divertindo. Então, às vezes eu contava histórias sobre a cultura italiana e eles ficavam, eles [...] era a única vez que eles ficavam me ouvindo. [...] História italiana recente, mas, sempre de forma muito *light*. Expressões. Eu fazia, às vezes, um teatro pequeno, simulando as coisas e eles se interessavam. [...] era a única vez que eles ficavam me ouvindo. (FERRANTE, 2012: inf. verbal)

Podemos constatar, no fragmento destacado, algumas questões relacionadas ao ensino de uma língua estrangeira para crianças/adolescentes de uma escola pública brasileira. A primeira diz respeito à distância entre os manuais didáticos e o público alvo. No caso do italiano, os livros escolhidos como apoio eram produzidos no exterior e não se adequavam ao contexto do ensino do italiano na Escola Municipal Itália.

A segunda questão refere-se à motivação dos estudantes. O professor Francesco Ferrante (2012) destaca, em dois momentos de sua entrevista, que motivar os alunos era um dos principais desafios que ele enfrentou. Ao narrar a sua prática didática, na parte em que afirma que fazia os alunos copiarem a gramática italiana, o professor afirma que os alunos “se cansavam” (FERRANTE, 2012: inf. verbal). Para reverter tal situação, o professor procurava tornar as aulas mais lúdicas, para que os alunos “aprendessem se divertindo”, mantendo, assim, o interesse e o envolvimento dos estudantes (FERRANTE, 2012: inf. verbal). Entre os recursos utilizados pelo professor, ele cita o uso do teatro e da narrativa de histórias sobre a cultura italiana como atividades que cativavam o interesse dos alunos.

O problema do planejamento, da uniformidade do ensino e da continuidade dos conteúdos é encontrado em dois excertos de falas dos colaboradores, que serão apresentados a seguir:

E depois, sempre fomos deixados assim: a Whana fazia de uma forma, eu fazia de outra, a Rose de outra, isso era problema da ACIB. (FERRANTE, 2012: inf. verbal)

Logo no início, quando era a época da Caterina, a gente tinha um planejamento, né? Não sei se você se lembra. A gente fazia o planejamento mais ou menos do que a gente deveria dar ao longo do ano e normalmente no início, logo no início quando eu entrei pra ACIB, a gente tinha [...] As turmas ficavam com dois anos de italiano. Então, eles conseguiam fazer o 1º ano e o 2º ano. Aí, depois de um certo período, eles faziam só um ano de italiano. Então, na época da Caterina tinha planejamento sim, tinha mais ou menos com que temas a gente ia trabalhar, né? O que a gente ia ver de gramática, tinha. Depois a coisa ficou um pouco mais solta. Aí, assim, eu acabei fazendo por minha conta, pela minha experiência. O que ia dando certo eu ia repetindo, as coisas que eu via que os alunos não gostavam muito eu ia tirando. Fazia um pouco de experiência, né? Eu experimentava. Buscava ajuda nos livros didáticos que eu tinha, né? Tanto livro de curso [...] Aí eu levava partes de coisas de livros didáticos mesmo [...] (GIAMPIETRO, 2012: inf. verbal)

Os dois trechos mostram que a falta de diretriz da coordenação da ACIB-RJ, bem como a ausência de planejamento eram características do ensino do italiano na Escola Itália. Mesmo com a criação de um programa a ser utilizado por todos os professores que atuavam com crianças e adolescentes de escolas públicas e particulares, em 2005, o ensino prosseguiu sem padronização e continuidade dos conteúdos trabalhados. Algumas falas dos professores apontam para uma falta de comunicação entre os professores que trabalhavam na mesma escola ou no mesmo contexto escolar (FERRANTE; GIAMPIETRO, 2012). Sem a supervisão da coordenação da ACIB-RJ, os docentes faziam experimentações buscando auxílio nos livros didáticos que possuíam e naqueles cedidos pela ACIB-RJ. De acordo com a resposta dos alunos, a atividade era repetida ou excluída nas outras turmas ou nos outros anos.

Outro problema ocasionado pela falta de planejamento e salientado pela ex-coordenadora da ACIB-RJ era a repetição de conteúdos em séries diferentes.

Era um ensino que [...] Ele não tinha uma diretriz. A preocupação da gente sempre foi essa, a gente ia lá, a gente ensinava italiano, mas, não tinha uma sequência no ensino do italiano lá. Então, por exemplo, ele tinha aula no 6º ano, agora é 6º ano, agora é diferente. 6º ano, às vezes ele via as mesmas coisas no 7º que já tinha visto no 6º, porque não existe uma continuidade. Às vezes, trocava o professor, você não sabia o que o professor tinha dado. Então, a grande preocupação da gente era se havia de fato uma continuação do que era ensinado na Escola Itália, em termos de conteúdo mesmo. (SILVA, 2012: inf. verbal)

A falta de planejamento e supervisão gerava a repetição de conteúdos nas séries em que o italiano era ensinado. A ausência de diretriz gerava desmotivação entre os estudantes e professores que voltavam aos conteúdos e atividades que tinham dado anteriormente. A

insuficiente comunicação entre os professores e a coordenação da ACIB-RJ também é percebida neste trecho da entrevista. Muitas vezes, com a troca de professores, o conteúdo ensinado pelo professor anterior não era comunicado, o que colaborava com o ciclo de repetição de conteúdos trabalhados, como ressaltou a própria entrevistada, ex-coordenadora pedagógica da instituição.

O número excessivo de alunos por turma é uma realidade encontrada no depoimento dos professores entrevistados e aventada anteriormente no capítulo teórico, no trecho referente aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de língua estrangeira. No caso específico da Escola Itália, muitas vezes, eram compostas de quarenta e cinco alunos, fato que comprovadamente dificultava o andamento das aulas, pois a indisciplina dispersava os alunos interessados e diminuía a motivação de todos. Por tudo isso, os professores procuravam contornar a situação, buscando tornar as aulas de italiano mais atrativas, como podemos perceber através dos seguintes excertos de fala:

Porque sabe, classe baixa, então, você pega uma turma de quarenta e três, tinham cinco que eram muito interessados. Os outros, vão assim, por graus diferentes, se interessando sempre menos, não queriam saber de nada, só queriam passar o tempo ali brincando. (FERRANTE, 2012: inf. verbal)

A quantidade de alunos nas turmas porque foi a primeira escola pública em que eu trabalhei. Então, eu não estava acostumada com aquela quantidade de alunos em turma: quarenta e dois, às vezes quarenta e cinco, no máximo. (MONTEIRO, 2012: inf. verbal)

[...] você tem quarenta alunos, nem todos estão interessados naquilo que você vai fazer. E, aí, quem não está interessado atrapalha quem está interessado. É o bate-papo paralelo, a conversa, né? A falta de interesse da outra parte da turma, acho que era o principal. (GIAMPIETRO, 2012: inf. verbal)

Nos trechos destacados, o número de alunos em sala de aula e o desinteresse de grande parte dos alunos são citados como desafios no processo de ensino e aprendizagem da língua italiana na Escola Itália. O excessivo número de estudantes por turma interferia na prática do professor que tinha que lidar com a indisciplina e o menosprezo dos estudantes pelas atividades propostas, advindos de uma falta de motivação em estudar a língua. A qualidade das interações entre o professor e os alunos também ficava prejudicada devido ao elevado número de alunos em sala.

Para contornar tal situação, alguns professores tentavam tornar as aulas mais lúdicas, como afirmou a professora Mariza de Moraes: “Tentei avançar na qualidade das aulas optando por jogos, mas não podia causar alvoroço na sala de aula em detrimento das outras turmas” (MORAES, 2012 doc. eletr.). O professor Francesco Ferrante (2012), como foi visto

anteriormente, usava como recurso atividades com música, exibição de filmes italianos e a narração de histórias sobre a Itália.

Como informado anteriormente, pude assistir a três tempos de aulas de italiano, ministradas no início do semestre de 2012, em uma turma do 6º ano da Escola Municipal Itália. Era o primeiro ano do professor na escola e sua primeira experiência com crianças e adolescentes. A turma observada tinha aproximadamente trinta e cinco alunos. O professor levava algum tempo para acalmar os alunos, visto que a aula era a primeira do turno da tarde. Nas aulas em que estive presente, a prática era sempre a mesma: o professor escrevia no quadro negro o conteúdo que iria trabalhar; os alunos passavam um tempo da aula copiando o que estava no quadro e, em seguida, o professor solicitava repetições orais mecânicas e exaustivas de tais conteúdos.

Nas três aulas observadas, não aconteceram momentos de atividades com conteúdos interculturais. Algumas vezes, durante o tempo de aula, o professor vinha até mim e tecia comentários, demonstrando insatisfação com relação aos alunos e à direção escolar. Ouvia os desabafos do professor, sem dar chance para que eles se estendessem, já que estava sentada entre os alunos, o que gerava uma situação constrangedora. O professor, na época das observações das aulas, mostrava-se preocupado com relação ao ensino do hino italiano, uma exigência da direção da escola. Em sua opinião, o momento utilizado para a aprendizagem do hino iria tomar um tempo de aula que poderia ser utilizado, por ele, para dar prosseguimento aos conteúdos gramaticais.

Em sua entrevista, o ex-aluno Leonardo, na época da coleta de dados desta pesquisa aluno da Faculdade de Letras português/italiano na UERJ, nos relatou o teor das aulas de italiano ministradas na Escola Itália. Por seu depoimento, podemos perceber que o ensino da gramática normativa da língua desempenhou papel relevante nas aulas dos professores da ACIB-RJ que trabalharam na referida escola.

[...] lembro que aprendemos o verbo *essere*, aprendemos gênero e número, as pessoas do discurso, também. [...] Também tinha parte de conversação mesmo, com música, o hino eu lembro, também que a gente aprendeu, também não saiu da... saiu da nossa cabeça. [...] quando eu entrei aqui para a universidade, eu percebi que muitos dos meus colegas de turma não tinham nem o conhecimento básico do italiano. Só mesmo, assim, de algumas palavras soltas, alguma coisa que ouviam em novela, em música e que eu estava [...] eu percebi que eu estava, o professor percebeu isso também, que eu estava um pouco avançado deles, exatamente por eu ter tido esse conhecimento prévio, ter estudado quando era criança, ter dado prosseguimento. Isso me ajudou bastante porque me deu base para muitas coisas, muita coisa ficou gravada em mim, sabe? Tanto que agora eu estou no 4º período e agora sim para mim é novidade porque é morfossintaxe e tal. (OLIVEIRA, 2012b: inf. verbal).

Quando perguntamos aos entrevistados sobre a contribuição do ensino da língua italiana para a formação dos alunos da Escola Municipal Itália, obtivemos quatro tipos de resposta: a) contribuição cultural; b) contribuição profissional; c) contribuição para a reflexão sobre a própria língua; d) contribuição para a recuperação das tradições da antiga comunidade italiana que viveu no bairro de Rocha Miranda e para a manutenção da tradição escolar.

A seguir, apresentamos os trechos das entrevistas em que os participantes falam do fato de que o ensino do italiano propiciaria o conhecimento de novos mundos e culturas:

Você sabe que colocar para uma criança, permitir a uma criança ter uma visão de mundo diferente, eles deslumbram, eles abrem uma cortina e ficam com os olhos esbugalhados. O simples fato, às vezes, de uma fotografia com neve, que nunca sabiam, pensavam o que era uma neve. (Você já viu isso em sala de aula.) Eles arregalam um olho e dizem: Nossa Senhora! Como é bonito! E fazem perguntas. Então, eles estão vendo que isso, de um jeito ou de outro, provoca curiosidade nessas crianças, e faz com que elas abram o mundo deles, a visão do mundo. (BARONE, 2012: inf. verbal)

O ensino do italiano na Escola Itália foi iniciado em 1992. Naquela época, os professores de língua não dispunham das mídias de comunicação e recursos tecnológicos disponíveis nos dias atuais. Hoje em dia, a possibilidade de proporcionar ao aluno o contato com realidades diferentes, como por exemplo o fenômeno da neve, em uma sala de aula de língua estrangeira, é um fato corriqueiro. Nas palavras da entrevistada (BARONE, 2012), as diferenças climáticas e culturais entre os dois países eram um atrativo para os estudantes e proporcionavam uma ampliação de mundo destes jovens.

O fundador da ACIB-RJ afirma, ainda, que a contribuição do italiano para as crianças era na parte cultural, visto que a direção da Escola Itália realizava anualmente a Festa Italiana com temas relacionados à Itália e ao Brasil, colocando os alunos em contato com a cultura italiana por meio de peças de teatro e exposições. “Pode contribuir porque a professora Marta, que é a diretora da escola, todo o dia 02 de maio ela faz eventos que são realmente integrados à cultura italiana, como peças de teatro, exposição [...]” (SCOFANO, 2012: inf. verbal).

Seguindo na linha de respostas em que os entrevistados afirmam que a contribuição do ensino da língua italiana, para os estudantes da Escola Itália, deu-se no campo cultural, temos os seguintes trechos de entrevistas:

Primeiro como cultura. Primeiro ponto. E depois, é uma segunda língua que eles aprendem junto com o inglês, com o francês, não sei com outra coisa. Acho que a formação deles tem tudo a ganhar com o estudo do italiano. (ZUCCARELLO, 2012: inf. verbal)

Acho que culturalmente também, né? Enfim, culturalmente quanto mais língua você souber, melhor e, claro, que eu puxo a brasa para a minha sardinha. Claro que eu acho que todo mundo tem que aprender italiano. (DANGELO, 2012: inf. verbal)

Todas as escolas deveriam ter outras línguas, sem ser o inglês só. Assim, sem ser obrigatório também. O italiano, o espanhol, outras línguas também que pudessem [...] francês! Que o aluno pudesse assim, escolher. Seria ótimo que o brasileiro tivesse acesso à outras línguas pra poder crescer, também, profissionalmente e culturalmente. (CARAVELOS, 2012: inf. verbal)

Nos três trechos apresentados, as entrevistadas afirmam que o estudo da língua italiana e das línguas estrangeiras em geral, acrescentava cultura aos estudantes (CARAVELOS; DANGELO; ZUCCARELLO, 2012). Entre os diversos conceitos de cultura, as falas remetem ao conceito de cultura como desenvolvimento da pessoa por meio da educação. No capítulo teórico, vimos a definição de Sapir citada por Bauman (2012), em que a cultura é vista como um ideal de refinamento individual. A língua estrangeira, neste caso, é vista como um instrumento a ser adquirido como forma de conhecimento e “bagagem” cultural, o que agregaria valor ao estudante/conhecedor de uma ou várias línguas estrangeiras.

Em alguns estudos sobre o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, como no caso de Tomalin & Stempleski (1994²⁹ apud MELO, 2012), o termo cultura é apresentado em duas vertentes: uma com “C” maiúsculo e uma com “c” minúsculo. De acordo com os autores, o termo Cultura abrange “[...] os grandes feitos de um povo refletidos na sua história, arte, arquitetura, música e literatura” (TOMALIN; STEMPLSKI, 1994, apud MELO, 2012:18). Já o termo cultura, cunhado com a letra inicial em minúsculo, contemplaria os costumes, hábitos e práticas do dia a dia de um povo. Em depoimento o professor Ferrante (2012) afirma que o italiano é uma língua de Cultura, que traz consigo todos os feitos de anos de história do povo italiano: “Uma língua de cultura enorme. Não é uma língua de comunicação, mas, é uma língua de cultura, como quase nenhuma tem assim, a prerrogativa do italiano, ligada à nossa história, em 3000 anos [...]” (FERRANTE, 2012: inf. verbal).

Na última passagem, destacada a seguir, a professora Carolina Giampietro (2012) afirma, também, que o ensino do italiano era um meio de os alunos entrarem em contato com uma cultura diferente. Mesmo afirmando que eles “não aprendiam” a língua, ela destaca o contato com uma língua /cultura diferentes como enriquecimento para os estudantes da Escola Municipal Itália, que se diferenciava das outras escolas, por causa do ensino do italiano nas aulas de línguas estrangeiras:

²⁹ TOMALIN, Barry; STEMPLSKI, Susan. *Cultural Awareness*. Resource books for teachers. Oxford: OUP, 1994.

Quando a escola ficava muito feliz de ter a língua, os alunos também ficavam felizes de ter, sabiam que tinham uma coisa a mais. Porque era fora da grade, era uma língua a mais que eles aprendiam, e tinham contato, né? Não vou dizer que aprendiam porque a gente sabe como é difícil, mas, tinham contato com uma língua diferente. E a escola traz essa marca, né? Quem entrava lá, sabia que ia estudar italiano, os alunos sabiam. (GIAMPIETRO, 2012: inf. verbal)

Conforme apontado anteriormente, é possível notar nas respostas dos entrevistados os conceitos de cultura trabalhados no capítulo teórico: a cultura como conhecimento adquirido e a cultura como o costume, hábitos de um povo que são transmitidos dentro de uma comunidade. Para os entrevistados, o contato com a língua e a cultura italianas trazia para o universo daqueles estudantes novos horizontes, novas possibilidades. O contato com o novo, com o diferente, era sempre motivador para a curiosidade das crianças, como afirmou em sua entrevista a diretora da Escola Itália. Outro ponto que chama a atenção é que mais de um colaborador afirmou que quanto mais línguas com as quais os alunos tivessem contato, melhor seria para sua formação humana. (ZUCCARELLO; DANGELO; CARAVELLOS, 2012) Essa visão da língua estrangeira como um conhecimento a ser alcançado para melhoria da formação intelectual individual também entra no conceito de cultura como desenvolvimento do indivíduo por meio da educação e da instrução, como exposto no capítulo teórico deste trabalho.

As entrevistas demonstraram que o aspecto cultural, no ensino da língua italiana, na Escola Itália, ficou resumido, durante os vinte anos em que a ACIB-RJ atuou na escola, ao ensino/treinamento do hino italiano, a algumas manifestações artísticas como música e filmes italianos, ao tema da festa italiana e a histórias contadas sobre a Itália por alguns professores. Na abordagem utilizada pelos professores que atuaram na Escola Municipal Itália, o que temos é a visão normativa da cultura que abrange as leis, língua, costumes e tradição de um país.(OLIVEIRA, 201[4?]).

Confirmando esta hipótese, em sua entrevista, Leonardo Theml de Oliveira (2012b), ex-aluno da Escola Itália, afirma que o hino italiano era cantado, com o mesmo destaque que o hino brasileiro e o da escola, todas as semanas e nas solenidades do colégio: “O hino, a gente cantava toda segunda-feira de manhã. O hino da escola, da Itália e do Brasil. [...] Tinha momentos na aula que a gente parava e tinha mesmo o ensino, e tal, a gente ficava decorando e tudo.” (OLIVEIRA, 2012b: inf. verbal)

Os relatos dos entrevistados confirmam que o ensino/ensaio do hino italiano era o único conteúdo compartilhado por todos os alunos que estudavam italiano nas aulas de língua estrangeira. Por uma exigência da direção da escola, durante um determinado período do ano

letivo, os professores da ACIB-RJ tinham que dedicar um momento de suas aulas para ensaiar o hino com os alunos e com a professora de música. Vale destacar que, mesmo com o encerramento do convênio com a ACIB-RJ, o hino italiano continua sendo ensinado por meio do projeto mais educação,³⁰ para manter a tradição de ser apresentado em datas comemorativas.

Outra contribuição do ensino da língua italiana relatada por três participantes desta pesquisa diz respeito à questão profissional. Para as professoras Gisele da Silva (2012) e Rose Monteiro (2012), a possibilidade de aprender a língua italiana na escola era um modo de capacitar os alunos para o mercado de trabalho, o que os ajudaria no futuro profissional, como é possível notar nos seguintes trechos das entrevistas:

O Italiano é uma língua de negócios e de cultura. O ensino da língua italiana propicia aos alunos novas oportunidades profissionais, especialmente em vista dos grandes eventos internacionais programados para a cidade nos próximos anos. (PANARO, 2012: doc. eletr.)

Eu já encontrei ex-aluno que voltou depois pra fazer o curso regular da Associação Cultural. Conseguiram bolsa aqui e concluíram o curso. Infelizmente eu perdi contato, não sei se realmente essa aluna aproveitou em alguma coisa, mas, ela tinha interesse em fazer um curso universitário que exigia que ela tivesse conhecimento de algumas línguas estrangeiras e ela voltou pra fazer o curso depois. (MONTEIRO, 2012: inf. verbal)

Contribui. Eu acho que [...] Eu tive ideia disso, na última vez que a gente visitou, que você até estava presente, quando eu disse que havia alunos que saíam de lá e que procuravam o italiano como forma de profissão. Isso é uma raridade, alguém efetivamente ver o italiano como, dentro de um mercado de trabalho. É claro que eu acho que isso não nasceu, ninguém pensou, o italiano pode ser meu campo de trabalho, eu vou estudar italiano. Eu acho que não. Nasceu de uma coisa afetiva, mesmo, que surgiu durante o ensino do italiano ali dentro. De alguma forma ele gostou da forma como foi ensinada, ou ele gostou da própria língua, ele criou algum vínculo afetivo com a língua e acabou procurando aquilo como uma forma de ganhar dinheiro mesmo, na profissão. [...] Então, eu acho que contribui em termos sociais, porque é uma escola pública, porque é uma língua estrangeira e eles precisam aprender língua estrangeira pra vida profissional deles. (SILVA, 2012: inf. verbal)

Na opinião dos entrevistados, o aprendizado de uma língua estrangeira representaria para o aluno um diferencial na sua qualificação para o mercado de trabalho. Nas palavras do cônsul Mario Panaro (2012), os eventos esportivos previstos para acontecerem na cidade do Rio de Janeiro (Copa do Mundo em 2014 e Olimpíadas em 2016) seriam uma motivação

³⁰ O objetivo do Programa Mais Educação é ampliar a jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral, proporcionando oportunidades educativas por meio de atividades didático-pedagógicas oferecidas no contra turno a alunos do Ensino Fundamental, contribuindo para redução da evasão, da repetência e da distorção idade-série. Mais informações disponíveis em: <<http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=1790823>> Acesso em 15 de outubro de 2015.

indireta para aprender a língua italiana e um diferencial para os alunos da Escola Municipal Itália.

Outra questão levantada pela ex-coordenadora Gisele Batista (2012) é a de que os alunos criavam um laço afetivo com a Itália, durante o período que estudavam na escola pesquisada, prova disso é que alguns alunos procuravam dar continuidade ao estudo da língua e da cultura italianas.

A terceira contribuição do ensino da língua italiana, encontrada na análise das entrevistas, era a constatação da analogia que os alunos estabeleciam quando entravam em contato com o italiano e percebiam as suas similaridades com a língua portuguesa. Esta contribuição é mencionada, também, no PCN de língua estrangeira (BRASIL, 1998) que afirma que o ensino de LE aumenta o conhecimento sobre linguagem que o aluno construiu sobre a própria língua materna quando o estudante faz comparações entre as línguas. Sobre esta contribuição, temos o seguinte trecho de entrevista:

De vez em quando eu ouço comentários de alunos que chegam pra mim no 9º ano, e eles tiveram italiano no 6º e, às vezes, no 7º, dependendo do professor que esteja ministrando a aula aqui na escola, e eles dizem assim: “Ah, isso aí é parecido com o latim, né professora? A senhora está falando em latim? Em italiano, eu aprendi isso.” Então, eles fazem uma analogia, eles comentam e falam, às vezes, as frases em italiano, que eu estou colocando no quadro em português, principalmente as figuras de linguagem, concordância. Então, eles acham que italiano tem muito a ver. É realmente tem, são línguas latinas as nossas, né? [...] Porque eles vêm pro 6º ano e não sabem língua nenhuma. Eles encontram o italiano e se familiarizam com a língua porque algumas palavras são muito parecidas com a língua portuguesa e o modo, também, de escrever as frases são semelhantes. Então, eu acho que é isso, a semelhança da língua latina. Tem origem no latim e a facilidade de aprendizagem de uma língua e da outra. Diferente do inglês que a formação das palavras, as colocações das palavras são diferentes. Eu acredito que o 6º ano é que faz com que isso aconteça, essa preferência, porque eles encontram, pela primeira vez, uma língua diferente já, quando entram na escola, no 6º ano. Eu acho que isso faz com que eles gostem. [...] É diferente mas, muita coisa parecida, a exceção de uma coisa ou outra na fonética, a contribuição do latim é muito grande nas duas línguas e eles acabam aprendendo. A formação das frases, dos verbos são bem parecido. (CARAVELOS, 2012: inf. verbal)

Neste trecho, a professora demonstra uma baixa expectativa em relação ao conhecimento prévio dos alunos ao afirmar que “eles vêm pro 6º ano e não sabem língua nenhuma” (CARAVELOS, 2012: inf. verbal). Para a entrevistada, mesmo os alunos não tendo contato prévio com outras línguas, o ensino do italiano era facilitado pela proximidade da língua italiana com a língua portuguesa (CARAVELOS, 2012). De acordo com a professora, os alunos mostravam-se motivados, quando faziam reflexões sobre as diferenças e as similitudes entre o português e o italiano (CARAVELOS, 2012). Para ela, a correlação

entre as línguas levava os alunos a preferir o italiano ao inglês nas aulas de língua estrangeira (CARAVELOS, 2012).

O professor Francesco Ferrante (2012) também ressalta que a descoberta da conexão entre o italiano e o português era fonte de motivação para os alunos.

[...] Eu colocava, eu mostrava, como havia muita coisa em comum entre o português e o italiano. Quando eles me perguntavam: “Como é que fala isso?”, eu colocava no quadro, desde o começo: *Che cosa significa*, blá, blá, blá; *Come si dice*, blá, blá, blá; *Posso andare in bagno?* Se a pessoa não falava em italiano não andavam *in bagno* não. Aí, todas essas coisas. Aí, vinha a questão: “Alho se fala *aglio?*” É. Porque, no começo, eu apresentava as línguas neolatinas, para eles entenderem porque estavam estudando italiano. Porque entre italiano e português tem muita coisa em comum, muita coisa em comum, mais do aquilo que vocês podem imaginar. Havia interesse sim, porque eles sabiam que podiam [...] Que tinha uma ligação entre uma coisa e outra, não só linguística, mas, cultural, de origem, histórica. (FERRANTE, 2012: inf. verbal)

O professor aproveitava a motivação para apresentar as línguas neolatinas explicando, assim, a proximidade entre as línguas, identificadas pelos alunos ao serem apresentados ao novo idioma (FERRANTE, 2012). No trecho destacado, podemos verificar que, mesmo tendo afirmado anteriormente que dedicava a maior parte do tempo das suas aulas à gramática, o professor recorria à abordagem comunicativa para tornar as suas aulas mais atrativas. Exemplo disso são as frases “*Che cosa significa?*”, “*Come si dice?*”, *Posso andare in bagno?*” ensinadas pelo professor, desde o início do ano letivo, estimulando os alunos a se comunicarem utilizando a língua estrangeira estudada. A utilização das frases em italiano era um dos atrativos do professor que criava um espaço para que o aluno se expressasse utilizando a língua que estavam aprendendo como lugar de interação e autonomia linguística.

No último trecho selecionado, a professora Rose Monteiro (2012), assim como os outros entrevistados, também afirma que o reconhecimento das similaridades e das diferenças entre o italiano e o português estimulava a curiosidade dos alunos. O estudante era levado a refletir sobre a sua própria língua e a se reconhecer em uma comunidade (de falantes de português), processos importantes para a construção da identidade cultural.

A gente sabe que o italiano é uma língua neolatina. Tem várias coisas, várias coincidências que eles ficavam impressionados “- Nossa, que legal! Isso é parecido com essa tal palavra”. Ou então, “Essa é completamente diferente”. E até não esqueciam o significado da palavra, talvez até pela diferença e pensavam mesmo [...]. (MONTEIRO, 2012: inf. verbal)

Outra contribuição referida por duas professoras participantes da pesquisa foi o aspecto do ensino do italiano vincular a comunidade escolar à história do bairro que, como afirmado anteriormente, recebeu famílias italianas (SILVA, 2012; MONTEIRO, 2012). Para as participantes, além de complementar uma tradição do bairro e da escola, o contato com a

língua italiana servia de estímulo aos alunos de sobrenome italiano para buscarem suas origens.

Óbvio que o italiano tem porque o italiano contribui pra uma questão histórica da escola. Existe essa relação com a comunidade italiana que já esteve ali e que ainda tem os seus, os seus ascendentes ali. Você tem uma série de alunos lá que tem sobrenomes italianos. (SILVA, 2012: inf. verbal)

E outra coisa também interessante que eu esqueci de relatar: a Escola Itália fica na Avenida dos Italianos e, uma certa época houve uma grande concentração de italianos ali e tem alguns descendentes ainda. Então, algumas crianças diziam que iam falar em casa, o italiano. Então, eu acredito que isso, de alguma forma incentivava, pra que eles procurassem alguma coisa voltada pra língua, alguns que tinham facilidade pra língua estrangeira realmente, eu acredito que aquilo norteou um pouco a vida de alguns deles. (MONTEIRO, 2012: inf. verbal)

No recorte a seguir, é possível comprovar o que foi dito na falas anteriores nas quais o ensino do italiano é fator desencadeador do interesse do aluno em ir buscar sua história familiar.

Porque quando você fala de um outro país diferente, você está mostrando pra ele uma cultura diferente, um hábito diferente, as nossas raízes, e se você for procurar bem aqui no Rio de Janeiro, você vai ver que se não tem parente tem um agregado italiano. Entendeu? Aí, a criança fica muito interessada. Eu já tive criança que trouxe a bisavó aqui que a pessoa chorou na festa. Assim, quer dizer, eu acho que agregou a família. Eu tenho até, me deram certidão de nascimento, a coisa da chegada, eu tenho tudo aí. Quando é na época da festa da Itália, eu coloco isso tudo em exposição. (OLIVEIRA, 2012a: inf. verbal).

O trecho destacado reforça o que já foi dito sobre o caráter integrador da escola, com o diferencial de ensinar o italiano como língua estrangeira. A comunidade se sentia impelida a comprovar a sua origem e todo material trazido, como certidão de chegada ao Brasil e certidões de casamento, é mantido em arquivos pela direção da Escola Itália. Tal fato liga-se a um dos objetivos do entrevistado Vicente Francesco Scofano (2012) ao criar a ACIB-RJ, que era manter viva a tradição dos imigrantes italianos do Rio de Janeiro.

Na contramão dos depoimentos, apenas uma participante afirmou que não houve contribuição do ensino de italiano para a comunidade escolar. A professora justifica tal resposta devido à falta de planejamento e continuidade no ensino.

Afirmei anteriormente que a citada disciplina não fazia parte do PPC da Escola. Pelo menos, foi a impressão que tive. Afirmo isto porque não existia continuidade, não havia material didático próprio. Era necessário um projeto didático com fins culturais. (MORAES, 2012: doc. eletr.)

Para a entrevistada, a ausência do caráter intercultural da proposta pedagógica curricular (PPC) impediu que o ensino do italiano desse contribuição relevante para a

comunidade escolar (MORAES, 2012). Segundo a professora, a descontinuidade dos conteúdos e a falta de atividades em que os aspectos culturais da língua estrangeira fossem trabalhados prejudicaram o processo de ensino do italiano na Escola Municipal Itália (MORAES, 2012).

Tendo como base os excertos de falas anteriormente reproduzidos, é possível afirmar que, mesmo sem um planejamento e uma sistematização dos conteúdos, o ensino do italiano na Escola Itália, durante os vinte anos em que fez parte da grade curricular, contribuiu culturalmente para aquela comunidade, que continua mantendo viva a tradição de contemplar e aprofundar o conhecimento sobre a Itália e suas características culturais.

4.1.3 Identidades e estereótipos

Na última parte da análise dos dados, procuraremos extrair, das falas dos colaboradores, as percepções identitárias dos imigrantes e seus descendentes. A contribuição de Caterina Barone e Vicente Scofano foi de fundamental importância para esta etapa da pesquisa, uma vez que é possível detectar, em seus discursos, particularidades do processo de reconhecimento identitário próprio dos imigrantes e seus descendentes.

Em mais de um momento, os dois participantes, anteriormente referidos, chamam a atenção para o fato de a colônia italiana do Rio de Janeiro ser formada por calabreses. Entre as características da colônia, indicadas pelos dois participantes, destacamos os seguintes trechos das suas entrevistas:

Sempre foi desligada. Cada um por si, Deus por todos. Porque a maioria aqui é *calabresa*, calabrês é *capa tosta*. Um não admite [...] Um não admite que o outro dê palpite, um quer ser melhor do que o outro. Aliás, não é só com o *calabrês*, o mundo inteiro está nessa base. [...] E como eu sou o tipo de pessoa que não tem papa na língua, o que eu tenho que dizer, eu digo, que é o que eles gostam, eles gostam da verdade, doa a quem doer, eu sou do mesmo temperamento. (BARONE, 2012: inf. verbal. Grifo meu.)

[...] porque uma grande parte dos *calabreses imigrados* pra cá, muitos deles não tinham subsídios, não tinham os elementos [...] em termos de [...] vamos dizer assim: financeiros para manter os filhos em escolas, tá entendendo você, sem demérito porque nós conhecemos o grau do Instituto Italiano de Cultura. Mas, é caro, tá entendendo? Então, para um certo nível da *sociedade calabresa* instalada no Rio de Janeiro, eram cursos caros. (SCOFANO, 2012: inf. verbal. Grifo meu.)

[...] porque a nossa colônia no Rio, o grosso da nossa colônia, é formado por *jornaleiros*. *Gente humilde*. Orgulhosa, cabeça dura, tudo o que você quiser, mas humilde e franca, não gosta de lorotas. Brincam o quanto você quiser, mas, na hora de ser pão, pão, queijo, queijo, eles querem a verdade. (BARONE, 2012: inf. verbal. Grifo meu.)

A coletividade italiana, principalmente a calabresa, ela não era, e não é como grande maioria, moradora da zona sul. Então, são moradores que pegam da zona norte para a zona coisa. [ZONA OESTE] Então, foi a área que nós mais focamos. Como por exemplo: o Méier, Tijuca, Riachuelo, que está dentro daquela área do Méier, e nós chegamos até Realengo. (SCOFANO, 2012: inf. verbal. Grifo meu.)

Tendo por base esses trechos das entrevistas, é possível confirmar o que vimos no capítulo sobre a imigração italiana no Rio de Janeiro, ou seja, a maioria dos componentes da colônia é formada por calabreses que são caracterizados, pelos participantes, e também pelos estudiosos citados no primeiro capítulo desta pesquisa, como pessoas que tinham poucos recursos financeiros para propiciar formação escolar aos filhos e que tiravam o sustento da venda de periódicos. Dentro do conceito de identidades fluidas de Zygmunt Bauman (2005), podemos notar, nesses trechos destacados, os primeiros itens que compõem o conjunto de identidades utilizadas pelos entrevistados para se definirem: italianos, imigrantes, calabreses, jornalheiros.

Mesmo após a unificação do território italiano, e de todo o esforço empenhado para a criação de uma identidade nacional italiana, é possível verificar que, entre as identidades em que se reconhece, o italiano prioriza a sua região de origem e toda a carga identitária e cultural que tal fato comporta. *Sou calabrês, sou romano, sou siciliano* aparece como um marcador identitário de grande relevância quando um italiano/descendente é indagado sobre a sua origem. Tal característica é verificada ainda em nossos dias e parece ter sido importada pelas colônias. Também encontramos esta caracterização por regiões, na parte da entrevista em que Caterina Barone (2012) apresenta a colônia italiana da cidade de Varre-Sai, no noroeste fluminense. A entrevistada não usa o termo italiano ao se referir aos descendentes da localidade:

Em Varre-Sai, Estado do Rio, onde tem uma colônia *romagnola* enorme, enorme, enorme. Praticamente a cidade inteira são descendentes de *romagnoli*. (BARONE, 2012, inf. verbal)

Nas entrevistas dos fundadores da ACIB-RJ, mais de uma vez eles reforçam que a colônia italiana do Rio de Janeiro era formada principalmente por calabreses, o que poderia ser um diferencial com relação as outras colônias italianas do Brasil. Tal divisão, também aparece no trecho destacado que explicita a disputa de poder dentro da ACIB-RJ. Em sua fala, Vicente Scofano (2012) cita as diversas associações dentro da colônia italiana do Rio de Janeiro, que faziam parte do conselho administrativo da ACIB-RJ, o que atesta que as divisões regionais italianas também estão presentes na colônia.

Questões políticas, burocráticas e até mesmo as políticas até internas, não só... Essas partes políticas, que fique bem claro, que não foram elas emanadas pelo cônsul da Itália, pelas associações que fazem parte, digamos assim, do conselho de representantes. Porque o conselho de representantes é composto por um membro de cada associação legalmente constituída. O que represente os *lucchesei*, representam a Toscana, representa a Calábria, representa o Vêneto, como nós temos aqui, diversas associações [...] Que começou a entrar uma disputa aqui de poder. Cada um queria tomar conta de um pedaço. Então, quando eu vi isso eu disse: não, eu acho que ninguém pode se perpetuar no comando de uma instituição. Mas que sejam feitas com políticas construtivas ou que você tenha oposições construtivas, que vão fazer o que você está fazendo ou mais. Quando você mede um nível que as pessoas vêm pura e simplesmente, por força política, querer te derrubar do cargo, não. (SCOFANO, 2012: inf. verbal)

Outro ponto que nos chamou a atenção, na questão identitária, foi o modo de relacionamento entre a colônia e o Consulado Italiano do Rio de Janeiro, pois em mais de um momento de suas entrevistas, a professora Caterina Barone (2012) e Vicente Scofano (2012) relatam que a colônia não se sentia representada e nem acolhida pelo órgão oficial do governo italiano. Nos trechos destacados a seguir, podemos constatar o sentimento de pertencimento ou não a uma comunidade, proposto por Zigmunt Bauman (2005), como uma das características de aceitação de uma identidade.

A meu ver pessoal, eu, através da ACIB, da entidade, que ligou a colônia ao consulado. Não só pela divulgação da parte cultural, mas pelo contato humano que os professores usavam, modéstia parte, que eu usava, que sempre pertencendo à colônia, o pessoal qualquer coisa, qualquer dúvida vinha e conversava. [...] Então, pra mim, ela serviu pra aproximar o pessoal, os descendentes, ao consulado, à estrutura consular. Coisa que através do Instituto, nunca foi feita. O Instituto simplesmente dava aula. Os professores eram italianos, na época, pouquíssimos tinham diploma universitário brasileiro, só tinham escola italiana. Eu não sei até que ponto isso melhorava ou piorava, não vou ponderar isso porque não me lembro de todos eles inclusive. (BARONE, 2012: inf. verbal)

Segundo a professora Caterina Barone (2012), havia uma espécie de hierarquização nas relações profissionais no Consulado Italiano do Rio de Janeiro, que se traduzia no distanciamento, por parte dos funcionários do consulado e do Instituto Italiano de Cultura, em relação aos membros da colônia (BARONE, 2012). De acordo com Caterina Barone (2012), para fazer frente a essa realidade, a ACIB-RJ serviu como canal de comunicação para dar voz e visibilidade aos imigrantes italianos e seus descendentes.

Além das identidades destacadas anteriormente, encontramos, nos discursos dos fundadores da ACIB-RJ, outros elementos identitários que compõem o conjunto das relações interpessoais entre os imigrantes italianos de diferentes *status* sociais, como funcionários do governo italiano, residentes no Rio de Janeiro e descendentes de italianos, pertencentes à

colônia. A professora Caterina Barone (2012), no trecho destacado a seguir, expõe o conflito precedentemente referido.

[...] Agora, como bom italiano malcriado, tinha muito professor lá³¹ que achava que era o dono do mundo, que tinha o rei na barriga, andava com o narizinho em pé e que espezinhavam com os alunos. Os alunos reclamavam. [...] E o pessoal lá em cima³² fazia assim: narizinho em pé, eu sou melhor do que vocês, vocês são a ralé. Como quase todo italiano que vem da Itália trabalhar inclusive no consulado, pesa e pisa na colônia porque eles são os melhores. Não é assim que se trata. Não é assim que se trata uma colônia. Que é o que sua excelência o governo italiano está fazendo agora. Está tentando pisar nas colônias italianas no exterior. (BARONE, 2012: inf. verbal)

Como mencionado anteriormente, as rupturas, ocasionadas pelas múltiplas identidades histórico-culturais presentes no território italiano, geraram reflexos na autoimagem dos italianos e na percepção de seus compatriotas. De acordo com Fábio Bertonha (2014), tais reflexos e percepções foram exportados, juntamente com os imigrantes, gerando conflitos também nas colônias italianas. Mais de uma vez, os entrevistados ressaltaram que a colônia era prevalentemente formada por italianos provenientes do Sul da Itália e que os órgãos oficiais do governo italiano não promoviam a integração entre eles e tão pouco os representavam. (BARONE; SCOFANO, 2012) De tal maneira que a ACIB-RJ, vale destacar, instituição fundada por imigrantes e seus descendentes, para a divulgação e transmissão do patrimônio cultural herdado, tinha como finalidade preencher esta lacuna deixada pelos órgãos governamentais no atendimento a este determinado público e cuja razão histórica pode ser percebida nos conflitos identitários italianos.

Mas, infelizmente, durante o período que eu governei isso aqui, eu encontrei muita dificuldade, muita [...] por parte, não digo do governo da Itália, mas, quem fala em nome do governo da Itália só criaram dificuldade. Não entendi por que isso. Porque eu acho que um corpo consular, o que ele tem que fazer é o seguinte: é botar o país que ele representa acima de qualquer coisa e ver que as reivindicações que vêm dos grupos formados e que procuram divulgar o país que eles representam, eles darem assistência, pelo contrário, eles se fecham lá nos seus gabinetes, mandam um subalterno nos atender que não tem a menor interesse com a coisa. (SCOFANO, 2012: inf. verbal)

A questão da cultura e da língua do país de origem, como forma de identificação, é abordada por Vicente Francisco Scofano (2012) em diversos trechos de sua entrevista. O entrevistado fez questão de aprender a língua oficial do país de seus pais e não somente o dialeto calabrês, que utilizava no ambiente familiar (SCOFANO, 2012). Aprofundou o

³¹ Professores do Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro, órgão oficial do governo italiano para a difusão da língua e da cultura italianas.

³² Funcionários do Consulado Italiano.

conhecimento sobre ópera, produto cultural italiano e procurou transmitir aos descendentes o amor e o reconhecimento pelo país de seus ancestrais, com a fundação da ACIB-RJ.

Porque não era só dialeto, nós queríamos conhecer a língua na sua profundidade. Porque o que valia no nosso meio, a grande circulação era exatamente através do nosso dialeto calabrês, o qual eu falo perfeitamente. Mas, nós tínhamos dificuldade realmente, na ortografia da língua italiana no seu, sim [...] Isso me motivou porque, como eu sou amante de música clássica, especialmente ópera, então, eu queria entender o libreto das óperas, eu queria entender a poesia da ópera, porque que ela acontecia e tal [...] Mas, via que atrás desses aqui, tinham inclusive meus filhos e outros filhos de calabreses emigrados no Rio de Janeiro que tinham interesse de conhecer e de se integrar com a língua italiana porque a língua italiana, na verdade, não é uma língua comercial. Só vai estudar italiano quem ama a Itália, quem gosta da Itália, quem gosta realmente de história, quem gosta de coisa [...] (SCOFANO, 2012: inf. verbal)

Na citação a seguir, o entrevistado aborda o papel da língua como tradutora do sentimento de pertencimento à identidade nacional de origem (SCOFANO, 2012). Com o suceder das gerações, a língua italiana e o dialeto calabrês deixam de ser utilizados. A pouca exposição por parte dos descendentes desses imigrantes à língua de herança, faz com que esta seja, muitas vezes, preterida. No trecho destacado a seguir, vemos que a filha do entrevistado, após uma visita à Itália para conhecer os familiares, mantém contato com os primos italianos, ao voltar ao Brasil, por meio de cartas escritas em inglês que funcionava como língua franca entre eles.

Então a minha filha quando fez 15 anos, em 82, ela foi à Itália. Ela ter ido à Itália pela primeira vez então ela lá, no convívio dela com os primos, né? Ela teve aquela felicidade de poder estar com eles. Então, como ela foi junto com a mãe, eu não pude ir infelizmente por questão de trabalho. Naquela ocasião ela foi com a mãe. Então a mãe teve a facilidade porque estava em família. Mas, ao vir, ao voltar ao Rio de Janeiro, a correspondência dela daqui do Rio de Janeiro com os italianos lá na... lá na... Porque a minha esposa, ela não é da Calábria, ela é da “*regione Campania*” né? Então eles se correspondiam em inglês. Foi uma das vezes que a minha filha pediu que eu pusesse, que eu fosse postar uma carta pra a Itália e quando eu vi a bandeira brasileira, eu vi ela colocando. Eu disse: mas espera aí, você escreveu em... “Ah, pai! Eu não falo italiano. Eu vou me corresponder com a Gabriella em inglês”. Ela foi pegar uma carta da Gabriella, prima dela e minha sobrinha e realmente a correspondência estava em inglês. Isso foi uma das coisas que me machucou. Um envelope com a bandeira da Itália com a mensagem em inglês dentro, um envelope com a bandeira brasileira, com as cores da bandeira brasileira e a mensagem em inglês. Eu digo: que países são esses? Que mundo é esse? A Itália que tanto deu ao Brasil também os seus imigrantes, a força da mão de obra, hoje está neste estágio. Quer dizer: entra uma língua que não teve nada de nada, que não teve mérito nenhum nessa conexão dos italianos virem pra cá pra trabalhar. Entendeu? E passou a ser a língua... Isso foi uma das causas que me levou à luta da implantação da ACIB. (SCOFANO, 2012: inf. verbal)

Dentro do campo das percepções identitárias, quando perguntado sobre o futuro da ACIB-RJ, Vicente Scofano (2012) cita a tenacidade e a perseverança como características do povo italiano, reconhecidas, não somente por seus descendentes.

Qualquer canto que você chega, quando não é o italiano que é tido como: é italiano, é uma marca *sui generis*, é italiano. Então, a própria palavra diz: é um italiano, é um italiano, tudo bem. [sussurrando] É um francês, é um inglês, é um alemão. O italiano a pessoa enche o pulmão pra falar: é um italiano! Isso nos dá muita coisa. Então, quer dizer, não sou... Não somente os italianos dizem isso, quem não é descendente, que é brasileiro, vê o italiano com uma certa garra. (SCOFANO, 2012: inf. verbal)

O participante contava com a determinação característica do povo italiano, principalmente dos que tiveram que emigrar, para levar a frente o projeto da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro o que, infelizmente, não aconteceu. Além da questão identitária encontrada nas entrevistas dos fundadores da ACIB-RJ, procuramos individualizar alguns estereótipos presentes no discurso dos colaboradores.

Quando elaboramos o roteiro das entrevistas dos professores, a pergunta sobre ser ou não descendente italiano, não fora motivada pelo preconceito recorrente nos cursos de língua estrangeira. Tal preconceito traduz-se na crença de que o professor nativo é mais preparado que os professores falantes da língua materna de seus alunos. Em resposta, a professora Mariza Moraes (2012) faz notar que entre professores de língua inglesa este preconceito não é tão frequente, como no caso na língua italiana, e que tal preconceito, aliado a tantos outros, faz com que a língua italiana não tenha um lugar importante nas políticas linguísticas brasileiras:

Não e não pretendo adquiri-la por meio de casamento ou ação do gênero. Há um preconceito em relação aos professores de italiano. Ninguém pergunta ao professor de inglês se ele é descendente de pessoas em cujos países as pessoas falem inglês. A língua nos seduz e usa a cultura do povo (ou povos) que a praticam como fetiche. Há, ao lado do preconceito, um comportamento, acredito eu, excludente. Apenas os descendentes podem - e devem- reproduzir o idioma dos ascendentes. São esses motivos somados a outros que não permitem que a língua italiana ocupe o seu devido lugar no cenário das políticas linguísticas do Brasil. (MORAES, 2012: doc. eletr.)

Em um dos trechos da entrevista do professor Francesco Ferrante (2012), a questão do professor nativo é também ressaltada. O professor afirma que os alunos da Escola Itália o respeitavam pois “[...] estão estudando italiano, de graça, eu sou um professor nativo [e seria] uma bobagem não querer aproveitar, né? Então, vi que tinha respeito” (FERRANTE, 2012: inf. verb.). O fato de os alunos de uma escola pública estarem estudando italiano, com um professor nativo e gratuitamente, é visto pelo professor como uma oportunidade única.

A dúvida que emerge da análise dos dados é que o interesse dos alunos pelas aulas de italiano seria maior se houvesse uma melhor contextualização do ensino, não apenas justificado pelo convênio ou por uma denominação. Além disso, se as atividades fossem pensadas e planejadas em conjunto com todos os professores que atuavam na escola com a supervisão da coordenação da ACIB-RJ o ensino se tornaria mais atraente, já que para uma criança/adolescente ter aulas com um professor nativo, não representa um privilégio ou uma oportunidade única, como afirma o entrevistado. Cabe ressaltar que ser falante nativo de um idioma, não é atestado de capacidade e competência didática.

Com relação as características atribuídas aos italianos que podem se configurar em estereótipo, observamos um deles, na fala da professora Caterina Barone (2012) quando ressalta a teimosia dos calabreses como traço identitário. “*Porque a maioria aqui é calabresa, calabrés é capa tosta*”³³. Um não admite... Um não admite que o outro dê palpite, um quer ser melhor do que o outro”. (BARONE, 2012: inf. verbal. Grifo meu).

Em alguns trechos das entrevistas, principalmente dos fundadores da ACIB-RJ, podemos perceber que a questão meridional, o conflito e tensões entre os italianos do Norte e italianos do Sul, também encontra ecos nos italianos que imigraram. Para João Fábio Bertonha (2014:68), a diferenciação entre italianos do norte e do sul e seus respectivos estereótipos teve origem na Idade média, “[...] quando o Norte ficou mais próximo da Europa e o Sul do mundo mediterrâneo”. Para o autor, essa distinção se acentuou no decorrer do tempo e na unificação da Itália o quadro era que “[...] Sul e Norte tinham padrões de desenvolvimento econômico diferentes e culturas não de todo incompatíveis, mas também não exatamente iguais” (BERTONHA, 2014:68).

Com relação ao desenvolvimento econômico, Bertonha (2014) afirma que o Sul da Itália não apresentava o mesmo nível de desenvolvimento que as outras regiões, apesar das ações do governo para a reversão deste quadro. Esta característica da região Sul da Itália é percebida na escolha das palavras, usadas pelos entrevistados, ao caracterizar os imigrantes e seus descendentes, membros da colônia italiana do Rio de Janeiro: gente humilde, sem recursos, sem subsídios, sem representação e sem apoio do consulado/ governo italiano.

Caterina Barone (2012) chama atenção para o comportamento arrogante de alguns professores do Instituto Italiano de Cultura não agradar a colônia italiana do Rio de Janeiro. Podemos classificar como estereotipadas as falas que relatam o distanciamento entre a colônia italiana do Rio de Janeiro e o Consulado Italiano do Rio de Janeiro. Muitas vezes, os italianos

³³ Capa Tosta: cabeça-dura, teimoso.

que vinham trabalhar no consulado e no Instituto Italiano de Cultura não se relacionavam de maneira colaborativa e amigável com os italianos da colônia italiana. Nas palavras da entrevistada, o sentimento expresso por essas pessoas era de desprezo em relação aos compatriotas da colônia do Rio de Janeiro. Este desprezo fundamenta-se no estereótipo advindo da origem da colônia, formada em sua maioria por italianos oriundos da Itália meridional:

Os professores eram italianos, na época, pouquíssimos tinham diploma universitário brasileiro, só tinham escola italiana. Eu não sei até que ponto isso melhorava ou piorava, não vou ponderar isso porque não me lembro de todos eles inclusive. Agora, como bom italiano malcriado, tinha muito professor lá que achava que era o dono do mundo, que tinha o rei na barriga, andava com o narizinho em pé e que espezinhavam com os alunos. Os alunos reclamavam. Porque a nossa colônia no Rio, o grosso da nossa colônia, é formado por jornalheiros. Gente humilde. Orgulhosa, cabeça dura, tudo o que você quiser, mas humilde e franca, não gosta de lorotas. Brincam o quanto você quiser, mas, na hora de ser pão, pão, queijo, queijo, eles querem a verdade. E o pessoal lá em cima fazia assim: narizinho em pé, eu sou melhor do que vocês, vocês são a ralé. Como quase todo italiano que vem da Itália trabalhar inclusive no consulado, pesa e pisa na colônia porque eles são os melhores. Não é assim que se trata. Não é assim que se trata uma colônia. Que é o que sua excelência o governo italiano está fazendo agora. Está tentando pisar nas colônias italianas no exterior. Pelo menos até Berlusconi foi assim. Agora com o Monti, não sei como vai ser, não tenho a mínima ideia. (BARONE, 2012: inf. verbal)

Não foi possível identificar, nos dados obtidos, a procedência dos italianos que vinham trabalhar no Consulado Italiano do Rio de Janeiro ou no Instituto Italiano de Cultura. Por outro lado, ficou claro que a autoimagem dos membros da colônia, os quais entrevistamos, é a de pessoas humildes, a maioria vinda do Sul da Itália, que se associaram com o intuito de preservar e transmitir, às novas gerações, a cultura que trouxeram ou receberam de seus antepassados, uma vez que não contavam com os compatriotas que chegavam à cidade em outro contexto e com outros objetivos. A cisão existente na Itália entre o Sul e o Norte está presente, também, entre italianos membros da colônia italiana do Rio de Janeiro e os demais conterrâneos, que trabalhavam nos órgãos oficiais do governo italiano.

Dando prosseguimento a análise das entrevistas, foi possível identificar outro estereótipo ligado aos italianos, na fala da diretora Marta Martins de Oliveira:

E essa minha tia postiça veio com a família e acabou se casando com o irmão da minha avó. Eu tenho uma ligação muito forte, até de palavrão italiano, porque a minha vó, as duas não se davam, a minha vó com a cunhada, mas, não se davam entre aspas, viviam grudada uma na outra. Mas, viviam brigando as duas, a minha vó até parecia italiana. E aí, a gente teve uma convivência muito boa. [...] Ela falava, a minha vó também falava italiano, com a minha tia, mas, brigavam muito. Meu tio já era brigão, porque meu tio era do sindicato de sapateiros, que era um

sindicato fortíssimo em 1930, 1925. Se filiou ao partido comunista, você imagina, casado com uma italiana, a confusão que era. (OLIVEIRA, 2012a: inf. verbal)

Neste trecho da entrevista, a colaboradora descreve os italianos como pessoas sempre prontas para brigas e que utilizam palavras de baixo calão em discussões acaloradas que são encerradas como se nenhum conflito houvesse acontecido (OLIVEIRA, 2012a). A avó da entrevistada, embora brasileira, é comparada aos italianos pelos desentendimentos, seguidos de reconciliações, com a cunhada italiana. Encontramos, também neste trecho, o estereótipo do sindicalista (filiado ao partido comunista) “brigão”. A professora Marta Martins termina dizendo que a casa da tia italiana e do tio, sindicalista e briguento, era sempre uma grande confusão (OLIVEIRA, 2012a).

É possível encontrar falas estereotipadas a cerca da condição social dos estudantes de escola pública, em um trecho da narrativa do professor Francesco, destacado a seguir.

Porque sabe, classe baixa, então, você pega uma turma de 43, tinham 5 que eram muito interessados. Os outros, vão assim, por graus diferentes, se interessando sempre menos, não queriam saber de nada, só queriam passar o tempo ali brincando. [...] Alguém, alguns alunos falavam: “Ah, mas o meu pai falou que o inglês tem que estudar.” Mas, isso aí foi... Aconteceu. Não era uma coisa que acontecia de forma frequente. Eu falava assim: é verdade, o inglês serve mas, é... Se você quiser fazer um negócio com um outro país, eu colocava sempre as coisas na forma prática, se você, um dia você vai ser o que? Aí, o cara falava: Ah! Você vai ter uma relação de qualquer tipo, você prefere ter essa relação com alguém que fala a sua língua ou com alguém que fala o chinês ou alemão? “Ah, com o que fala a minha língua.” Então, é isso. Você vê como é importante, você tem que encarar a língua como uma arma, eles entendem muito bem o discurso da arma. Aí, se você tem dois revólveres é bom. Mas, se você tem um revólver e uma metralhadora é melhor ainda. Aí, eles entendiam. (FERRANTE, 2012: inf. verbal.)

O entrevistado afirma que, por serem de classe social baixa, os alunos eram desinteressados em sua maioria, indo para escola somente para passar o tempo com brincadeiras (FERRANTE, 2012). O professor afirma, ainda, que tratava a importância da língua estrangeira com o discurso “eficiente” das armas, sempre lembrando que os estudantes, por serem de classe social baixa e estudarem em uma escola pública de um bairro rodeado por comunidades estigmatizadas, seriam capazes de entender a analogia feita com o mundo do crime. (FERRANTE, 2012). A contextualização didática, neste caso, é baseada no estigma de que todos os alunos de escola pública e classe social baixa são exímios conhecedores de armamento ou fadados a entrarem no mundo do crime. O fato dos alunos se apropriarem de mais de uma língua estrangeira - no caso da escola pesquisada, o inglês e o italiano - seria como possuir mais de um tipo de arma em uma situação de “emergência”.

A comparação feita pelo professor entre línguas estrangeiras e armamentos ajudava a reforçar um estereótipo advindo de uma identidade fixa pré-concebida e transmitida ao professor, de que todos os alunos de classe social baixa e moradores de comunidades conhecem ou manuseiam armas. Sendo a aula de língua estrangeira uma possibilidade de o aluno reconhecer suas identidades, a afirmação do professor, carregada de estereótipos, não contribuiu para o processo de formação da autoimagem positiva dos estudantes. Como visto no capítulo teórico desta dissertação, as identidades “flutuam no ar”. Algumas dessas identidades nós escolhemos e outras nos são “lançadas” pelas pessoas à nossa volta, nas diversas comunidades a que somos expostos. Para Bauman (2005:19), temos que estar em “alerta constante” para nos defendermos das identidades que nos são atribuídas. Esta capacidade, os alunos ainda não possuem. Em Bakhtin (2003:373), lemos:

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo.

Neste trecho, o autor aborda a questão da identidade e da construção do sujeito, do ponto de vista da análise do discurso, que leva em consideração as interações sociais que dizem ao sujeito quem ele é. A sala de aula, ambiente de encontro de múltiplas identidades, não deveria comportar reproduções estereotipadas dos sujeitos ali representados. No processo de reflexão e reconhecimento das identidades, a aprendizagem de uma língua estrangeira deve fazer com que os alunos se reconheçam em uma comunidade, dela fazendo parte como portadores de cultura. Ao serem apresentados a novas realidades culturais, os estudantes devem ser estimulados a ampliar a compreensão quem têm de si mesmos e do outro, sem a interferência de estereótipos, seja da cultura de origem, seja da cultura com a qual se tem contato na aula de língua estrangeira.

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados coletados nas entrevistas orais e escritas. O resultado desta etapa foi apresentado em três eixos: a primeira parte conta a história da fundação da ACIB-RJ, tendo como base as narrativas de dois dos seus fundadores: Caterina Barone e Vicente Scofano. Na segunda, apresentamos um panorama dos vinte anos de ensino da língua italiana na Escola Municipal Itália, tendo como temas norteadores as principais características do ensino, os obstáculos encontrados pelos professores e as contribuições que o ensino do italiano deixou na comunidade escolar pesquisada. Na última parte, procuramos extrair de algumas falas dos entrevistados, a questão identitária, definida no

capítulo teórico desta dissertação, bem como alguns estereótipos relacionados ao povo italiano e aos estudantes de escola pública. Na próxima seção da dissertação, serão tecidas as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou abordar os seguintes temas: a imigração italiana na cidade do Rio de Janeiro, a fundação da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro (ACIB-RJ) e sua importância para a divulgação da língua e da cultura italianas para os descendentes de italianos e para os brasileiros, em especial estudantes de uma escola pública do Rio de Janeiro. Na primeira parte, foi apresentado um resumo da história da colônia italiana do Rio de Janeiro tendo como autores de referência: Cléia Schiavo Weyrauch (2007; 2009) e Julio Vanni (2000). Os trabalhos acadêmicos sobre as associações de mútuo atendimento e as associações dos jornaleiros de origem italiana, na cidade do Rio de Janeiro, também foram de fundamental importância para essa primeira parte da pesquisa.

As principais obras, que abordam o tema da imigração italiana no Brasil, pouco falam sobre a colônia do Rio de Janeiro, que data das primeiras expedições exploratórias, intensificou-se com a chegada da Imperatriz Teresa Cristina e teve seu auge com a grande imigração italiana, no final do século XIX. Como foi possível constatar nas bibliografias consultadas (WEYRAUCH, 2007, 2009; VANNI, 2000), os imigrantes italianos tiveram grande importância para o cenário cultural da cidade do Rio de Janeiro, mas poucos são os estudos a respeito deste grupo de italianos, a maior parte proveniente da Calábria. A apresentação da colônia italiana do Rio de Janeiro foi de fundamental importância para entender a criação e funcionamento da ACIB-RJ.

A criação de associações de mútuo socorro e associações culturais é uma das características das colônias italianas, individualizada nas obras de referência consultadas. As associações culturais surgem da necessidade de salvaguardar o patrimônio cultural do país de origem, transmitindo-o às novas gerações, como os jornais das colônias italianas que, por muito tempo, desempenharam a função de mediadores culturais entre a comunidade imigrada, o país de inserção e o país de origem, a Itália.

Como foi possível comprovar, no estudo realizado pelo professor Fábio Zorzan (2015), também colaborador desta pesquisa, dentro do cenário do ensino da língua italiana no Brasil, as associações culturais desempenham importante papel na divulgação da língua e da cultura italianas, para diferentes faixas etárias e em diversos Estados da federação. A ACIB-RJ desempenhou a função de promotora da língua e da cultura italianas entre os anos de 1988 e 2012. Durante os vinte e quatro anos em que atuou, a instituição levou o ensino do italiano para diversas partes da cidade e do Estado do Rio de Janeiro. Este trabalho procurou contar um pouco dessa história, por meio da narrativa de seus fundadores, o senhor Vicente

Francisco Scofano (2012) e a professora Caterina Barone (2012). Mesmo tendo um papel importante para a colônia italiana da cidade do Rio de Janeiro, a ACIB-RJ não possuía um registro da sua criação e das atividades desenvolvidas durante os anos que funcionou.

Entre as realizações da ACIB-RJ, esta pesquisa deu destaque ao período em que o italiano foi ensinado na Escola Municipal Itália, no bairro de Rocha Miranda, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Durante vinte anos, a língua italiana fez parte da grade curricular da escola, principalmente nas turmas de sexto ano do ensino fundamental. A direção da escola, na pessoa da professora Marta Martins de Oliveira, procura manter viva, na comunidade escolar, a identidade cultural da região, que outrora possuía famílias italianas.

Para entender o processo de reconhecimento da identidade, recorremos aos textos do sociólogo Zigmunt Bauman (2005) e procuramos sintetizar o seu conceito de identidade líquida no segundo capítulo dessa pesquisa. Além deste, o conceito de estereótipo (CROCHIK, 2006; LIPPMANN, 1922; HILGARD et. al., 1989) também foi abordado para melhor entendimento de algumas falas dos participantes da pesquisa. Para complementar a parte teórica deste trabalho, utilizamos o conceito de cultura (BAUMAN, 2012; TOMALIN & STEMPLESKI, 1994 apud MELO, 2012; JAEGER, 2013) e sua aplicação na sala de aula de língua estrangeira, tendo como base os documentos da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e os PCNs (BRASIL, 1998; RIO DE JANEIRO, 2008; PAVAN, 2000; CANDAU, 2012; DUSCHATKY & SKLIAR, 2000; BALBONI, 2002; GODOI, 2005 apud NOVASKI; WERNER, [20[??]]).

A pergunta que norteou essa pesquisa: Como se deu o processo de implementação e de ensino do italiano na Escola Municipal Itália (1992 até 2012), apoiado pela ACIB-RJ? tinha como um dos objetivos narrar a história da fundação da ACIB-RJ e do ensino do italiano na Escola Municipal Itália. Nesta investigação, buscamos mapear os materiais que foram utilizados e identificar as contribuições do ensino do italiano para a comunidade escolar e, por meio da fala dos entrevistados, detectar percepções identitárias e estereótipos. No capítulo de análise dos dados, as informações obtidas foram divididas em três eixos.

Na primeira parte do capítulo de análise dos dados, vimos o contexto do ensino da língua italiana na cidade do Rio de Janeiro e as motivações que levaram os entrevistados Caterina Barone e Vicente Scofano a fundarem a ACIB-RJ. Na segunda seção do capítulo, apresentamos um panorama do ensino da língua italiana na Escola Municipal Itália, por meio do convênio firmado entre a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, o Consulado Italiano do Rio de Janeiro e a ACIB-RJ. Nesta parte, observamos, ainda, as dificuldades relatadas pelos professores da ACIB-RJ, que atuaram na Escola Itália e que

legado o ensino do italiano deixou para aquela comunidade escolar. Na última parte, as questões de identidade e estereótipos foram identificadas nas falas dos colaboradores, tendo como objetivo individualizar as percepções identitárias destes acerca da comunidade italiana e os estereótipos encontrados nas entrevistas relacionados aos italianos e aos alunos de escola pública.

A metodologia da História Oral foi utilizada para a obtenção dos dados. Somente dois participantes responderam aos questionários por escrito e nos enviaram por *e-mail*, devido a problemas geográficos ou de agenda. É próprio dos que têm mais experiência narrar histórias. Tanto é verdade que as entrevistas mais ricas em detalhes foram as dos fundadores da ACIB-RJ, a da diretora da Escola Itália e a do professor Francesco. Tais narrativas ajudaram a ampliar a compreensão sobre o tema desta pesquisa, sobre o perfil da colônia italiana do Rio de Janeiro e, principalmente, entender as implicações do convênio firmado entre o consulado, a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e a ACIB-RJ que vigorou entre os anos de 1992 e 2012.

Utilizando os dados das entrevistas e das observações de algumas aulas de italiano na Escola Itália, durante os últimos meses de funcionamento da ACIB-RJ, foi possível constatar que o ensino do italiano na escola pesquisada não possuía diretrizes a serem seguidas pelos professores. Em 2005, foi elaborado um planejamento com os conteúdos a serem trabalhados por todas escolas, particulares e públicas, nas quais a ACIB-RJ mantinha turmas. Contudo, sem o devido controle da coordenação pedagógica da ACIB-RJ, os professores seguiram utilizando as atividades que se mostraram eficazes. Os alunos não dispunham de livro didático e o material utilizado em sala, além de músicas e filmes italianos, era um apanhado de atividades dos livros disponibilizados pela ACIB-RJ para os professores. Muitos desses livros, utilizados pelos professores, não eram destinados ao público da escola, como é o caso dos livros *Linea Diretta* (CONFORTI; CUSIMANO, 1999) e *In Italiano* (CHIUCHIÙ; MINCIARELLI; SILVESTRINI, 1993), citados nas entrevistas dos professores que atuaram na Escola Municipal Itália.

Dentre as práticas escolares que chamaram a atenção nas narrativas, destacam-se o ensino e execução do hino nacional italiano e a festa italiana, realizada todos os anos e constante do calendário escolar. Mesmo com o encerramento das aulas de italiano, essas duas práticas seguem acontecendo dentro da tradição da Escola Itália. Tais práticas confirmam o que foi visto no capítulo teórico desta pesquisa sobre a cultura em sala de aula. Muitas vezes, como vários autores afirmam, no ensino de uma língua estrangeira, a questão cultural de um país fica reduzida ao ensino do hino nacional, festas, representações artísticas e folclóricas.

Das contribuições que o ensino do italiano levou à comunidade escolar estudada, vimos quatro principais vertentes: contribuição cultural; contribuição profissional; contribuição para a reflexão sobre a língua materna; e, por último, a contribuição para a manutenção da tradição da comunidade. Vale recordar que, na época em que os dados foram coletados, a escola contava com quarenta alunos com sobrenomes italianos matriculados. Vale destacar que a direção da escola sempre priorizou os alunos com sobrenome italiano que buscavam a escola.

Na falta de políticas públicas de divulgação da língua italiana no Brasil, a Associação Cultural Ítalo-brasileira do Rio de Janeiro levou o ensino da língua italiana, só no ano de 2012, a mais de trezentos alunos, matriculados no sexto ano da Escola Municipal Itália. Até o final de 2009, a ACIB-RJ atuava em três escolas públicas do município do Rio de Janeiro, o que demonstra um número expressivo de estudantes que tiveram contato com a língua e a cultura italianas durante os mais de vinte anos de existência da associação.

Além dos cursos regulares de língua italiana, nos chamou a atenção o fato de a ACIB-RJ promover a atualização do seu quadro docente, integrando os professores de italiano das diversas instituições universitárias do Estado do Rio de Janeiro e de outros estados como o Espírito Santo e Bahia. Em todos os anos de seu funcionamento, os professores das universidades conveniadas à ACIB-RJ ministravam cursos de formação voltados para os professores de italiano. Entre os anos de 2003 e 2005 foi oferecido, ainda, um curso de formação para alunos recém-formados nas Faculdades de Letras do Rio de Janeiro.

Com a crise econômica mundial, iniciada em 2008, o governo italiano reduziu a verba que enviava, através do *Ministero degli Affari Esteri*, para as instituições que trabalhavam no ensino e na divulgação da língua e cultura italianas no exterior. A ACIB-RJ mantinha-se com a verba proveniente do governo italiano e com as mensalidades dos alunos dos cursos regulares para adultos. No final de 2009, todos os docentes e o pessoal administrativo da instituição foram dispensados. Em 2010, a ACIB-RJ continuou com os cursos em algumas sedes como Botafogo, Centro, Tijuca e Niterói. Do convênio firmado entre a SME-RJ e a ACIB-RJ, somente a Escola Municipal Itália seguiu, entre os anos de 2010 e 2012, tendo aulas de italiano em sua grade. No segundo semestre de 2012, a instituição encerrou definitivamente suas atividades, concluindo um ciclo de atividades culturais voltadas para a integração entre os descendentes de italiano da cidade do Rio de Janeiro.

Uma das limitações na coleta de dados desta pesquisa foi a falta de disponibilidade de alguns possíveis entrevistados, que tiveram papel importante no processo de ensino da língua italiana na Escola Municipal Itália. A exigência feita pela Secretaria Municipal de Educação

da apresentação de uma carta do comitê de ética da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH - USP) impossibilitou-nos de observar maior número de aulas de italiano e de participar da preparação da festa italiana. A falta de registros históricos relacionados à fundação da ACIB-RJ e ao convênio firmado entre o Consulado Italiano do Rio de Janeiro, a ACIB-RJ e a Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro também foi um fator limitante.

A escassez de bibliografia sobre a colonização italiana no Rio de Janeiro configurou-se, também, em dificuldade para uma maior abrangência desta pesquisa. A mesma situação foi diagnosticada, quando da pesquisa sobre o ensino da língua italiana nas escolas brasileiras, sendo forçado o uso de materiais referentes ao ensino de outras línguas estrangeiras, como o inglês e o espanhol. Por ser um estudo de caso, as conclusões a que este trabalho chegou, no contexto da Escola Municipal Itália, não se aplicam às demais escolas em que a ACIB-RJ atuou. Por falta de planejamento da instituição e de documentação sobre o ensino da língua italiana nas escolas municipais do Rio de Janeiro, as únicas fontes para pesquisa foram as memórias dos colaboradores que atuaram nas duas instituições.

Com este trabalho esperamos ter contribuído para a documentação da história de uma das iniciativas da comunidade italiana do Rio de Janeiro para a promoção e a divulgação da língua e da cultura italianas. Esperamos, ainda, ter demonstrado a pertinência da metodologia da história oral para a geração de dados em áreas de pesquisas em que outras fontes de dados são insuficientes. É sabido que poucos são os casos de ensino de italiano como língua estrangeira nas escolas públicas e privadas do país. Com este trabalho, registramos a experiência do ensino da língua italiana em uma escola do subúrbio carioca e suas contribuições para a comunidade escolar. Este trabalho poderá colaborar, também, para justificar o retorno do ensino do italiano àquela comunidade escolar, visto que a direção da escola manifestou o desejo de ter novamente a língua italiana em sua grade curricular. Como última contribuição, esperamos ter fornecido dados que levem a novas percepções sobre a dinâmica da colônia italiana do Rio de Janeiro e suas características.

Como sugestões de pesquisas futuras, os dados obtidos nesta pesquisa apontam para a necessidade de novos estudos sobre a colônia italiana e seu papel na dinâmica e na história da cidade e do Estado do Rio de Janeiro. É importante ressaltar o caso do bairro de Rocha Miranda, que mantém referências à comunidade italiana que ali residiu. Não foram encontrados documentos da história do bairro, que façam referência a essa característica da comunidade, ressaltada pela diretora da escola e pelo historiador Júlio Vanni. Segundo eles, as localidades de Honório Gurgel e Rocha Miranda receberam famílias italianas que não se

adaptaram no estado de São Paulo, no cultivo de café.

Diferentemente do que acontece nos outros estados brasileiros, existe uma lacuna na historiografia oficial no que diz respeito à imigração italiana no estado do Rio de Janeiro. Constatamos a presença dos italianos na cidade do Rio de Janeiro desde o início da sua colonização. Seria interessante buscar as hipóteses para a singularidade do estabelecimento da colônia italiana neste estado, comparando suas características às da colonização italiana em outras regiões brasileiras.

Outra lacuna encontrada, no decorrer desta pesquisa, refere-se aos estudos que tem como foco o processo de ensino/aprendizagem da língua italiana nas escolas públicas e particulares do Brasil. Mesmo o inglês e o espanhol tendo a hegemonia nas salas de aula de língua estrangeira das escolas de ensino básico brasileiras, a língua italiana é oferecida em algumas contextos, como foi possível verificar no levantamento feito pelo professor Fábio Zorzan (2015). Ligada a este tema, temos a questão da formação do professor de italiano no Brasil e as dificuldades e soluções encontradas por ele em nos âmbitos profissional e acadêmico.

REFERÊNCIAS

- ABHO. *Apresentação*, 2015. Disponível em: < http://www.historiaoral.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=24>. Acesso em Dez/ 2012.
- ACIB-RJ. *ACIB*, 2012a. Disponível em: <<http://reocities.com/Athens/Atrium/4942/pt/acib.html>>. Acesso em Set/2012.
- _____. *Quem somos*, 2012b. Disponível em: <<http://www.acib-rj.org.br/quemsomos>>. Acesso em Out/2012.
- AC-RJ. Grupo Folclorístico Arcobaleno. *Nossa história*. Disponível em: <<http://www.grupoarcobaleno.com.br/nossa-histoacuteria.html>>. Acesso em Ago/2015.
- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 236p.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 476p.
- BALBONI, Paolo E. *Le sfide di Babele: Insegnare le lingue nelle società complesse*. Torino: UTET Libreria, 2002. 271p.
- BARONE, Caterina. *Caterina Barone depoimento*. [Jan. 2012]. Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Zorzan. Rio de Janeiro: Tijuca, 2012. 1 arquivo *.AIF (39'24''). Entrevista concedida ao Projeto Resgate da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação].
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 110p.
- _____. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 328p.
- BELLOMO, Livia; MANACORDA, Marisa. *Il mio italiano: Sistema elle, primo livello*. Vol1 di Sistema Elle. Firenze: Giunti Marzocco, 1989. 63p. [Corso di lingua e cultura italiana per studenti stranieri. Quaderno di schede. Per la Scuola elementare].
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 272p. (Obras escolhidas, v. 1).
- BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2014. 300p.
- BIONDI, Luigi. Mãos unidas, corações divididos. As sociedades italianas de socorro mutuo em São Paulo na Primeira República: sua formação, suas lutas, suas festas. *Tempo*. Vol. 16, n.33. Julho-diciembre. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012. p.75-104.
- BIZARRO, Regina. IDERIO 2012 - E. M. Itália. *RIOEDUCA.NET*, 2013. Disponível em: <<http://www.rioeduca.net/blog.php?bid=14&mes=8&ano=2013&pg=7>>. Acesso em Ago/ 2013.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade - Lembrança de Velhos*. São Paulo: T.A. Editor, 1979. 402p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 120p.

CANDAU, Vera Maria. *Multiculturalismo*. Campinas: Editora Vozes Limitadas, 2012. 251p.

CARAVELOS, Maria da Graça Silva. *Maria da Graça Silva Caravelos*: depoimento. [Mar. 2012]. Entrevistador: Fábio Zorzan. Rio de Janeiro: Escola Municipal Itália, 2012. 1 arquivo *.AIF (07'16''). Entrevista concedida ao Projeto Resgate da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação].

CHAGAS, Viktor. *EXTRA! EXTRA! Os jornaleiros e as bancas de jornais como espaço de disputas pelo controle da distribuição da imprensa e da economia política dos meios*, 2013, 307p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2013.

CHIUCHIÙ, Angelo; MINCIARELLI, Fausto; SILVESTRINI, Marcello. *In italiano: grammatica italiana per stranieri: corso multimediale di lingua e civiltà a livello elementare e avanzato*. Vol. 1. Perugia: Guerra, 1993. 310p.

CONFORTI, Corrado; CUSIMANO, Linda. *Linea diretta 1: corso di italiano per principianti*. Vol. 3. Perugia: Guerra, 1999. 94p

CROCHÍK, José Leon. *Preconceito, indivíduo e cultura*. 3.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. 181p.

DANGELO, Luana. *Luana Dangelo*: depoimento. [Mar. 2012]. Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Zorzan. Rio de Janeiro: ACIB-RJ, 2012. 1 arquivo *.AIF (04'). Entrevista concedida ao Projeto Resgate da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação].

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *HISTÓRIA ORAL*, n.6, 2003. p. 9-25.

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. Os Nomes dos Outros. Reflexões sobre os Usos Escolares da Diversidade. *Educação & Realidade*, v. 25, n. 2, 2000. p.163-177.

FERRANTE, Francesco. *Francesco Ferrante*: depoimento. [Mar. 2012]. Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Zorzan. Rio de Janeiro: Estácio, 2012. 1 arquivo *.AIF (2'39''). Entrevista concedida ao Projeto Resgate da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação].

GIACALONE, Fiorella. *L'identità sospesa: essere stranieri nella scuola elementare: ricerca-azione sull'inserimento dei bambini stranieri nella scuola elementare*. Firenze: Arnaud; Perugia: CIDIS, 1994. 255p.

GIAMPIETRO, Carolina. *Carolina Giampietro*: depoimento. [Nov. 2012]. Entrevistadora:

Elisa Isabel Machado. Rio de Janeiro: Ilha do Governador, 2012. 1 arquivo *.AIF (09'17''). Entrevista concedida ao Projeto Resgate da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação].

JAEGGER, Werner Wilhem. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 1440 p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. 104p.

HILGARD, Ernest R.; ATKINSON, Richard C.; ATKINSON, Rita L. *Psicologia: Curso introdutório*. Firenze: Giunti Editore, 1989. 720 p.

ITÁLIA. Legge 3 marzo 1971, n. 153. *Iniziativa scolastiche, di assistenza scolastica e di formazione e perfezionamento professionali da attuare all'estero a favore dei lavoratori italiani e loro congiunti*. 1971. Disponível em: <<http://www.normattiva.it/uri-res/N2Ls?urn:nir:stato:legge:1971;153>>. Acesso em Set/2015.

LABANCA, Gabriel Costa. *Società di Beneficenza e Mutuo Soccorso degli Ausiliari della Stampa: a organização da distribuição de periódicos no Rio de Janeiro do início do século XX. XIV Encontro Regional ANPUH-Rio - Memória e Patrimônio*, Rio de Janeiro, 2010. 13p. Disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276478824_ARQUIVO_artigo_societa_anpuhrio2010_2.pdf>. Acesso em Out/2015.

LIMA, Maria Manoel. Considerações em torno do conceito de Estereótipo: uma dupla abordagem. *Revista da Universidade de Aveiro - Letras*, 1997. p.169-181.

LIPPMANN, Walter. *Public Opinion*/ Walter Lippmann: with a new introduction by Michael Curtis. New York: Macmillan, 1922. 427p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA; Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Editora Contexto, 2007. 175p.

MELO, Abarícia Joselina Faria de. *Rumo à Competência Comunicativa Intercultural: propostas de trabalho para a sala de aula*, 2012, 97p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Porto, Portugal, 2012.

MONTEIRO, Rose. *Rose Monteiro: depoimento*. [Mar. 2012]. Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Zorzan. Rio de Janeiro: Escola Municipal Itália, 2012. 1 arquivo *.AIF (08'35''). Entrevista concedida ao Projeto Resgate da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação].

MORAES, Mariza de. <m-----@ig.com.br>. *Pesquisa (mestrado USP) ACIB-RJ e Escola Municipal Itália*. 07 de fevereiro de 2012. Mensagem para: <e-----@hotmail.com> em 12 de fevereiro de 2012. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação].

NOVASKI, Elisa; WERNER, Maristela Pugsley. *Abordagem cultural na aula de língua estrangeira*, [20[?]]. Disponível em: <http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/14%20Abordagem_cultural....pdf> Acesso em: Out/ 2015.

OLIVEIRA, Leonardo Theml de. *Leonardo Theml de Oliveira*: depoimento. [Mar. 2012]. Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Zorzan. Rio de Janeiro: Maracanã, 2012b. 1 arquivo *.AIF (13'11''). Entrevista concedida ao Projeto Resgate da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação].

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *O conceito antropológico de Cultura*, 201[4?]. Disponível em: <<https://www.ucb.br/sites/000/14/PDF/OconceitoantropologicodeCultura.pdf>> Acesso em Out/ 2015:

OLIVEIRA, Marta Martins de. *Marta Martins de Oliveira*: depoimento. [Fev. 2012]. Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Zorzan. Rio de Janeiro: Escola Municipal Itália, 2012a. 1 arquivo *.AIF (14'24''). Entrevista concedida ao Projeto Resgate da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação].

PANARO, Mario. <s-----@esteri.it>. *Pesquisa (mestrado USP) ACIB-RJ e Escola Municipal Itália*. 09 de fevereiro de 2012. Mensagem para: <f-----@ibest.com.br> em 06 de março de 2012. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação].

PAVAN, Elisabetta. La cultura e la civiltà italiane e il loro insegnamento in una prospettiva interculturale. In: DOLCI, Roberto; CELETIM, Paola (orgs.). *La formazione di base del docente di italiano a stranieri*. 2ªed. Torino: Bonacci editora, 2000. p.77-86.

QEDU. *Distorção Idade-Série - 0515002 Escola Municipal Italia*, 2012. Disponível em: <http://www.qedu.org.br/escola/170374-0515002-escola-municipal-italia/distorcao-idade-serie?dependence=0&localization=0&stageId=initial_years&year=2012> Acesso em: Out/2015 .

REVISTA FORUM DEMOCRATICO. *Finanziaria*. Niente soldi per gli italiani all'estero. Rio de Janeiro, n°90-91 Fev/Mar, 2010a. 44p.

_____. *Eletta nuova direzione Acib*. Rio de Janeiro. Ano XI, n° 99-100, Nov/Dez, 2010b. 40p.

_____. *Crisi Associação Cultural Ítalo Brasileira*. Rio de Janeiro. Ano XI, n° 95-96, Jul/Ago, 2010c. 40p.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. *Multieducação*: O ensino de Línguas Estrangeiras. Rio de Janeiro, 2008. 45p. (Série Temas em Debate).

SANTIAGO, Mylene Cristina; AKKARI, Abdeljalil; MARQUES, Luciana Pacheco. Os caminhos do interculturalismo no Brasil. In: _____. *Educação intercultural*: desafios e possibilidades. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 15-33.

SCOFANO, Vicente Francisco. *Vicente Francisco Scofano*: depoimento. [Mar. 2012]. Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Zorzan. Rio de Janeiro: ACIB-RJ, 2012. 1 arquivo *.AIF (44'02''). Entrevista concedida ao Projeto Resgate da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação].

SILVA, Gisele Batista da. *Gisele Batista da Silva*: depoimento. [Mar. 2012]. Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Zorzan. Rio de Janeiro: ACIB-RJ, 2012. 1 arquivo *.AIF (09'44''). Entrevista concedida ao Projeto Resgate da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação].

SORDI, Neide Alves Dias de; AXT, Gunter; FONSECA, Paulo Rosemberg Prata da. *Manual de procedimentos do Programa de História Oral da Justiça Federal*. Brasília: Conselho da Justiça Federal, 2007.40p.

THOMPSON, Paul. *Voz do passado: história oral*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 385p.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1989. 574p.

VANNI, Julio Cezar. *Italianos no Rio de Janeiro: a história do desenvolvimento do Brasil partindo da influência dos italianos na capital do Império*. Niterói, Rio de Janeiro: Comunità, 2000. 141p.

VIAN JÚNIOR, Orlando. *Língua e cultura inglesa*. 1. ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2012. 112p.

WEYRAUCH, Cléia Schiavo. *Deus Abençoe esta Bagunça!:* imigrantes italianos na cidade do Rio de Janeiro. Niterói, Rio de Janeiro: Comunità, 2009. 196p.

_____. Os italianos, a cidade e a expansão urbana no Rio de Janeiro. In: WEYRAUCH, Cléia Schiavo; FONTES, Maria Aparecida Rodrigues; AVELLA, Aniello Angelo (orgs.). *Travessias Brasil-Itália*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p.49-60.

WEYRAUCH, Cléia Schiavo; FONTES, Maria Aparecida Rodrigues; AVELLA, Aniello Angelo (orgs.). *Travessias Brasil-Itália*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. 147p.

ZORZAN, Fábio Jorge de Almeida. *O ensino de italiano (LE) em contexto público no Brasil: mapeamento e estudo de caso*, 2015, 182p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras (Língua, Literatura e Cultura Italianas), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ZUCCARELLO, Maria Franca. *Maria Franca Zuccarello*: depoimento. [Mar. 2012]. Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Zorzan. Rio de Janeiro: ACIB-RJ, 2012. 1 arquivo *.AIF (10'24''). Entrevista concedida ao Projeto Resgate da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação].

APÊNDICE A. Carta de Apresentação

Rio de Janeiro, 01 de novembro de 2011.

Prezada diretora didática da ACIB-RJ e diretora geral da Escola Municipal Itália,

Somos estudantes do programa de pós-graduação em Letras (Língua e Literatura Italianas) da Universidade de São Paulo (USP), uma das Universidades mais conceituadas do Brasil. Para se ter uma ideia, a USP figura como 43º colocada no ranking do Webometrics 2011 e a 74º no High Education Evaluation & Accreditation Council of Taiwan (2010). Além disso, é a única Universidade latino-americana entre as 200 primeiras colocadas na avaliação da Britânica The times high education 2011, ocupando a 178ª posição.

Tais dados mostram a importância desta instituição no cenário nacional e internacional no que diz respeito ao ensino e a pesquisa. Os programas de pós-graduação da USP se caracterizam pela inovação, excelência e pelo caráter prático de sua produção científica. No que diz respeito ao programa de pós-graduação em Letras, há uma preocupação constante dos pesquisadores em contribuir para a prática docente principalmente nas linhas de pesquisa que envolvem o processo de ensino-aprendizagem de línguas. Sendo assim, como pesquisadores desta universidade gostaríamos de compartilhar um pouco da excelência e do conhecimento adquiridos com a comunidade docente da ACIB-RJ e, especialmente, da Escola Municipal Itália.

A Escola Municipal Itália possui uma característica única no Município do Rio de Janeiro: é a única escola pública que oferece o ensino de língua italiana dentro da grade curricular permitindo aos alunos o contato com uma língua e consequentemente uma cultura que de outro modo, talvez não teriam. Portanto, é dentro deste contexto peculiar que gostaríamos de atuar. Reconhecemos que alguns pesquisadores, ao realizar seus estudos dentro da escola, infelizmente não compartilham os resultados de suas pesquisas com a comunidade escolar. Assim, é compreensível que algumas escolas se tranquem para estes tipos de pesquisadores.

Entretanto, seguindo a linha de pensamento do programa de pós-graduação em Letras, reafirmamos o nosso comprometimento de trabalharmos em conjunto com a comunidade escolar contribuindo para um melhor ensino. Esperamos conseguir tal feito com a nossa proposta de trabalho: o ensino transdisciplinar da língua italiana. Nosso projeto consiste em ensinar a língua italiana levando em conta todas as disciplinas do currículo escolar promovendo a integração entre o corpo docente. Dentro desta proposta, a língua não é ensinada por si só mas é integrada com as outras matérias escolares a fim de torna-la útil e real para os alunos. É do nosso conhecimento que a Escola Itália já realiza esta integração entre as disciplinas, de acordo com o seu projeto político pedagógico. Deste modo, esta escola seria um nicho fértil para o desenvolvimento de nosso projeto, único dentro do ensino de italiano no Brasil. Portanto, sabendo do histórico da Escola Municipal Itália em promover a língua e cultura italiana dentro de suas dependências, esperamos contar com o apoio para a realização de nossa pesquisa para levar o nome da Escola Municipal Itália para o cenário nacional e quiçá internacional como a primeira escola do Brasil a adotar o ensino de italiano transdisciplinar.

APÊNDICE B. Termo de Consentimento da Pessoa como Sujeito**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS**

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2012.

Eu, _____, (estado civil) _____, documento de identidade número _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia _____ de _____ de _____, para Fábio Jorge de Almeida Zorzan, Elisa Isabel Machado e para a FFLCH-USP usarem-na integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros sua audição e o uso de citações, ficando vinculado o seu controle à FFLCH-USP, que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente

APÊNDICE C. Roteiros das Entrevistas

A) PRESIDENTE E FUNDADOR DA ACIB-RJ

- 1) O senhor foi o fundador da ACIB-RJ. Como surgiu a ideia de fundar a associação?
- 2) Que desafios enfrentou?
- 3) Por quanto tempo presidiu a ACIB-RJ?
- 4) Que papel a ACIB teve na difusão da língua e cultura italiana em todos esses anos?
- 5) A partir de que ano a ACIB-RJ passou a patrocinar o italiano na Escola Municipal Itália?
- 6) De quem foi a ideia?
- 7) Como a senhor avalia essa experiência?
- 8) O senhor acha que o italiano contribui de algum modo na formação do aluno das escolas públicas?
- 9) Depois de anos, o senhor volta a presidir a ACIB-RJ. Por qual motivo?
- 10) Que desafios enfrenta agora?
- 11) Existem projetos para uma maior difusão da língua italiana em escolas públicas do Rio de Janeiro?

B) COFUNDADORA E EX-COORDENADORA PEDAGÓGICA DA ACIB-RJ

- 1) A senhora possui origem italiana?
- 2) Qual a sua idade?
- 3) E a sua formação?
- 4) Como e quando começou a ACIB-RJ?
- 5) Que desafios enfrentaram?
- 6) Que cargos a senhora exerceu na ACIB e em que períodos?
- 7) Que papel a ACIB teve na difusão da língua e cultura italiana em todos esses anos?
- 8) A partir de que ano a ACIB-RJ passou a patrocinar o italiano na Escola Municipal Itália?
- 9) De quem foi a ideia?
- 10) Como a senhora avalia essa experiência?
- 11) A senhora acha que o italiano contribui de algum modo na formação do aluno das escolas públicas?

C) DIRETORA PEDAGÓGICA E CULTURAL DA ACIB-RJ

- 1) Em que ano a senhora entrou como diretora pedagógica da ACIB-RJ?
- 2) O que acha do ensino do italiano na escola municipal Itália?
- 3) A senhora acha que o ensino do italiano contribui de alguma forma na formação dessas crianças?
- 4) A ACIB-RJ tem projetos futuros para expandir o ensino do italiano a outras escolas da rede pública?

D) EX-PROFESSORES DA ACIB-RJ QUE ATUARAM NA ESCOLA MUNICIPAL ITÁLIA

- 1) Há quanto tempo o/a senhor atua como professor de italiano?
- 2) Qual a sua idade?
- 3) Possui origem italiana?
- 4) Qual a sua formação?
- 5) Em que período o/a senhor/a atuou como professor de italiano na Escola Itália?
- 6) Como avalia a experiência de ensinar italiano na Escola Itália?
- 7) Encontrou desafios? Se sim, quais foram? Como procurava contornar tais situações?
- 8) Que materiais utilizava nas aulas?
- 9) Qual era a receptividade dos alunos à língua e à cultura italianas?
- 10) Acha que o italiano contribui de alguma forma para os alunos da Escola Itália?

E) DIRETORA DA ESCOLA MUNICIPAL ITÁLIA

- 1) Há quanto tempo a senhora é diretora da escola Itália?
- 2) Como era a escola quando a senhora assumiu?
- 3) Em que momento o italiano passou a fazer parte do horário escolar?
- 4) Como ocorreram as negociações para que a ACIB-RJ patrocinasse o ensino do italiano na Escola Itália?
- 5) Como a senhora vê a dependência da escola quanto ao envio dos professores de italiano? A senhora acha isso interessante ou acredita que a escola deveria ser independente da ACIB nesse sentido?
- 6) Por que a senhora quis que a língua italiana entrasse na grade horária da escola?
- 7) Todas as turmas estudam o italiano? Se não, qual o critério que a senhora utiliza para a escolha das turmas?
- 8) Em todos esses anos de ensino do italiano, como a senhora avalia essa experiência?

- 9) Qual o papel do italiano na comunidade escolar?
- 10) Qual é a aceitação do italiano por parte dos alunos?
- 11) Qual é a aceitação do italiano por parte dos pais dos alunos?
- 12) Qual é a aceitação do italiano por parte da comunidade escolar?
- 13) Além do ensino do italiano, a escola programa atividades para manter viva cultura italiana?
- 14) (Caso a resposta 13 seja afirmativa) E que atividades são essas?
- 15) Algum ex-aluno da escola Itália que participou das aulas de italiano utiliza a língua em sua profissão ou deu continuidade ao seu estudo?
- 16) A senhora acha que o italiano contribui de algum modo na formação do aluno?

F) PROFESSORA MAIS ANTIGA DA ESCOLA MUNICIPAL ITÁLIA

- 1) Qual a sua formação acadêmica?
- 2) Desde quando o/a senhor/a trabalha na Escola Itália?
- 3) Qual disciplina ministra?
- 4) O (A) senhor(a) se lembra de como e quando o italiano foi introduzido na grade da escola Itália? se sim, ele trouxe alguma contribuição?
- 5) Em todos esses anos de ensino do italiano, como a senhora avalia essa experiência?
- 6) Qual o papel do italiano na comunidade escolar?
- 7) Qual é a aceitação do italiano por parte dos alunos?

G) EX-ALUNO DA ESCOLA MUNICIPAL ITÁLIA

- 1) Em que ano e com quantos anos você entrou na Escola Itália?
- 2) Quando você entrou o italiano já fazia parte da grade curricular?
- 3) Se não, a partir de que série passou a estudar o italiano?
- 4) Com que professores estudou?
- 5) Como eram as aulas de italiano?
- 6) Como seus colegas encaravam o estudo do italiano?
- 7) Como você encarava o italiano?
- 8) Você chegou a participar de alguma festa que a escola Itália organiza todos os anos? Se sim, o que fez?
- 9) Quando as pessoas que você conhecia (família, colegas de fora da escola, etc.) ficavam sabendo que você estudava italiano numa escola pública, qual era a reação delas?

- 10) Algo te marcou da experiência de aprendizado de italiano na escola Itália? Um professor? Uma atividade?
- 11) Por que resolveu estudar o italiano na universidade?
- 12) O que pretende fazer após concluir os estudos?

H) CÔNSUL GERAL DA ITÁLIA NO RIO DE JANEIRO

- 1) Desde quando o senhor está atuando como cônsul no Rio de Janeiro?
- 2) Como avalia o trabalho feito na Escola Itália?
- 3) Como conheceu o trabalho desenvolvido na Escola Itália?
- 4) De que maneira o italiano pode contribuir na formação dos alunos da Escola Itália?
- 5) Existem projetos para uma maior difusão da língua italiana em escolas públicas do Rio de Janeiro?

APÊNDICE D. Transcrições das entrevistas

Projeto: Recuperação da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro

Entrevistado: VICENTE FRANCISCO SCOFANO

Data da entrevista: 02 de março de 2012

Local: Sede da ACIB-RJ (Rio de Janeiro)

Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Jorge de Almeida Zorzan

Duração: 42.02

Senhor Francisco, o senhor foi o fundador da ACIB. A gente queria saber como surgiu a ideia de fundar a associação.

Bem, a ideia de fundar a associação, deu partida porque: o Rio de Janeiro é uma das cidades, é uma das capitais do Brasil, a qual tem um grande número de imigrantes oriundos da Calábria, da onde são meus pais. Então, eu via isso como uma coisa, porque: muitos filhos de italianos, inclusive eu, que tínhamos interesse em conhecer a língua *mater* e enfim, saber a origem dos nossos pais. O que era. Porque não era só dialeto, nós queríamos conhecer a língua na sua profundidade. Porque o que valia no nosso meio, a grande circulação era exatamente através do nosso dialeto calabrês, o qual eu falo perfeitamente. Mas, nós tínhamos dificuldade realmente, na ortografia da língua italiana no seu, sim... Isso me motivou porque, como eu sou amante de música clássica, especialmente ópera, então, eu queria entender o libreto das óperas, eu queria entender a poesia da ópera, porque que ela acontecia e tal... Isso eu fiz por altruísmo meu, fui aprender sozinho, enfim, frequentando teatro, forçando linguagem com quem entendia e tal... Mas, via que atrás desses aqui, tinham inclusive meus filhos e outros filhos de calabreses emigrados no Rio de Janeiro que tinham interesse de conhecer e de se integrar com a língua italiana porque a língua italiana, na verdade, não é uma língua comercial. Só vai estudar italiano quem ama a Itália, quem gosta da Itália, quem gosta realmente de história, [quem gosta de coisa...] Então daí, eu parti, eu vim ao Consulado da Itália. Estava aqui a administração do conde... do...

Do cônsul...

Do nosso cônsul que era o... [agora me falhou o nome] era o... Ignazio di Pace e comentei com ele a necessidade da gente ver como poderia fazer e me associei ao Corrado Bosco, outro italiano, imigrante italiano. Eu sou brasileiro, mas ele é imigrante italiano também voltado pras coisas da Itália e fomos descobrir a lei 153 na Itália, aonde o governo, o parlamento da Itália, havia criado essa lei em 73 que permitia pros italianos e os *oriundi* de italiano no exterior, o governo desse subsídios e meios legais para que pudesse se formar curso de língua com o objetivo de instruí-los e de integrá-los à língua italiana e a própria Itália através da língua italiana, da sua história, da pungência da sua história, do que a Itália é realmente para o mundo. Então foi isso.

Entendo. O senhor, no caso, disse que é filho de calabreses.

Filho de calabreses.

E o senhor, na época, falava o dialeto calabrês.

Falava o dialeto calabrês.

E no caso, se o senhor quisesse naquela época aprender italiano. Havia instituições aqui no Rio que ensinavam italiano ou não?

Haviam. Nós tínhamos aqui por exemplo, a escola Guglielmo Marconi que era dedicada ao curso curricular da Itália para aqueles que, os diplomatas, os funcionários italianos que estariam prestando serviço aqui no Rio de Janeiro. O Instituto de Cultura sempre existiu, entendeu? Mas, eu por mim, eu fui aprender italiano por minha auto recreação, ouvindo música. Enfim, engolindo dicionários de traduções, entendeu e tal. E depois que nós vimos porque o que acontece é o seguinte: porque uma grande parte dos calabreses imigrados pra cá, muitos deles não tinham subsídios, não tinham os elementos... em termos de ... vamos dizer assim: financeiros para manter os filhos em escolas, tá entendendo você, sem demérito porque nós conhecemos o grau do Instituto Italiano de Cultura. Mas, é caro, tá entendendo? Então, para um certo nível da sociedade calabresa instalada no Rio de Janeiro, eram cursos caros. Então, você opta pelo filho. Se ele está fazendo sociologia, se ele está fazendo psicologia, numa universidade que inclusive paga, não poderia pagar um segundo curso. Eu fui um desses. Eu por exemplo: minha filha. Minha filha é formada. Ela se formou em psicologia. Então, eu tive que pagar a faculdade dela, a Gama Filho, durante cinco anos e mais o IBEU que ela... Então quer dizer, ela por ser filha de calabreses e de italianos o que que aconteceu? Aconteceu que ela foi aprender inglês por questão de sobrevivência, não é isso? Porque o inglês formava dentro do currículo escolar dela.

O senhor contou uma vez uma história, não sei se eu lembro se era sua neta ou era sua filha que foi se corresponder com uma...

É, exatamente! Isso foi um dos... uma das... uma das... vamos dizer assim: um dos pilares, não é, que me levou a pesquisar por que que o italiano não podia ter uma língua, não podia aprender a língua italiana, digamos assim, com um... com um... com um custo que tivesse à altura da coisa. Então a minha filha quando fez 15 anos, em 82, ela foi à Itália. Ela ter ido à Itália pela primeira vez então ela lá, no convívio dela com os primos, né? Ela teve

aquela felicidade de poder estar com eles. Então, como ela foi junto com a mãe, eu não pude ir infelizmente por questão de trabalho. Naquela ocasião ela foi com a mãe. Então a mãe teve a facilidade porque estava em família. Mas, ao vir, ao voltar ao Rio de Janeiro, a correspondência dela daqui do Rio de Janeiro com os italianos lá na... lá na... Porque a minha esposa, ela não é da Calábria, ela é da “*regione Campania*” né? Então eles se correspondiam em inglês. Foi uma das vezes que a minha filha pediu que eu pusesse, que eu fosse postar uma carta pra a Itália e quando eu vi a bandeira brasileira, eu vi ela colocando. Eu disse: mas espera aí, você escreveu em... “Ah, pai! Eu não falo italiano. Eu vou me corresponder com a Gabriella em inglês”. Ela foi pegar uma carta da Gabriella, prima dela e minha sobrinha e realmente a correspondência estava em inglês. Isso foi uma das coisas que me machucou. Um envelope com a bandeira da Itália com a mensagem em inglês dentro, um envelope com a bandeira brasileira, com as cores da bandeira brasileira e a mensagem em inglês. Eu digo: que países são esses? Que mundo é esse? A Itália que tanto deu ao Brasil também os seus imigrantes, a força da mão de obra, hoje está neste estágio. Quer dizer: entra uma língua que não teve nada de nada, que não teve mérito nenhum nessa conexão dos italianos virem pra cá pra trabalhar. Entendeu? E passou a ser a língua... Isso foi uma das causas que me levou à luta da implantação da ACIB.

Quando o senhor fundou a associação, que desafios o senhor enfrentou inicialmente?

Olha, eu não enfrentei grandes desafios. Pelo contrário, eu tive respostas positivas. Porque eu tive o apoio do Consulado Geral da Itália através do cônsul Ignazio di Pace na época. E eu, logo, por eu exercer uma atividade profissional política, que era sindicalista, eu então cheguei às autoridades do município do Rio e consegui um convênio entre o governo da Itália e o município do Rio de Janeiro que nos fossem feita a cessão das salas de aula ociosas tanto dos CIEPS como das escolas. Você sabe que pra você ter um curso de língua, um curso normal, você precisa ter um local adequado pra isso. Não é em qualquer lugar que você pode dar curso. Então, pra que nós montássemos um curso, tá alugando salas, mobiliário próprio, essas coisas todas, então nós tivemos a receptividade do município do Rio através do prefeito Marcelo Alencar à época. Então foi assinado um convênio entre o Marcelo Alencar e o Ignazio di Pace, um representando a Itália e outro o município do Rio, e nós conseguimos, na ocasião, aproximadamente umas sessenta salas de aulas em diversos grupos. A coletividade italiana, principalmente a calabresa, ela não era, e não é como grande maioria, moradora da zona sul. Então, são moradores que pegam da zona norte para a zona coisa. [ZONA OESTE] Então, foi a área que nós mais focamos. Como por exemplo: o Méier, Tijuca, Riachuelo, que está dentro daquela área do Méier, e nós chegamos até Realengo. E, tivemos a Escola Itália agregada dentro do projeto, onde a professora Marta, por ter o nome da Itália, quando nós levamos o projeto a ela, ela ficou encantada e até hoje permanece lá o ensino da língua italiana dentro desse sistema do nível escolar do Rio de Janeiro.

A propósito da Escola Itália, a Escola Itália, então, começou junto com a ACIB? O ensino do italiano lá começou junto com a ACIB?

Começou um ano, me parece um ano depois, me parece que um ano depois porque nós primeiro tivemos aqui a estruturação e fomos procurar a Escola Itália e tivemos a sorte de encontrar uma diretora que realmente assumiu o nome da Itália e até hoje ela mantém ainda todas as tradições. Além do curso, ela festeja o dia 02 de junho, com o dia da Itália com hasteamento de bandeira, hino, essas coisas todas. Convocando as autoridades italianas a comparecer ao evento, entendeu? Então, é uma coisa que marcou. E nós hoje temos, é uma escola de comunidade e nós mantemos hoje, não é um curso forçado, obrigatório, ele é livre, e nós temos hoje aproximadamente 400 crianças que querem aprender o italiano.

Quando o ensino do italiano foi implantado lá, como é que foi feita essa ponte entre a ACIB-RJ e a Escola Municipal Itália? Ou seja, vocês contataram a escola ou a diretora Marta ficou sabendo...

Não, não. Foi a professora Caterina Barone, que era coordenadora na época, então ela procurou a Marta. Como Caterina era professora universitária também, houve os entendimentos entre eles, entendeu? E agora me foge as regras, vamos dizer assim, as regras administrativas. Mas, com a Caterina e a professora Marta trataram toda a parte pedagógica. Como isso poderia ser desenvolvido dentro da escola, principalmente numa escola do município do Rio de Janeiro.

E como o senhor avalia essa experiência do ensino do italiano lá na escola?

Olha, o ensino permanece. Desde a... A ACIB tem 23 anos, são 22 anos, mais de 20 anos. O interesse dos alunos existe. A cooperação da direção da escola existe. Inclusive até com o corpo docente da escola, nós temos os nossos professores lá, o corpo docente da escola é muito receptivo. Há uma integração, tá entendendo? Há professoras lá, por obra do destino, há professoras lá que são descendentes de italiano, também, por acaso. Então, quer dizer, eu vejo muito positivo, mesmo porque se uma pessoa, moradora de comunidade, gosta da Itália, ouve falar da Itália e se interessa a aprender a língua mesmo que amanhã ou depois, não sei de que forma ele vai carregar isso na vida dele, mas pra nós é positivo.

Pois é, isso também que nós gostaríamos de saber do senhor: como é que o senhor acha que o italiano pode contribuir na formação daquelas crianças?

Pode contribuir porque a professora Marta, que é a diretora da escola, todo o dia 02 de maio ela faz eventos que são realmente integrados à cultura italiana. Como: peças de teatro, exposição de [...] Dentro da medida do possível, porque na verdade, a verdade precisa ser dita, o Consulado Geral da Itália não contribui com nada,

entendeu? Aqui há uma guerra absurda entre Instituto e Associação, não é? Onde eles poderiam nos dar, nos cederem elementos porque a Itália não é só a língua. A Itália na sua estrutura é berço da civilização, junto com a Grécia. Mas, infelizmente, durante o período que eu governei isso aqui, eu encontrei muita dificuldade, muita [...] por parte, não digo do governo da Itália, mas, quem fala em nome do governo da Itália só criaram dificuldade. Não entendi por que isso. Porque eu acho que um corpo consular, o que ele tem que fazer é o seguinte: é botar o país que ele representa acima de qualquer coisa e ver que as reivindicações que vêm dos grupos formados e que procuram divulgar o país que eles representam, eles darem assistência, pelo contrário, eles se fecham lá nos seus gabinetes, mandam um subalterno nos atender que não tem a menor interesse com a coisa. Infelizmente, é grave falar isso mas é a pura realidade. Então, nós ficamos tolhidos de muita coisa e procuramos fazer, dentro da medida do possível, mostrar o que a Itália é: não é só a língua italiana. O que a Itália é e o que a Itália representou para a humanidade, o que a Itália representa hoje para a sociedade dentro do universo. Mas, infelizmente, a verdade tem que ser dita. Uma associação que foi vista [...] Quer dizer, não digo que não tenha sido levada a sério. Mesmo porque, enquanto eu fui presidente aqui, nas gestões anteriores, nós fomos aqui avaliados duas vezes pela Universidade de Siena. Vieram aqui e fizeram cursos. A Itália mandou professores de Siena, fomos avaliados e tivemos notas dentro do previsto do que a escola italiana prevê para o ensino no exterior com mérito para os professores formados nas universidades brasileiras, alguns filhos de italiano e outros não, mas enfim, interessados em divulgar a língua italiana e tivemos mérito mas, foram coisas que [...] Procurei dar uma alavancada também na ACIB, não somente ficar restrito ao curso de língua italiana, nós chegamos a ter aqui um coral com 40 vozes. Conheci uma soprano do coro do Teatro Municipal, professora Júlia, e junto, nessa divulgação, divagação de gostar de ópera, de música clássica, então nós conseguimos montar aqui um coral com 40 vozes que, até certo ponto, ele era o coral oficial aqui do consulado nas apresentações. E eles tinham em troca, por emprestarem a voz e a dinâmica deles no coro, terem o curso da língua, e eram alunos da ACIB. Paralelo a isso, com a Júlia, nós montamos duas óperas aqui dentro do consulado da Itália, no Instituto de Cultura, uma das coisas que, se eu puder falar, soltar a língua naquilo que é, vocês tiram. Eu com a Júlia conseguimos com o maestro de ensaio do Teatro Municipal, nós ensaiamos aqui no 4º andar Cavalleria Rusticana e a Butterfly. Porque duas óperas de cenas curta que não precisavam de cenário e com o coro reduzido nós conseguíamos o [...] E foi um sucesso estrondoso. Essas duas apresentações aqui, foram patrocinadas na época, pela *Generale* do Brasil cujo o presidente se empolgou com a causa e nos patrocinou. Então, nós trouxemos tenores, sopranos, barítonos, maestros. Coro, entre aspas, reduzido, que não descaracterizasse muito a ópera, em função até do espaço físico do palco e ensaiamos e foi um sucesso estrondoso. Então, eu acho que isso incomodou um pouco também. Onde esse pessoal vai? Onde eles vão? Só que o Claudio Bertolini, na época como presidente da *Generale* do Brasil aqui para o “sulamérica”, pianista de formação acadêmica, ele disse pra mim mesmo: “Scofano, vai em frente! A Itália não é só a língua não. A Itália tem muita coisa pra mostrar ao mundo”. E diz assim: “Ópera é uma coisa difícil.” Como é que nós tínhamos gente, eu já não poderia fazer uma terceira apresentação aqui porque não tinha onde acomodar as pessoas, o espaço era curto. Então, você não vai assistir uma ópera ouvindo no corredor. E aí, por questões políticas, eu achei melhor, porque eu acho que eu já incomodava um pouco, achei melhor eu [...] Deixei a árvore plantada e fui embora.

Pois é, o senhor falou de gestões anteriores. O senhor presidiu a ACIB durante...

9 anos.

Depois o senhor saiu, por causa dessas questões políticas.

É. Questões políticas, burocráticas e até mesmo as políticas até internas, não só... Essas partes políticas, que fique bem claro, que não foram elas emanadas pelo cônsul da Itália, pelas associações que fazem parte, digamos assim, do conselho de representantes. Porque o conselho de representantes é composto por um membro de cada associação legalmente constituída. O que represente os *luchesi*, representam a Toscana, representa a Calábria, representa o Vêneto, como nós temos aqui, diversas associações. E aí, pra mim, eu deixo isso pra vocês não como mágoa, mas como [...] Que começou a entrar uma disputa aqui de poder. Cada um queria tomar conta de um pedaço. Então, quando eu vi isso eu disse: não, eu acho que ninguém pode se perpetuar no comando de uma instituição. Mas que sejam feitas com políticas construtivas ou que você tenha oposições construtivas, que vão fazer o que você está fazendo ou mais. Quando você mede um nível que as pessoas vêm pura e simplesmente, por força política, querer te derrubar do cargo, não. Então, vocês ficam. Eu vou embora, não precisam me derrubar. O que que aconteceu? Eu diria com toda franqueza, eu estou tentando salvar a ACIB, agora no final. Eu entreguei uma ACIB viva e recebi uma ACIB numa U.T.I., estagnada pra morrer. E no entanto, quem a recebeu, que alerdavam grandes coisas, nem a associação deles prosperaram ou mostram qualquer coisa para a coletividade, muito menos fizeram pela ACIB. Por questão ética, não vou citar nomes mas, temos o Hospital Italiano, temos a associação *luchesi*, temos a associação do Veneto, associação lá da Sicília, enfim, um monte de associações. Que, se juntá-las todas, não dá meio coro do Nabuco.

Pois é, o senhor presidiu 9 anos, houve uma lacuna de quantos anos?

Eu sai daqui em 96. Tem agora... 10 a 12 anos.

Agora o senhor volta para ACIB. Que desafios o senhor enfrenta agora? O senhor já pincelou mas...

Os desafios que eu enfrento porque é óbvio, a situação hoje é uma situação complicada, nós não estamos tendo apoio das autoridades italianas em nenhuma situação. Não sei qual é o interesse do governo da Itália em fazer [...] é óbvio que eu não estou aqui pra medir capacidade ou ser antagonista do instituto de cultura. Eu acho que cada um tem o seu papel, cada um tem um seu... a sua lógica, o seu terreno de atuação. Então a minha preocupação básica, era levar o italiano pra aqueles que querem e gostam realmente da língua italiana e, de modo geral, não tem como pagar uma universidade de língua italiana, muito menos o Instituto de Cultura, eu não entro aqui no mérito de preços, subsidiado é um do governo, subsidiado é o outro. Então, que me deixem trabalhar aquela que é a massa que realmente tem interesse pelo italiano. As dificuldades são grandes. Há uma mudança de comportamento na atual conjuntura da Itália muito grande. Isso tem nos dificultado mas, dentro dessa dificuldade, eu creio que vou encontrar um ponto de equilíbrio pra sair lá na frente. A única coisa que eu estou tentando agora é ver mecanismos de me livrar, realmente, dessa... desse subsidio do governo italiano. Se eu pudesse me livrar disso, sem sombra de dúvida, eu levaria a ACIB ao que ela era no início. Uma das coisas que me dá essa esperança, é que o nível dos “insegnanti” da ACIB, o nível dos professores, continua sendo o mesmo. O nível é bom. O que eu preciso agora, realmente, é de reforço financeiro para me estruturar. Então, não adianta a gente sair, hoje como nós estamos aqui, encostados dentro da Casa d’Itália e vistos até com uma certa forma: “estão aí, é uma associação a mais”. Na verdade, somos uma associação a mais, mas eu não estou preocupado com a intenção deles, que tipo de associação nós somos. O que me interessa são os meus objetivos de levar a língua italiana ao máximo de pessoas que eu possa levar e principalmente, não somente aos descendentes, pros brasileiros que queiram aprender a língua italiana. Como eu disse para vocês no início: a língua italiana ela é feita para quem gosta da Itália, pra quem está em busca de cultura, para quem está em busca de conhecimento. É uma língua, digamos assim, poeticamente universal, é universal. Qualquer canto que você chega, quando não é o italiano que é tido como: é italiano, é uma marca *sui generis*, é italiano. Então, a própria palavra diz: é um italiano, é um italiano, tudo bem. [sussurrando] É um francês, é um inglês, é um alemão. O italiano a pessoa enche o pulmão pra falar: é um italiano! Isso nos dá muita coisa. Então, quer dizer, não sou, não somente os italianos dizem isso, quem não é descendente, que é brasileiro, vê o italiano com uma certa garra. E eu espero, eu estou contando com os professores que estão aí, abnegados, dedicados. E eu espero... se eu não conseguir agora, dentro desses primeiros 6 meses desse ano, dar a nova cara que eu quero, espero dar, porque aí eu vou sair daquele processo, digamos assim, de associação subordinada etc. e tal. E, olhando a tela como numa visão empresarial, aí, dar a ACIB, realmente, o espaço que ela merece.

Duas últimas perguntas, senhor Francisco. Apesar dessas dificuldades que a ACIB tem enfrentado, há algum projeto para a expansão do ensino do italiano para outras escolas públicas que não a Itália, que não somente a Escola Itália?

Não, mas a Escola Itália nos facilitou pelo nome e tem a coisa. E nos seríamos, aí teríamos que conversar com as secretarias de educação. Aí, é um projeto que foge a minha alçada, eu teria que pegar as pessoas preparadas em aula de pedagogia, essas coisas, conversar com eles, porque o início que eu consegui as salas de aula era o seguinte: quem quer aprender italiano? Estamos abertos. Inclusive, nós oferecemos bolsas de estudo para os alunos dos CIEPS e das escolas, na razão me parece que era 10%, e os professores estavam ilimitados. Então, isso ajudou a fortalecer. Mas agora, eu não conheço a sistemática. A minha área, infelizmente é de administração. Na área de pedagogia eu já estou meio... Aí, nós precisávamos fazer uma avaliação e não vejo dificuldade, é só chegar com proposta. Tem que levar uma proposta e dizer: olha, quem quer aprender língua italiana, estamos aqui. Se ela um dia será inserida no currículo, na grade curricular da escola, ótimo. Senão, ela poderá ser como uma língua de segunda opção. E vejo também um grande filão, que precisa ser explorado, que é, por exemplo, nós nos filiaros junto às empresas, principalmente SENAI, SENAC, SEBRAE, que preparam mão de obra para hotelaria, para, vamos dizer assim, parte de comida, gastronomia e ver se eles têm interesse realmente. Atendimentos em, vamos dizer assim, transfers de aeroportos, e ver se eles têm interesse de fazer com a gente, num custo módico, a gente ensinar o básico. Não vamos dar a eles um currículo de 4 anos, porque não é interesse, é criar um italiano meio comercial, mesmo porque o Rio de Janeiro vai viver esse boom agora com copa do mundo e outras coisas mais.

Para finalizar, nesses 23 anos de existência de ACIB, que reflexão o senhor faz sobre o papel da Associação Cultural Ítalo-Brasileira na difusão não só da língua, como da cultura italiana, no Rio de Janeiro?

Olha, eu vejo positivo. Sem nenhuma demagogia, sem nenhum pieguismo, não faz parte do meu currículo isso, a ACIB hoje está viva, ela respira, tem condições de avançar. E isso, eu tenho um voto de louvor aos professores, que embora com todas as dificuldades... e aí é aquilo que eu digo, da mesma forma que tem o interessado de aprender a língua italiana, que gosta, que tem um professor que gosta de ensinar a língua italiana, então, houve um casamento aí perfeito. Isso eu estou em débito com o corpo de docentes da ACIB. Esse é, realmente, o degrau, ou seria a plataforma de lançamento de novos projetos. Porque, embora com todas as dificuldades, que são inerentes, não valeriam a pena aqui... Até de parte econômica, não administrativa, mas nós estamos tentando levar, modéstia a parte, dentro de um processo dinâmico e ferrenho. Mas, mesmo assim,

os professores têm se mantido fiéis à causa e eles querem que as coisas frutifiquem. Que a coisa finque. Então, cabe, nada mais a quem dirige, pegar esse instrumento e dar força, materializar essa força, para que essa coisa avance. Então a ACIB hoje está assim. Há perspectiva? Não sei. Existe perspectiva, existe, realmente, condições, de serem materializadas. Só que nós temos que sair hoje, temos que rever o processo, infelizmente temos que nos desgarrar um pouco do governo da Itália, começar a andar com as próprias pernas, e aí eu tenho certeza que nós seremos a ACIB que eu sonhei, que os companheiros me ajudaram a carrega-la, a torna-la grande na época, professores... Hoje a grande maioria não é da época, mas ainda tem uma parte da época que acreditaram num projeto e viram resultado, que até hoje está se tendo dificuldade de se desfiliar do processo porque criaram uma simbiose muito boa. Há possibilidade, existe. Então, vamos encontrar um caminho para colocar esse mastro.

Mas assim, a gente percebeu que o senhor falou muito do presente, mas, nesses 23 anos, desde lá da fundação até agora, que papel a ACIB teve na difusão da língua e da cultura aqui no Rio?

Muito grande. Muito grande. Muito porque é só, basta ver quantos alunos frequentaram durante 4 anos, foram uma gama grande, eu não tenho agora os números, mas formamos muitos alunos. Então, se alguém faz um curso de 4 anos que normalmente é um curso médio de área das ciências humanas, contabilidade, sociologia, são 4 anos. A pessoa se dispõe, se propõe a aprender a língua italiana, não foi só a busca do diploma. Mas, isso daí, foi grandioso. Por que? Contribuímos muito, muito, muito. E hoje a ACIB é comentada em tudo, quando se fala da coletividade italiana, ela entra dentro de um contexto de conversa, como se ela fizesse parte disso. Então, ela teve resultados memoráveis, de pessoas hoje que ocupam empregos e vão buscar aperfeiçoamento porque tiveram o básico para alcançar o degrau. Se eles querem mais, têm que ir além. Mas, por ser um curso de quatro anos, que sei que para um curso universitário e com grande formação que tivemos ao longo desses 23 anos, eu acho que a ACIB foi um sucesso.

Projeto: Recuperação da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro

Entrevistada: CATERINA BARONE

Data da entrevista: 27 de janeiro de 2012.

Local: Casa da entrevistada. Tijuca - Rio de Janeiro.

Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Jorge de Almeida Zorzan

Professora Caterina, nós gostaríamos que, inicialmente, a senhora contasse um pouco a sua trajetória, desde quando a senhora saiu da Itália, até quando veio para o Brasil, passando pela sua formação acadêmica. Se a senhora conseguir fazer um flash...

Bom. Na Itália eu fiz até o 3º ginásio, *scuola media*. Chegando ao Brasil, eu não sabia nada de português, tive que voltar pra trás, na 5ª série primária, enquanto isso, eu aprendia português. Tive que ter professora particular para aprender história do Brasil, geografia do Brasil e francês porque eu tinha inglês só da Itália e francês eu não tinha. Como eu tinha que me apresentar no Pedro II e exigiam francês, tive que fazer isso. Reduzindo: 6 meses de preparação, fiz as provas no Pedro II e passei em primeiro lugar. Ah! Que alegria! (risos) A partir daí então, voltei para o 3º ano ginásial aqui. Estudei no colégio Souza Aguiar que agora é na Rua dos Inválidos e na época era na Gomes Freire, tive excelentes professores. Daí pra frente, fui, fui, fui... Entrei pro científico, detestei, porque eu detestava física e matemática aí, passei pra área humana, fui fazer clássico. Daí, fiz vestibular para a UFRJ, antigamente era Faculdade de Letras da Universidade do Brasil. Fiz prova de português, de italiano e de latim. Na época se exigia latim. Eu na Itália tinha estudado latim que nem um animal... (risos) Com isso, então, passei e entrei nessa faculdade de letras. Fiz os quatro anos de faculdade,

De italiano?

De italiano. Português e italiano, que na época ela se desmembrou, e com isso, eu me formei em 66, dia 02 de janeiro de 66 foi minha formatura. A partir daí, comecei a tentar trabalhar no campo, estava difícil, porque não tinha italiano, só na Universidade, não tinha em lugar nenhum – daí aquela ideia fixa minha de que houvesse em diversos lugares. Eu estava me preparando, eu tinha um outro sonho dentro, que ficou encucado: eu queria fazer medicina. Quando eu fiz letras, eu queria ter feito medicina. Não consegui, não consegui porque naquela época meu pai faleceu e eu precisava aguentar, sustentar a família, trabalhar, quanto mais dinheiro entrasse, melhor pra poder sustentar e meu sonho de médica foi pro brejo novamente, embora eu tivesse feito vestibular e passei pra a UFRJ. Aí, encostei a ideia e disse: bom, pelo menos o prazer, eu tive de dizer que passei. Agora, entrar. Encontrei na rua uma ex-professora minha da UFRJ, a professora Lucia Ciancio, perguntou o que eu estava fazendo e eu disse: olha, por enquanto eu estou trabalhando assim num comércio e tal mas... “Você não quer vir dar aula na UFRJ?” Quero.

Por que na época...

Era contrato assim, horário, era horista. Você ganhava por número de horas. Aí, eu dei, fui e ela disse: “não pense você que vai ganhar muito não, porque ganha-se pouco.”

Quer dizer, quando a senhora se formou, a senhora não passou automaticamente a trabalhar com o italiano.

Não. Não, não, não, não... Fui trabalhar em comércio. Eu precisava, de qualquer maneira, de um emprego imediato para sustentar a família. Eu não podia me dar o luxo de esperar. Havendo ou não havendo concursos, se pode ou se não pode, quando, de que maneira... Porque eu não tinha, não pude me dar o luxo de fazer isso tudo. Eu simplesmente fui, quando ela me chamou, eu mantive o meu trabalho no comércio, modificando o meu horário e entrei na faculdade. Quando na faculdade começou a melhorar, larguei o outro emprego e fiquei só na faculdade. Um ano depois, uma professora da UERJ me convidou pra ir pra lá também, e fui pra lá à noite. Então, eu estava de dia na UFRJ e de noite na UERJ. Depois de anos, porque eu era sempre contratada CLT horista, fizemos concurso e eu passei nos dois. Aí, eu passei para o quadro definitivo.

E nessa época, como era a comunidade italiana aqui no Rio?

Sempre foi desligada. Cada um por si, Deus por todos. Porque a maioria aqui é calabresa, calabrês é *capa tosta*. Um não admite... Um não admite que o outro dê palpite, um quer ser melhor do que o outro. Aliás, não é só com o calabrês, o mundo inteiro está nessa base. E, foi. Em 86, foi implantado, se não me falha a data, foi implantado o COMITES, fui convidada para participar das listas, formações de listas para ser eleita. A comunidade, muitos deles já me conheciam e me colocou numa lista que... fui escolhida e entrei no COMITES. Estou lá desde o início até hoje. Eu e o Conrado Bosco somos os únicos que entramos desde a fundação e estamos nele até hoje. Sempre eleitos pela comunidade, escolhidos pela comunidade. Quer dizer, o contato que eu tenho com a comunidade é grande. Especialmente depois de ter feito concurso para tradutor juramentado em 82, aí ampliou mais ainda o meu campo de conhecimento da colônia. E como eu sou o tipo de pessoa que não tem papa na língua, o que eu tenho que dizer, eu digo, que é o que eles gostam, eles gostam da verdade, doa a quem doer, eu sou do mesmo temperamento. Então, cada vez mais o pessoal me suporta.

Bom, a senhora começou a fazer parte do COMITES em 86 e aí, como que chegou a ACIB? Como a ACIB foi formada?

Em 88, como eu disse ainda a pouco, fomos chamados pelo cônsul Ignazio di Pace que nos perguntou se nós conhecíamos a famosa lei 153/71. Nenhum de nós havia ouvido falar dessa lei. Ele nos deu a lei e disse: “Estudem e vejam a possibilidade de implantar isso no Rio de Janeiro.” Dentro do COMITES, o pessoal tinha diversas profissões: um era comerciante, outro era industrial, outro era médico, outro era engenheiro... A única pessoa ligada ao magistério era eu. Disseram: “Caterina, você que está ligada ao magistério, começa a estudar isso daí.” Interessante vocês. Só eu, é? Eu posso até ver, muito bem, mas, vocês é que têm que dar o parecer porque é o COMITES que está sendo solicitado e não Caterina Barone. Aí, tudo bem. Eu estudei a lei, falei com eles, expliquei o que eu achava que poderia ser feito, foi discutido e acharam a ideia ótima. Aí, eles foram pro cônsul e disseram: “Como COMITES apoiamos a implantação dessa lei no Rio de Janeiro. Só que precisamos de ajuda: e diplomática e financeira”.

Porque, naquela época, se alguém da colônia quisesse aprender italiano...

Tinha que ir para a Escola Italiana Guglielmo Marconi que tinha primário, ginásio e científico ou o curso da Dante Alighieri... e aí, o pessoal não ia.

Entendi...

Adulto não tinha onde estudar. Só crianças, no caso na Escola Guglielmo Marconi que era uma escola paritária, ou seja, tudo era em italiano, o famoso CLIC, do coisa lá, do nosso amigo e tudo... A escola dava um certificado que valia na Itália, na conclusão de diploma e tal mas, não valia no Brasil. Pensou-se inclusive em transformar a escola em bilíngue, seguindo o exemplo da escola francesa e da alemã, o Corcovado e tudo mais, mas, aí, havia o problema de interesse pessoal da antiga *preside*, que se assim fosse transformada a escola, teria que dividir o bastão do monopólio com outra diretora que faria a parte da diretora, a parte brasileira, então ela lutou, lutou, lutou a tal ponto que a escola não se transformou. E aí, pior foi que os professores tinham sempre aumento, o mesmo problema de vocês agora na ACIB, vamos assim dizer, tinham aumento o número de aluno reduzia, porque a maioria dos alunos eram filhos de italianos que estavam aqui trabalhando para empresas italianas, 4, 5 anos que praticamente o número de alunos, era um número razoável. Mas, esses escritórios, essas empresas transferiram-se do Rio para São Paulo, para Minas. Reduziu-se o número de alunos, os remanescentes começaram a pagar uma prestação muito alta: de 500 para 700, de 700 para 800, 1000 e pouco, os pais não aguentaram e tiraram os alunos da escola. Com isso a Escola Italiana fechou.

Isso em que ano?

A Escola Guglielmo fechou... Deixa eu fazer uma ideia agora... Eu acho... Acho que foi em 90... Acho que foi em 90 ou 91, por aí. Não estou bem certa, não me lembro da data.

Mas a ACIB aí já existia?

A ACIB começou a existir nessa época. Não, ela foi antes da escola italiana. Não, tá certo, tá certo. Foi nesse período. A ACIB estava começando a botar os pés no chão.

Isso em que ano?

Isso foi em 88. Começou a se criar a ACIB, aí caiu praticamente tudo nas costas da dona Caterina, né? Porque disseram: agora você que é do magistério, procure os professores, selecione os professores e vamos conversar com eles. Tá bom. Eu tinha a minha lista de alunos, comecei a escolher entre os melhores, aí chamei a Rose, chamei a Jaqueline, chamei Mônica, chamei alguns dos que vocês conhecem, outros não. Fiz uma seleção de 30 e tantos professores, logicamente não seriam todos contratados. Eu ia escolher os melhores e aqueles que tivessem ainda a fluência da língua. Enquanto isso, sua excelência o diretor do Instituto Italiano de Cultura, da época, começou a nos lutar. Ele só dizia uma coisa pra mim: chegava lá embaixo, abria a porta, soltava uns palavrões, dava bom dia e dizia: “Eu não tenho nada contra vocês.” Nota-se, pela forma como você me trata, nota-se. Mas, eu gostaria de saber só, por quê? “Quando eu pedia pra você um professor, você nunca me dava o nome de um deles.” Olha o Angelo, é muito esquisito. Você me telefona às 10 da noite e quer que pra amanhã de manhã eu te arrume um professor? Você está no mundo das nuvens. Assim, não há quem aguente. Não é assim que se trabalha. Você pega, procura, analisa, vê e depois... [interrupção para falar com sobrinhos]

Bom, a senhora estava falando do Angelo...

E aí ele reclamava porque eu não conseguia professor pra ele, dizia que do jeito que ele queria, não era assim que se agia.

Porque naquela época o Instituto, então, já funcionava...

Sempre funciona. O Instituto funciona há muitos anos. Bem antes disso ele já existia. Teve em Laranjeiras, depois mudou para lá e...

Então, por exemplo, um brasileiro que quisesse aprender italiano era só...

Poderia, no Instituto. Adulto, só no Instituto. Que sempre fizeram preços altos. Por isso que, praticamente, selecionava clientela. Aí então... Mas ele não se conformou com essa minha resposta e cada dia que ele vinha, era sempre esse o prato do dia: palavrão e reclamava, palavrão e reclamava, palavrão e reclamava e teve um dia que eu não aguentei, fui lá no cônsul e disse: olha, ou o senhor chama o camarada pra ele parar de me tratar desse jeito ou eu desisto e não faço mais nada e ainda dou um soco nele. Ele foi chamado, desistiu de fazer esse... De me dar esse café da manhã todos os dias. Entendeu? E então, daí pra frente fomos, fomos... Os cursos começaram, o cônsul foi falar com o prefeito, na época era o César Alencar, acho que o Chico já deve ter dado essa parte pra vocês. O Chico era o presidente na época da ACIB.

Marcelo Alencar...

Isso, Marcelo Alencar, é. Ele foi, falou com ele. O cônsul foi, falaram com a secretária de educação, acho que Marilena “não sei das quantas”, foi marcado um dia para assinatura do convênio e foi feito lá no CIEP Tancredo Neves no Catete.

Mas, por que foi contatada a Prefeitura?

Porque nós queríamos que eles cedessem as salas de aula, como parte do projeto, e pusessem o italiano nas escolas. O que eles fizeram? Deram só as salas de aula. A segunda etapa, de colocar nas escolas, eles praticamente... A secretária de educação na época encostou, botou de lado.

Você não soube o motivo?

Não. Nessa reunião, estava a professora Marta, da Escola Italiana. Ela ouviu aquilo e me procurou e: “Eu quero italiano para os meus alunos”.

Isso em que ano?

88. “Eu quero italiano para os meus alunos”. Pois não. 89 nós começamos.

Quer dizer, o italiano na Escola Itália começou em 89?

Desde 89. Em princípio, tinha pouco alunos. Tinha a base de 5 turmas, 6 turmas.

Mas, era no horário escolar?

Horário escolar. Sempre dentro da grade. Nunca no papel, em princípio, mas sempre dentro da grade. Aí, chegou uma hora que eu disse: Marta, temos que oficializar. Se está dentro da grade, o aluno oficialmente tem aquelas horas de aula. Você tem que colocar isso no histórico dele, no boletim. Aí, ela começou a colocar no boletim. E foi: de 5,6 turmas, 8 turmas, 10 turmas. Chegamos um momento que nós tivemos 3.500 alunos na Escola Itália, praticamente o colégio inteiro estudando italiano. A coisa mais gostosa era ver aqueles meninos cantando no dia 02 de junho o hino nacional, bonitinho, tocado com a flauta pela banda do próprio colégio. Era uma coisa linda, olha, emocionava qualquer um. Quanto ao material didático, este já era um outro problema pra nós. Que material usar? O que que nós podíamos usar? Eu não tinha quase material nenhum de criança, meu pessoal. Tinha umas fitas de história que eu havia comprado pros meus filhos quando fui pra Itália e tal. Um ou outro livro mas, material didático mesmo não tinha quase nada. Aí, me dirigi ao pessoal da escola italiana. Já que vocês têm primário aqui, ginásio, vocês podem nos ceder alguns livros? “Vai lá na biblioteca e escolhe o que você quiser.” Pegamos alguns, selecionamos e começamos a fazer fotocópia. E nós começamos a trabalhar com essas fotocópias do *In Italiano*, *Impariamo Insieme*, da ELLE, da editora ELLE. E aí fomos. Aí os professores, com os alunos mais velhos, que já não queriam material muito infantil, começamos a usar no início o *In Italiano* do Chiuchiu, lembra? Aí, pra quê? Quando o D’Angelo soube, no Instituto, que nós utilizávamos o *In Italiano*, não... era outro... *In Italiano* foi depois. Era aquele branco... *Linea Diretta*..

Mas, com os alunos da Escola Itália?

Com os mais velhos. Seleccionávamos umas folhas, intercalávamos material, assim, exercícios e tudo mais e os professores usavam em sala. Quando ele soube que eu estava fazendo isso: pra quê? Foi outro escarcéu: reclamou, reclamou, reclamou, reclamou que nós tínhamos que usar outro método, desenvolvido pela esposa dele, que era professora de francês, etc. E nos deu, atendendo ao pedido do cônsul, porque eu não queria. O cônsul disse: Caterina, vamos fazer um teste, verifique. Tá bom. Nos deu umas cópias, fotocópia totalmente desbotada, que quanto mais cópia você tirava, menos você enxergava, eram só desenhos, sem texto nenhum. E a parte que era do texto, que era para o professor se apoiar, ele nunca deu. O teu professor que se vire. E esse era pra usar pros adultos. Quando comecei a usar esse material os alunos reclamaram tanto, mais reclamaram tanto, reclamaram até pro próprio cônsul. Aí ele me chamou e disse: Caterina, o que é que você está fazendo? Estou seguindo o que o senhor mandou fazer. Mandou usar o material do D'Angelo? Usei. *“O pessoal não está gostando”*. Eu vou mudar. *Pode mudar*. E mudei de novo, pro *Linea Diretta*. Depois do *Linea Diretta*, por muito tempo ainda, depois usamos o *In Italiano*, e aí vocês já entraram como professores da ACIB e sabem que material a gente usou, né?

Vocês enfrentaram no caso, quando criaram a ACIB, esse desafio de encontrar o material didático melhor para usar com os alunos...

Foi...

Teve outros desafios?

Que tipo de desafio você acha?

Da parte administrativa, para colocar esse convênio para funcionar. Teve muita burocracia?

Burocracia em si, não. O que nós tivemos foram alguns problemas, criados por alguns diretores de escolas brasileiras. Porque, o tal problema do orgulho, que a pessoa acha que quem manda são eles, eles não aceitaram, alguns deles, que a ordem tivesse vindo de cima, da secretaria, queriam ter sido eles a solicitar para a secretaria, para a secretaria depois, concordar em dar. E começaram a criar obstáculos: “Ah, porque vocês tem que ajudar nisso, ajudar naquilo, vocês têm alunos que usam o banheiro, nós precisamos de papel higiênico. Como nós estamos sendo assaltados de noite, nós precisamos de correntes para colocar no portão. Precisamos de mais lâmpadas porque vocês usam lâmpadas.” Foi só esse o problema administrativo que eu tive, mais nada.

No caso, o italiano foi implantado na Escola Itália em 88, nessa reunião que a senhora teve...

89.

89, nessa reunião que a senhora teve...

Começou em 89.

Isso, nessa reunião que a senhora teve com os políticos...

Isso...

O prefeito e a Marta estavam presentes?

Isso.

E como é que ele começou a fazer parte das outras escolas como PIO X e 25 de Abril?

As diretoras, desses colégios, o Pio X, era muito amiga da Marta, diretora da Escola Itália. Conversando com ela, ela comentou que há muitos anos a escola, que seus alunos estavam tendo aula de italiano. E ela disse: “Eu também quero”. Ela forneceu meu telefone, a Vera me telefonou, e começamos no Pio X. Depois, tínhamos que aumentar, pra poder justificar a verba que nós pedíamos à Itália, porque eu queria cada vez mais um número maior, já foi na época do Filippo, na diretoria do Filippo, ele disse: “Eu conheço a diretora de uma escola que foi minha colega”.

Mariuza?

25 de Abril, a Mariuza. Ele ligou pra ela e disse: “Mariuza, você quer colocar?” Ela disse: “Quero! Imediatamente!” Uma semana depois, nós já estávamos com o horário feito. Eram 12 turmas que ela estava me dando, para dar aula de italiano, 12 turmas de alunos dela, aí entramos na 25 de Abril. A pedido da diretora. Também como no Pio X, a pedido das duas.

Certo. E nesse período que a senhora, desde a fundação da ACIB até a sua saída, que cargos que a senhora exerceu?

No início, desde que nós fundamos a ACIB até 1994, eu era diretora cultural. Era um cargo eletivo, não se ganhava um tostão furado. Então, de 89 até 94, eu trabalhei por amor à arte e por amor à colônia, sem ganhar um tostão furado, nem um cafézinho, nem o estacionamento, nada. Nesse ano, minha mãe faleceu. Ela morava comigo. Como ela recebia a pensão de meu pai lá da Itália, a pensão que ela recebia, ela revertia pra dentro de casa, ela me ajudava a manter a família. Quando ela faleceu, aí eu cheguei lá pros meus superiores e disse pro Francisco, pro Scofano: Olha, agora, lamento muito, não posso mais continuar, ficando aqui com horas na gratuidade, mesmo porque já estou sendo perseguida nas universidades, porque nas duas universidades o pessoal estava, queria entrar na ACIB, quando não era eu que tinha que coloca-los, eles tinham que ser eleitos. Elas nunca se puseram em lista nenhuma, então, não tinha como. E começaram a me perseguir nas universidades. Tanto a Flora na UERJ, como o resto da turma lá no fundão. Eu disse, está na hora d'eu sair daqui, preciso arrumar um outro emprego, porque pra tentar... Eu estava tentando equilibrar o meu orçamento de casa, porque

minha mãe não está mais viva e eu não tenho mais a entrada do dinheiro que ela me dava. Eu lamento muito, dou um prazo para vocês de 2 meses pra vocês procurarem alguém pra ficar no meu lugar. “AH!” Lamento muito, mas, eu não tenho condição. Tá bom. Depois de quase um mês, Scofano me chamou. Disse: “Caterina, chegamos a uma conclusão.” Eu disse: Já conseguiram alguém para ficar no meu lugar? “Não. Nós vamos fazer outra coisa. Você, oficialmente renuncia ao cargo de diretora cultural, e você passa a ser contratada pela ACIB, como coordenadora dos cursos... E nós te pagamos.” Tudo bem. Aí, eu aceitei.

A partir de 94, então...

A partir, de lá pra cá, eu entrei como coordenadora.

E qual foi o papel, nesses anos todos, que a ACIB teve na difusão tanto da língua quanto da cultura aqui no Rio de Janeiro?

Sempre foi vista como concorrente do Instituto, pelo próprio pessoal do Instituto. Nós tínhamos [...] Porque o governo mandava verba, no início nós não cobrávamos nada dos alunos. Depois começamos a cobrar um mínimo eram 20 cruzeiros, na época do cruzeiro, depois foi pra 20, depois 25, depois 30, depois 50, foi que o governo mandava cada vez menos também. Então, nós tínhamos que tentar equilibrar as contas das dívidas. Os alunos reclamaram, porque no início era grátis e agora tinha que pagar. Teve uma turma de Niterói que achou que era eu que estava cobrando para colocar no meu bolso. Aí fiz uma carta malcriada, dizendo que não botava nada no bolso, que eram eles que estavam ganhando e estavam botando no bolso. O cônsul mandou uma resposta gentilíssima dizendo que era questão ministerial. Eles ficaram quietos, acataram e continuaram pagando. (Sempre Niterói me dando trabalho.) E a partir daí, a coisa seguiu.

Certo. Mas, como que a senhora vê o papel da ACIB na difusão da língua e da cultura italianas?

A meu ver pessoal, eu, através da ACIB, da entidade, que ligou a colônia ao consulado. Não só pela divulgação da parte cultural, mais pelo contato humano que os professores usavam, modéstia parte, que eu usava, que sempre pertencendo à colônia, o pessoal qualquer coisa, qualquer dúvida vinha e conversava. Tinha dias que eu trabalhava das 8 da manhã até as 10 da noite, sem sair nem pra almoçar, só para atender o pessoal. Então, pra mim, ela serviu pra aproximar o pessoal, os descendentes, ao consulado, à estrutura consular. Coisa que através do Instituto, nunca foi feita. O Instituto simplesmente dava aula. Os professores eram italianos, na época, pouquíssimos tinham diploma universitário brasileiro, só tinham escola italiana. Eu não sei até que ponto isso melhorava ou piorava, não vou ponderar isso porque não me lembro de todos eles inclusive. Agora, como bom italiano malcriado, tinha muito professor lá que achava que era o dono do mundo, que tinha o rei na barriga, andava com o narizinho em pé e que espezinhavam com os alunos. Os alunos reclamavam. Porque a nossa colônia no Rio, o grosso da nossa colônia, é formado por jornaleiros. Gente humilde. Orgulhosa, cabeça dura, tudo o que você quiser, mas humilde e franca, não gosta de lorotas. Brincam o quanto você quiser, mas, na hora de ser pão, pão, queijo, queijo, eles querem a verdade. E o pessoal lá em cima fazia assim: narizinho em pé, eu sou melhor do que vocês, vocês são a ralé. Como quase todo italiano que vem da Itália trabalhar inclusive no consulado, pesa e pisa na colônia porque eles são os melhores. Não é assim que se trata. Não é assim que se trata uma colônia. Que é o que sua excelência o governo italiano está fazendo agora. Está tentando pisar nas colônias italianas no exterior. Pelo menos até Berlusconi foi assim. Agora com o Monti, não sei como vai ser, não tenho a mínima ideia.

Como a senhora avalia a experiência do ensino do italiano nas escolas públicas, e principalmente na Escola Itália? A senhora já falou sobre a emoção que a senhora sentiu, sentia quando ia às festas da Escola Itália de ver as crianças cantando. Então, como é que a senhora avalia essa experiência do ensino do italiano nessas escolas? Especialmente na Escola Itália.

Você sabe que colocar para uma criança, permitir a uma criança ter uma visão de mundo diferente, eles deslumbram, eles abrem uma cortina e ficam com os olhos esbugalhados. O simples fato, às vezes, de uma fotografia com neve, que nunca sabiam, pensavam o que era uma neve. (Você já viu isso em sala de aula.) Eles arregalam um olho e dizem: Nossa Senhora! Como é bonito! E fazem perguntas. Então, eles estão vendo que isso, de um jeito ou de outro, provoca curiosidade nessas crianças, e faz com que elas abram o mundo deles, a visão do mundo. Você teve um aluno que desenhava, que até eu queria mandar os desenhos dele pro meu primo que trabalha com Giorgio Armani. Você está lembrado disso? Chegamos a não fazer isso. Você vê... se tivéssemos feito, quem sabe esse menino não teria tido uma chance. São essas pequenas oportunidades que a gente causa, que me enchem de vontade de continuar fazendo mais. Só que agora, a saúde não me ajuda mais. Acabou. Que façam os outros.

E a questão do projeto de formar os professores que têm habilitação em italiano para trabalharem nas escolas que a senhora mencionara antes da entrevista...

Para que eles fossem contratados?

Isso.

Tivessem a carga horária deles, dada ou pelo Estado ou pelo Município, dividida em: tantas horas para o português, que eles ensinam e outras tantas horas, menos logicamente, para o italiano.

A senhora chegou a apresentar esse projeto?

Olha, por escrito, para a secretaria, não. Foi só conversado.

E a senhora acha que do modo como é feito hoje, ou seja, o ensino do italiano na Escola Itália ele é dependente da ACIB...

Isso.

A senhora avalia isso como bom, como ruim? A senhora acha que a escola, ela tinha que procurar uma independência nesse aspecto?

Olha, procurar uma independência vai ser meio difícil, por enquanto, de obterem bons resultados. Porque por exemplo o último concurso que o município fez, município não, Estado, fez agora para professor de italiano há alguns anos atrás, só selecionou três professores dos quais: 1 foi, escolheu um colégio na favela da Mangueira e que ele é professor da UERJ. Então, ele foi como um segundo emprego pra ele. A outra professora escolheu Niterói, a Luciana Nascimento escolheu Niterói. Sempre gostou de italiano, me pareceu muito interessada, quando ela fez os cursos com o Paolo, o Paolo me dizia: “Se você tiver que contratar alguém, pode contratá-la que ela promete muito.” Ela se entusiasmou tanto, tanto, tanto, tanto, depois de passar no concurso que ela acabou indo pra Itália está fazendo mestrado, ou já fez o Master com eles, não sei. Sei que ela está desbandando.

Mas ela continua como...

Ela tinha pedido afastamento para poder fazer o curso. E a terceira pessoa foi uma menina que estudou no Instituto Italiano de Cultura, que dizia na época que o certificado deles era o único reconhecido pelo governo brasileiro. Então, ela se baseou nessa promessa, que ao meu ver era uma promessa, e queria que o Instituto desse uma declaração de que aquilo lá correspondia ao nível X. Só que, logicamente, o Instituto não ia poder fazer isso, porque não era bobo. Então, ela pediu ao professor Massaia. Quando nós fizemos o curso de atualização, que vocês lembram foi no 2º andar, quando veio o...

Mollica...

Antony Molica e tudo mais. Eu a convidei, essa menina, pra vir fazer o curso. Porque eu pensei: ela está lá, com crianças de escola, é ótimo que ela venha e aprenda um pouco mais. Aí comecei a conversar com ela. Ela não abria a boca pra dizer ai! Eu dizia: menina, está na hora de você soltar o seu italiano, não é assim que você vai dar aula. Vocês me conhecem, né? Olha, começa a falar! “Ah, eu tenho vergonha.” Começa a falar! Solta! Nada. Como ela tinha, como ela era muito amiga do Arduino, que tinha sido professor dela no Instituto, cheguei e falei com ele. Eu disse: Arduino, essa menina, não sei como ela vai ensinar alguma coisa, ela não sabe porcaria nenhuma. Ela nem diz bom dia. Nem cumprimenta em italiano. Como é que é? Aí, ela pediu ao Massaia que ele fizesse uma declaração de que o curso do Instituto correspondia ao nível X brasileiro. O Massaia, essa parte burocrática brasileira ele não entendia nada, estava começando a pouco tempo, me chamou e disse: “Caterina, como é que funciona o colégio brasileiro? Quais são os degraus que um candidato a um diploma tem que fazer?” Aí eu expliquei pra ele: estudos e preparos, faz científico, faz concurso vestibular, entra na universidade e vai em frente. Esse que é o processo. Eu disse, por quê? Por isso, por isso e por isso. Essa menina me mandou isso. Eu disse: sim e daí? Eu conheço. Ela quer... Você não vai declarar um falso. Ele disse: “Não. Por isso que eu estou te perguntando. Falso eu não vou declarar.” Então eu disse pra ela que lamentava muito, que não podia fazer a declaração que ela pediu porque não correspondia em nada do que a secretaria estava solicitando dela. Ela solicitava um diploma em nível universitário. Aí eu disse pra o Massaia que o único diploma universitário aqui é dado, é solto, por universidade. Não é um cursinho particular que te dá um diploma que te habilita. Haja vista o problema que os meus professores estão tendo, fizeram o Master, lá na Universidade de Veneza, que é uma Universidade, e que não estão tendo condições de reconhecer o Master no Brasil. Porque ainda não há um acordo entre universidades ou entre os próprios governos. Porque tendo um plano nacional, entra nas pequenas ramificações esse reconhecimento a nível de universidade. Isso facilitaria. Mas, ela nem isso ela tem. Aí, ela simplesmente, ela não apresentou o documento e a vaga foi cancelada. É uma pena que foi cancela porque tinha três colégios que queriam. Em Varre Sai, Estado do Rio, onde tem uma colônia *romagnola* enorme, enorme, enorme. Praticamente a cidade inteira são descendentes de *romagnoli*.

Então, praticamente, hoje só existe uma escola no estado que...

A Escola Itália. E não sei se esse menino continua.

Se bem que a Escola Itália é municipal...

Sim.... Mas... Estadual?

Sim, estadual, lá na Mangueira...

Se é que ele continua.

Então realmente essa dependência da Escola Itália...

Eu achei muito estranho quando eu vi o edital do concurso ofereceram 3 vagas para italiano e 11 para mandarim. Mandarim não é quase mais falado, pode ser que a gente não conheça a colônia deles, logicamente não sei. Mas também, não foram passados, não passaram 11 pessoas. Agora qual o interesse do Estado em colocar concurso para mandarim e não para o italiano, uma língua mais parecida.

Até porque não há universidade que ofereça o curso, no Brasil, de licenciatura em mandarim.

Havia interesse, quando eu estava na UFRJ, de fazer graduação em chinês, que não é a mesma coisa de mandarim. Não sei se foi feito depois. Não sei te dizer.

Então a senhora acha que por enquanto essa dependência da Escola Itália...

Depende tudo de interesses dos nossos digníssimos políticos. Agora eu acho que, se alguém cutucar, bem mais perto, conseguem. Porque você vê: deputados? Não poucos. Senadores? Não poucos. Ministros? Não poucos. De descendência e que tem dupla cidadania, tem a cidadania italiana. Então, eu acho que há interesse. Como há interesse porque muitos, duzentos e poucos deputados foram pra Itália, a convite do governo italiano, em viagem oficial. Você acha que se não houvesse interesse, interesse até que ponto eu não sei, deram a passagem de graça? Nossos candidatos a deputados a gente sabe como é que é essa raça. Quando se dá tudo de graça, até veneno eles comem. O resto, eles não dão a mínima. Mas eu acho que se alguém cutucar isso de vara curta, se consegue. Depende, logicamente de uma pressão, precisa ser feita uma pressão.

Certo. Grazie mille!

Prego. Sempre agli ordini!

Projeto: Recuperação da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro.

Entrevistada: Professora **MARIA FRANCA ZUCCARELLO**

Entrevista realizada no dia: 01 de março de 2012.

Local: ACIB-RJ

Duração: 12.48

Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Jorge de Almeida Zorzan

Professora Franca, a gente queria saber, inicialmente, a sua formação acadêmica?

Toda? Desde o início?

Se possível...

Então tá... Você quer saber também... é... a escola, escola não, *asilo infantile*?

Pode ser. O que a senhora quiser falar.

Tá. Eu fiz dois anos de *asilo infantile* com as freiras lá de Paola, na Calábria, depois eu fiz o primeiro ano de escola com 5 anos, numa escolinha lá perto da casa da minha avó e o segundo, eu já estava em Roma, até os 12 anos quando eu terminei meu ginásio. E aí, eu dei uma parada porque segundo a mulher do meu pai, mulher não precisava estudar, aí eu fiquei parada até eu vir pro Brasil. Vim pro Brasil, fiz o 2º grau intensivo, fui a única da escola toda que passou, não ficou em nenhuma matéria no curso que na época era bom, o GPI de Madureira. Imediatamente, tentei faculdade, só para saber o que era o vestibular. Porque na Itália você sabe que não tem vestibular, né? Então, pra saber o que era vestibular, fiz vestibular. Primeira opção: Português/Italiano na UERJ. Segunda opção: Português/Italiano na UFRJ. Terceira opção, assim como se... Foi Português/Francês na Souza Marques porque eu tinha estudado um pouco de francês lá na Itália. Passei. 1º opção, 4º lugar. Aí, eu fui pra UERJ. Fui pra UERJ, quando eu terminei, logo que eu terminei, tinha especialização na federal, ainda na Avenida Chile, aí, fiz especialização em 2 anos, que era a especialização, e dei uma parada. Até 89, quando comecei a fazer mestrado na USP e, depois, em 2001 fiz o doutorado, 2001 a 2005, fiz doutorado, emendei. Terminei o mestrado e comecei logo o doutorado. Isso eu terminei em 2005. E estou pensando em fazer um pós, mas, entre pensar e fazer tem um pouco de dificuldade porque eu penso muito. Então, eu já comecei 3 projetos e não sei com qual fico. Apaixonada pelos 3, eu não sei exatamente. Possivelmente devo ficar com o projeto, tem grande chance, com a aula de italiano para a 3ª idade, que eu estou... Eu comecei esse curso lá na UERJ, você pode notar que todos os cursos de línguas estrangeiras para a terceira idade são todos depois que eu fiz lá. Eu montei um curso, eu comecei com o italiano e acabei convidando colegas de outras línguas e agora, lá funciona com 5 línguas. Só que agora, me tiraram o meu projeto. Instituições públicas são uma maravilha, né?

Qual a sua relação, o seu envolvimento, com a ACIB?

Eu já fui professora da ACIB, logo que a ACIB nasceu. Dava aula no Méier, no colégio estadual do Méier, eram 3 turmas por dia. 2 dias, mas, com 3 turmas. E, depois eu tive que sair por causa de compromisso na UERJ, não tive nenhum problema aqui, o problema foi mais compromisso porque eu comecei a dar aula na especialização também. Então, era segunda, quarta e sexta língua e terça era especialização. Então, não deu mais horário para fazer ACIB. E aí, ficou aquilo guardado, assim, como lembrança, como um momento bom, porque os alunos eram muito interessados, muito mesmo.

Eram adultos?

Adultos. E, tinha uma turma que tinham alguns *adolescenti*, adolescentes. Enfim, mas, todos interessados, todos... No início da ACIB, então, as pessoas, os italianos deslumbravam com aquela história de aprender ou reaprender italiano. Vinham famílias inteiras, entendeu? Eu tive que parar e ficou até agora quando foi feita essa oferta de participar e eu estou aqui com toda vontade de conseguir.

E, na primeira experiência, ou seja, no primeiro envolvimento da senhora com a ACIB, quanto tempo isso durou?

4 anos e meio.

4 anos e meio e, aí, houve essa lacuna e a senhora voltou em que ano?

Aqui?

Exato.

Esse ano. Esse que passou, 2011.

Aí, entrou como diretora didática?

É, foi feito uma assembleia, em janeiro de 2011, em que constava o meu nome.

Como a senhora avalia o ensino do italiano na Escola Municipal Itália? O que a senhora acha desse projeto?

Olha, eu acredito, primeiramente, o espaço para criança e adolescente aprender italiano, eu achei ótimo, né? Se, se pudesse ter em mais escolas, seria mais interessante. Existe uma escola, lá da Mangueira, onde um colega nosso é professor, que faz estágio dos nossos alunos lá, deixa que os nossos alunos façam estágio lá. Mas, não é a mesma coisa. Não são os alunos da escola que estão estudando italiano. Então, essa coisa da Escola Itália, oferecer curso de italiano, curso mesmo de italiano, acho maravilhoso. Acho que deveria ter mais.

E a senhora acha que de que maneira contribui para a formação dessas crianças? O ensino do italiano especificamente.

Primeiro como cultura. Primeiro ponto. E depois, é uma segunda língua que eles aprendem junto com o inglês, com o francês, não sei com outra coisa. Acho que a formação deles tem tudo a ganhar com o estudo do italiano.

A ACIB tem projetos futuros pra expandir o ensino do italiano para outras escolas públicas?

Temos, temos. Só que está se mexendo com um pouco de cuidado devido à situação, não é? Mas, temos projetos sim. Tanto que nós, com a Gisele, iríamos visitar outras escolas públicas, e estou com um projeto de um aluno, um ex-aluno da federal, que agora é professor de prática de ensino da federal, que está querendo fazer estágio, fazer da escola pública, um estágio para os alunos da federal. Isso a UERJ também tem tá com um projeto já há 2 ou 3 anos, ficou parado um tempo, voltou a ser reimplantado, reimplantando não, tentar ser implantado, no ano passado, mas, devido à situação que você sabe, ficou meio engavetado. Agora que eu ia pegar de novo, aproveitando, eu vou lançar os dois, na federal e na UERJ. Para que os nossos alunos, como UERJ, possam fazer estágio na Escola Itália, que é a única que tá tendo isso. E, se depois, tiver mais espaço, acho que a gente pode tentar em outros lugares.

A gente sabe que o sistema lá da Escola Itália consiste no convênio, numa parceria com a ACIB, onde a ACIB envia os professores. Então, de uma certa maneira, a Escola Itália tem uma dependência em relação à ACIB. Como a senhora vê essa dependência? A senhora acha que essa dependência, essa parceria, ela é interessante? Ou a senhora acha que a escola deveria ser independente da ACIB neste aspecto, ou seja, ter os próprios professores de italiano.

Olha, isso eu nunca pensei, mas... Não sei. Eu não... Eu acho que sendo professores nossos, a Escola Itália teria a ganhar porque nós sabemos quem são os nossos professores. Eu, quando indico alguém, para algum lugar, sempre tento os melhores. Nunca pego um de médio ou de médio para baixo, entendeu? Então, se a gente tem essa parceria e a ACIB pode indicar os melhores professores ou os que a gente acha que sejam os melhores, eu acho que tem a ganhar. E a ACIB tem a ganhar porque o nosso professor aprende uma outra realidade. Primeiro, aula pra criança. Segundo, em uma escola pública, que é um público completamente diferente de aluno de curso. Então, eu acho que a parceria faz bem aos dois. Essa é a minha impressão.

Projeto: Recuperação da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro.

Entrevistada: LUANA DANIELO - Ex-coordenadora dos cursos da ACIB-RJ

Entrevista realizada no dia: 01 de março de 2012.

Local: ACIB-RJ

Duração: 04.00

Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Jorge de Almeida Zorzan

Luana, fala um pouquinho pra gente da sua formação acadêmica.

Eu estudei na UERJ, eu comecei a graduação em italiano em 2005 e terminei no final de 2010 e, por enquanto, de formação acadêmica é o que eu tenho até agora.

Em que ano você entrou como coordenadora pedagógica da ACIB?

Eu entrei agora, em 2012, no começo de fevereiro.

O que a gente queria saber é, embora você tenha pouco tempo de coordenadora, como você avalia o trabalho do ensino do italiano na Escola Municipal Itália?

Olha, eu infelizmente ainda não tenho todos os dados que eu preciso pra dar uma posição legal pra vocês, mas, assim, me parece um trabalho bem feito, um trabalho que já é feito há 23 anos, se eu não me engano, e que a gente tem todo o interesse em melhorar e continuar. E, infelizmente ele é feito parcialmente, que ele já foi feito com a escola inteira, hoje em dia só é feito com uma parte da escola, e, até onde eu sei, ele é muito bem desenvolvido. Eu não tenho todos os dados, como eu falei, eu não tenho todos os dados, eu não tive acesso, até porque fevereiro é um mês complicado por conta da própria ACIB em termos de funcionamento. Mas (...)

No caso, você acredita que o ensino do italiano contribui de alguma forma na formação daquelas crianças?

Com certeza, assim como eu acredito que o ensino de qualquer língua contribua, principalmente pra criança que, todo mundo que fez letras sabe, que qualquer ensino de língua e quanto mais cedo ele for desenvolvido com a criança, melhor ele vai ser, melhor vai ser a adaptação da criança a essa língua, melhor ele vai falar quando ele for adulto e mais difícil ele vai esquecer essa língua, isso vai ficar mais internalizado nele. E o italiano, claro, porque eu acredito que apesar da Itália ainda estar em crise, a Europa está nessa situação muito complicada, a Itália ainda vai voltar a crescer, ainda vai ser importante mundialmente de maneira econômica e o italiano vai se tornar uma língua importante.

Nesse sentido mais pragmático da coisa, você acha que..

Acho que culturalmente também, né? Enfim, culturalmente quanto mais língua você souber, melhor e, claro, que eu puxo a brasa para a minha sardinha. Claro que eu acho que todo mundo tem que aprender italiano.

Você sabe que esse ensino é feito com uma parceria entre a Escola Itália e a Associação, ou seja, para que haja o ensino do italiano na Escola Itália, existe essa dependência da ACIB, no sentido dela enviar os professores. Então, como é que você avalia essa dependência e no caso, você acha que a Escola Itália deveria procurar uma independência neste aspecto, ter os seus próprios professores de italiano?

Eu acho que não. Eu acho que a parceria com a Associação, ela é muito importante exatamente porque nós temos um *Know-how*, digamos assim, de experiência na área, de procura de professores, de trabalho pra gente escolher, pra gente enviar exatamente quem é adequado para ensinar crianças, para ensinar italiano. Eu acho que como é uma escola da prefeitura, eles não vão ter todo esse aparato e esse conhecimento específico da área de italiano para buscar o que a escola precisa em termos de professor de italiano.

Existe algum projeto futuro para expandir o ensino do italiano para outras escolas públicas?

Existe. A gente gostaria de voltar com o ensino na Escola Roma, que se eu não me engano nós já tivemos.

E onde que fica?

Se eu não me engano, na zona sul. Eu acho que Copacabana. E a gente tem vontade de voltar a trabalhar com a Escola Roma e outras escolas, não necessariamente ligadas à Itália ou com o nome italiano, mas, expandir o ensino para outras escolas.

Projeto: Recuperação da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro.

Entrevistada: GISELE BATISTA - Ex-coordenadora dos cursos da ACIB-RJ

Entrevista realizada no dia: 01 de março de 2012.

Local: ACIB-RJ

Duração: 09.44

Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Jorge de Almeida Zorzan

Gisele, conta pra gente um pouquinho da tua formação acadêmica?

Eu fiz, eu me formei, a minha graduação foi feita na UERJ em português/italiano, letras, né? Logo depois, quando eu comecei a trabalhar aqui na associação, veio a oportunidade do Master Itals, feito na Universidade Ca' Foscari di Venezia, que é um Master, vocês sabem, de didática e promoção de língua e cultura italiana para estrangeiros. Depois, eu fiz aqui na UERJ, no Rio, mestrado em literatura brasileira e agora vou iniciar o doutorado em literatura italiana na UFRJ.

Qual a tua relação com a ACIB?

Eu comecei dando aula de italiano aqui dentro em 2003, assim que eu me formei. Então, primeiro emprego, na verdade, assim que eu me formei. Eu dei por uns 6 anos aula aqui, se eu não me engano, são 6 anos. Depois, fiquei um ano afastada e voltei na coordenação didática do curso, eu fiquei por 1 ano e meio na coordenação.

Nesse período que você atuou como coordenadora pedagógica, como você avalia o ensino do italiano na Escola Municipal Itália?

Eu acho que no início, era um ensino que era um pouco... Ele não tinha uma diretriz. A preocupação da gente sempre foi essa, a gente ia lá, a gente ensinava italiano, mas, não tinha uma sequência no ensino do italiano lá. Então, por exemplo, ele tinha aula no 6º ano, agora é 6º ano, agora é diferente. 6º ano, às vezes ele via as mesmas coisas no 7º que já tinha visto no 6º, porque não existe uma continuidade. Às vezes, trocava o professor, você não sabia o que o professor tinha dado. Então, a grande preocupação da gente era se havia de fato uma continuação do que era ensinado na Escola Itália, em termos de conteúdo mesmo. Acho que é isso, acho que (..) Mas, é claro que eu acho que o ensino era bom, porque você via que os alunos tinham interesse, eles aprendiam uma série de coisas, você percebia, eu visitei uma vez lá, visitei uma aula, você via que eles conheciam o básico de língua e já tinham tido, a turma que eu visitei já tinha tido 1 ano e meio ou 2 anos de aula, mas, eu acho que essa era a preocupação da gente, acho que era uma preocupação bastante pertinente. Porque era um problema que existia mesmo, não existia uma continuidade, não tinha um planejamento, na verdade não tinha um planejamento curricular do ensino do italiano.

E você acha que o ensino do italiano, lá, contribui de alguma forma na formação daquelas crianças?

Contribui. Eu acho que... Eu tive ideia disso, na última vez que a gente visitou, que você até estava presente, quando eu disse que havia alunos que saíam de lá e que procuravam o italiano como forma de profissão. Isso é uma raridade, alguém efetivamente ver o italiano como, dentro de um mercado de trabalho. É claro que eu acho que isso não nasceu, ninguém pensou, o italiano pode ser meu campo de trabalho, eu vou estudar italiano. Eu acho que não. Nasceu de uma coisa afetiva, mesmo, que surgiu durante o ensino do italiano ali dentro. De alguma forma ele gostou da forma como foi ensinada, ou ele gostou da própria língua, ele criou algum vínculo afetivo com a língua e acabou procurando aquilo como uma forma de ganhar dinheiro mesmo, na profissão. Mas, eu acho que língua estrangeira mesmo é uma coisa que é muito importante hoje no ensino, nas escolas. Principalmente na escola pública. Então, pra mim, o ensino de língua estrangeira, que língua for, eu acho que é muito importante. Óbvio que o italiano tem porque o italiano contribui pra uma questão histórica da escola. Existe essa relação com a comunidade italiana que já esteve ali e que ainda tem os seus, os seus ascendentes ali. Você tem uma série de alunos lá que tem sobrenomes italianos. Então, você tem ainda essa tradição ali. Então, eu acho que contribui em termos sociais, porque é uma escola pública, porque é uma língua estrangeira e eles precisam aprender língua estrangeira pra vida profissional deles. De forma cultural porque mantém essa tradição da escola e por essa questão pessoal dos alunos, eles realmente estavam se identificando com o trabalho que está sendo desenvolvido ali e procurando aquilo para a vida deles né?

Nesse tempo que você ficou como coordenadora, você viu que existe uma dependência da Escola Itália em relação à ACIB, no sentido de que, sem a ACIB não há italiano na Escola Itália. Como é que você vê essa dependência entre a Associação e a ACIB, no caso, você acha interessante que haja essa dependência ou a Escola Itália deveria talvez ser independente, ou seja, ter os seus professores de italianos para ensinar o italiano às crianças?

É. Eu acho essa dependência complicada porque eu acho que sempre quem sai perdendo é a Escola Itália. Porque, por exemplo, na verdade é uma cadeia de dependências, né? A ACIB depende do Ministério. Se o ministério não manda dinheiro, se manda menos, se reduz, isso vai recair sobre a Escola Itália, muito mais sobre a Escola Itália, porque como a gente não tem retorno financeiro da Escola Itália, acaba sendo o primeiro lugar onde a gente retira professor. Sempre foi assim. A gente não tirava dos cursos porque o curso é pago, os alunos pagavam, e acabavam tirando dali. E não digo só a Escola Itália, porque a Escola Itália é uma das escolas onde a ACIB deu aula. Sabe que a ACIB já deu aula, já deu aula de italiano, em várias escolas e hoje só dá na Escola Itália. Então, assim, o primeiro lugar que sofre com essas questões das dependências, porque não é só dela em relação à ACIB mas, da ACIB em relação ao ministério, essa questão de: reduziu a verba, vai reduzir professor e isso cai a qualidade. Menos alunos vão ter aulas, menos alunos vão ter contato com a língua, isso vai caindo em qualidade e em oferecimento, mesmo, do serviço pra comunidade. Então, eu acho que a que sai mais perdendo, acaba sendo a Escola Itália, os alunos da Escola Itália porque é inevitável. E a gente esse ano, a gente ACIB, soube que vai ter uma redução, né? Uma redução bastante significativa. Em que termos isso vai influenciar no andamento do ensino. Agora, eu acho sim, eu acho que não deveria ser uma ação isolada, por exemplo, do italiano porque o que se faz aqui é um projeto baseado numa lei italiana, que não é uma lei brasileira, baseado numa lei italiana pra ensino de perpetuar cultura e língua por meio (...) entre os descendentes de italiano. O que tem que existir é uma política pública brasileira que vincule línguas estrangeiras dentro das escolas públicas. Eu acho que esse projeto deveria existir, independente da ACIB, em todas as escolas públicas, com diversas línguas. Hoje em dia a gente tem na escola pública do Estado, mas, poucas, pouquíssimas. E tem italiano na escola do Estado no Rio, se tem em 3, eu acho que é muito. Acho que não tem nem isso. Tem duas, uma. Acho que, sim, ter, mas, isso requer uma mudança política. O que a ACIB faz é um incentivo da comunidade. Foi a comunidade italiana que se dispôs a fazer isso e não só para os seus descendentes. Mas, eu acho que deveria se tornar uma política pública mesmo.

Projeto: Recuperação da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro.

Entrevistada: Professor **FRANCESCO FERRANTE**

Entrevista realizada no dia: 05 de março de 2012.

Local: Casa do entrevistado - Estácio - Rio de Janeiro

Duração: 21.38

Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Jorge de Almeida Zorzan

Há quanto tempo o senhor é professor de italiano?

Há 20 anos.

Há 20 anos. Mas, sempre na Associação Cultural Ítalo-Brasileira?

16 anos na Associação Cultural e mais dando aula particular e em dando aula em cursinho de língua.

Atualmente você tem quantos anos?

Adivinha! 61.

Você possui origem italiana?

Eu sou italiano.

Di dove?

Di Bari. Provincia di Bari.

Qual a sua formação?

Eu sou engenheiro. *Sono perito industriale* com 5 anos de engenharia nas costas. Eu cheguei aqui no Brasil para trabalhar. Eu vim aqui com um contrato. Depois de uns anos, assim, eu queria dar aula de italiano também e comecei a dar aula particular, dar aula em cursinho também, porque eu tinha muito tempo, fazia consultoria para algumas empresas. Até que um dia eu me cadastrei na Caterina lá, me cadastrei na ACIB. Aí esqueci. Teve um momento que a Caterina me ligou. Estava precisando e eu comecei a dar aula.

Você lembra o ano?

Em 95. Não, noventa e... É 95. Exatamente! 95. São 16 anos, né?

E, depois que você passou a fazer parte do corpo docente da ACIB, você já foi direto para a escola Itália ou não?

Após pouco tempo. Não, não. Escola Itália não. Primeira vez me mandaram pra o Gaudium, lá na Taquara, escola particular. E foi por interesse do Arduino, o Arduino conhecia o proprietário que era uma ex-padre italiano, Pasquale Costantino. Então, fomos conversar lá, aí colocar o italiano na grade horária. Então, eu comecei a dar aula lá. Dei 7 anos de aula lá. 7 anos. Foi depois desses 7 anos que passei para a Escola Itália. Porque eles, sei lá, eu acho que por falta conhecimento, não queriam colocar o italiano como curricular. Poderiam fazer, mas achavam que não podiam. Mas, o professor Filippo falava: “Mas como não pode? Mais você pode. Não pode é menos.” Ele tinha sido fiscal da secretaria de educação, o professor Luigi Filippo. Mas aí, eles ficaram enrolando, enrolando, enrolando até que um momento chegou que a Caterina [...] A Caterina, eu também concordei sobre isso. Vamos cair fora dessa, ele não quer, não quer, não quer, estão falando que vão, vão vão. Aí, quando a gente estava saindo, eles vieram porque queriam deixar o italiano. Aí, depois, não quisemos mais.

Isso foi em que ano que você saiu de lá?

É, calcula. [...] Vamos lá: foram 6 anos na Escola Itália, então, foi até 91, né?

2001.

2001. Não! 2011! 2011 menos 6 quanto faz?

2005.

Então, de 2005 para baixo. 7 anos foi

Ah! Então de 98 até 2005...

Mais ou menos... 97.

Então, em 2005 você entrou na Escola Itália?

Não. Exatamente. Não. É, exatamente. Isso.

Mas você atuou...

Foi exatamente o ano que fez 50 anos a Escola Itália. Tanto é verdade que naquele painel... Já estive na Escola Itália? Tem um painel grande, no corredor, estou eu lá. Então, foi o primeiro ano meu lá e fez 50 anos. Aí, a Marta me chamou: “Vem, vem, vem, fica aqui também”. Aí, estou sentado lá na frente, você vai ver.

Ah...

Então, qualquer dúvida...

(risos)

Então você ficou na Escola Itália, de 2005 até?

Até 2011. 6 anos. Um bom tempo.

Foi um bom tempo, 6 anos. E como é que você avalia a sua experiência de ensino lá, na Escola Itália? Nesse período, nesses 6 anos?

Ah, não foi... Vamos ser sincero, não foi muito proveitosa porque... Por falta de material, mesmo, a gente não tinha livro nenhum. Como é que você vai dar aula para 43 alunos, 45, 47 alunos, sem ter livro? Sem ter outros auxílios dentro da escola? Sim, porque da Marta sempre teve, sempre fazia questão que tivesse. No começo, ela colocava aleatoriamente entre as turmas. Depois, ela começou a selecionar as turmas. Então, essa aqui é uma turma boa, vou te dar uma turma boa, e assim fazia. O primeiro ano, eu me lembro, foram 3 anos seguidos. Depois, passou a ser 1 ano, 2 anos, dependendo das turmas. Começamos com as turmas pequenas, as turmas um pouco maiores, assim, a misturar a 7ª série, 8ª série, pá pá pá [...] Depois, se concentrou só nas 5ª séries, quer dizer, 6º ano agora. Porque ela viu que uma continuidade era bom. Aí, você podia fazer um trabalho melhor. Mas, tudo sem livro, eu tinha que copiar as coisas no quadro. Eu tinha aqueles livros que eu tinha usado na escola Gaudium, *PARLIAMO INSIEME IN ITALIANO*, e usava aquele livro, porque achei um bom livro, que era um livro feito para países estrangeiros mesmo, tinha 5 volumes. Era uma, vamos dizer, gradualidade boa.

Você usava ele como base mas, não com os alunos? Ou seja, os alunos tinham esse livro ou não?

Não. Eles copiavam as coisas que eu mandava. Outras coisas eu dava fora, tipo, algumas coisas de gramática, treinava gramática na sala, mais coisa eu fazia, assim, na sala de aula. Às vezes, quando eu via que eles se cansavam, porque, às vezes, tinham 2 tempos de italiano, porque eram 2 tempos por semana, quando ela conseguia, eu fazia 1 tempo e 1 tempo, quando eu não conseguia, colocavam 2 tempos juntos. Mas, eu gostava mais dos 2 tempos juntos pois você não interrompia. Porque, quando você entra na sala, fazer chamada, 10 minutos. Senta aí! Cala a boca! E isso e aquilo, não é? Essas coisas todas... Mas, foi muito bom do ponto de vista assim, da relação com os alunos, porque havia bastante pessoas que se interessavam, gostavam, o pai era contente quando sabia que tinha italiano na sala, na Escola Itália. Outros não estão nem aí. Mas, isso... Bom, não estavam nem aí por nada, nem pra matemática. E, geralmente, quem se interessava pelo italiano, esses eram bons alunos nas outras matérias também. Não é porque o italiano deixava, não era assim. Então, agora, eu muitos alunos que tenho contato no MSN, me encontram, assim. Uma aluna, outro dia, engraçado, era uma aluna do primeiro ano que eu estive lá, que ela me paquerava muito. Ela era criança, naquela época. Ela me mandava cartinhas, me falava tanta coisa bonita. Depois, quando ela foi, cresceu e saiu. Outro dia, eu encontro ela no caixa da Casa Cruz. 19 anos, já. Caramba! Eu falei: Caramba, já passou todo esse tempo? Meu Deus!

Mas, ela te reconheceu?

Sim! Ela me chamou. Porque era apaixonada por mim. Eu gostava muito dela também, ela teve um problema de ... como se chama aquela *malattia*, aquela doença do sangue? Aquele câncer?

Leucemia?

Leucemia. De uma forma muito... Ela estava se cuidando... Ela vinha me visitar de vez em quando na escola. E outro dia, no metrô, tinha uma moreninha, assim, me sorrindo. Era outra aluna. Olhando bem, me lembrei, você fica com a fisionomia das pessoas. Trabalha aqui perto.

Quer dizer, você acha que do ponto de vista da relação com os alunos foi proveitoso. Mas, em relação ao ensino da língua?

O ensino da língua muito, eu diria carente, assim. Se aproveitou... Eu fazia música, cantavam, eles aprendiam muitas coisas. Mas, sabe como é, né? Não de forma estrutural. E depois, sempre fomos deixados assim: a Whana fazia de uma forma, eu fazia de outra, a Rose de outra, isso era problema da ACIB. A Caterina não veio uma vez na Escola Itália. Uma. Não veio uma. Quem veio foi o diretor didático, algumas vezes. A Atilia, entendeu.

Você falou sobre essa questão do livro, que não tinha, quer dizer, isso representava um desafio para você.

Sim, terrível. Uma perda de tempo enorme. Quer dizer, a aula dura 50 minutos, você vai selecionar, também, as coisas que você vai fazer. Porque aqueles livros são feitos para os estrangeiros residentes na Itália. Não são feitos para... sabe?

Estrangeiros no exterior?

Estrangeiros no exterior. *Lingua due*. Então, você tinha que selecionar algumas coisas. Quando chegava... [...] Quando tinha por exemplo o frio, a neve, eu pulava aquela parte ali. Não é uma realidade que se aplica no Brasil. Eu podia até mostrar, falar alguma coisa. Aí, passava filme, eu selecionava filmes, *A vida é bela*. Já passei Pinóquio, Pinóquio do Roberto Benigni, eles gostavam muito. E depois, fazia uma série de perguntas.

Além desse desafio do livro, você chegou a encontrar outros desafios? E como é que você procurava contorná-los?

O desafio principal era render agradável a aula, interessante. Então, como ser interessante? Como posso te dizer? Fazer alguma coisa divertida na sala de aula, onde eles aprendem se divertindo. Então, às vezes eu contava histórias sobre a cultura italiana e eles ficavam, eles... era a única vez que eles ficavam me ouvindo.

Que histórias seriam essas?

Ah, histórias sobre a... História italiana recente, mas, sempre de forma muito light. Expressões. Eu fazia, às vezes, um teatro pequeno, simulando as coisas e eles se interessavam mas, repito, a postura dos alunos era uma postura em relação à todas as matérias assim. Porque sabe, classe baixa, então, você pega uma turma de 43, tinham 5 que eram muito interessados. Os outros, vão assim, por graus diferentes, se interessando sempre menos, não queriam saber de nada, só queriam passar o tempo ali brincando.

Você não notava que o italiano ocupava um destaque?

Não, não, não. Como nas outras matérias. Alguém, alguns alunos falavam: “Ah, mas o meu pai falou que o inglês tem que estudar.” Mas, isso aí foi... Aconteceu. Não era uma coisa que acontecia de forma frequente. Eu falava assim: é verdade, o inglês serve mas, é... Se você quiser fazer um negócio com um outro país, eu colocava sempre as coisas na forma prática, se você, um dia você vai ser o que? Aí, o cara falava: Ah! Você vai ter uma relação de qualquer tipo, você prefere ter essa relação com alguém que fala a sua língua ou com alguém que fala o chinês ou alemão? “Ah, com o que fala a minha língua.” Então, é isso. Você vê como é importante, você tem que encarar a língua como uma arma, eles entendem muito bem o discurso da arma. Aí, se você tem dois revólveres é bom. Mas, se você tem um revólver e uma metralhadora é melhor ainda. Aí, eles entendiam.

Eu falava a mesma coisa para os meus alunos.

Sim, sim, sim. É uma questão de... Mas, assim, tem sempre algum pai idiota, sem visão, que diz essas coisas para os filhos mas, acontece em tudo quanto é lugar.

Mas, Francesco, você acha que o fato de você ser italiano de certa maneira influenciava os alunos no sentido de estarem mais interessados?

Com certeza mais, com certeza. Eles perguntavam: “Professor, o senhor nasceu na Itália?” Sim. “AH!!!!!!” (risos) É meio raro, uma pessoa nativa. “E como é que é?” Aí, vem a curiosidade. Como é que é na Itália isso e aquilo e eu estimulava essas coisas. Me perguntam sobre essas coisas, como é a escola, como são os alunos, como são as crianças, como é o costume. Aí, vem a história do futebol: “Professor, qual é o seu time?” Aí, quando eu falava que não tenho time, eles ficavam tristes. (risos) Como pode não ter time?

Francesco, você acha que o ensino do italiano, ele contribui de alguma maneira na forma daquelas crianças?

Com certeza.

Em que sentido?

Dava pra notar [...] Eu colocava, eu mostrava, como havia muita coisa em comum entre o português e o italiano. Quando eles me perguntavam: “Como é que fala isso?”, eu colocava no quadro, desde o começo: *Che cosa significa*, blá, blá, blá; *Come si dice*, blá, blá, blá; *Posso andare in bagno?* Se a pessoa não falava em italiano não andavam *in bagno* não. Aí, todas essas coisas. Aí, vinha a questão: “Alho se fala *aglio*?” É. Porque, no começo, eu apresentava as línguas neolatinas, para eles entender porque estavam estudando italiano. Porque entre italiano e português tem muita coisa em comum, muita coisa em comum, mais do aquilo que vocês podem imaginar. Havia interesse sim, porque eles sabiam que podiam... Que tinha uma ligação entre uma coisa e outra, não só linguística, mas, cultural, de origem, histórica.

Entendi. Então, você acha que o ensino do italiano ajudaria na formação, no sentido até de ampliar os horizontes?

Com certeza, com certeza. Uma língua de cultura enorme. Não é uma língua de comunicação, mas, é uma língua de cultura, como quase nenhuma tem assim, a prerrogativa do italiano, ligada a nossa história, em 3000 anos, sei lá.

E nesses anos que você ficou lá, você se lembra de alguma experiência interessante? De algum aluno ou de alguma semente que você plantou que deu fruto ou alguma coisa em sala de aula que tenha te marcado, que você não tenha esquecido?

Não. A música. Aqueles que ouviam a música e reconheciam que era em italiano. Ou alguém: “Professor, *io* fui na corrida de motocicleta, lá, e havia muita gente falando em italiano lá e eu entendia tudo!” Mentira!! (risos) Você não entendia tudo não! Mas, assim, eles percebiam que aquilo que estavam fazendo estava ajudando eles *anche* a entender. Eu acho difícil... Não... Você ouvir, é difícil. Falar que é mais difícil, na verdade. Sim. Ainda pela música, alguém vinha lá com várias músicas ou da Zizi Possi, da coisa, dizendo: “Eu queria que você me explicasse essa palavra aqui que eu não entendo o que significa”. Aí, pronto. Mas, depois houve tantos fatos assim, marcante, marcante, como esse, acho que não. Pode ter acontecido. Eles tinham muito respeito para mim. Talvez porque eu fosse homem, também. Porque eu tinha também uma postura dentro da escola: nada de palavrões, nada de xingamentos, porque professores xingavam os alunos muitas vezes e eu não gostava disso. A escola tinha obrigação... Apesar da Marta ser muito, ela não xingava não. Ela grita, repreende, quase que bota de castigo mas, não chamava de “seu lesado mental”, tinha professor que abusava nesse sentido. Mas, eu nunca fiz isso. Aí, eu tratava todo mundo da mesma maneira, quando eu via que estava algum aluno chorando: O que que foi? Vem aqui me contar. Porque *sai*, a maioria desses alunos são alunos carentes, famílias meio desastreadas. Mas, foi uma experiência humana muito interessante, mais do que ligada ao italiano, na verdade. Vou dizer que foi melhor do que era no Gaudium.

Sim?

Sim. No Gaudium eram classe média, terrível você lidar com classe média. Não é? Sabe? Se você fala uma palavra a mais, vem um pai lá te esperando fora. Já esse aqui, não era assim.

Como no Paulo VI...

Terrível. Quando tinha as reuniões, que depois, depois daquela epidemia de dengue, um idiota lá impediu que tivessem reuniões, um da secretaria de educação. Porque as reuniões eram no auditório, no belíssimo auditório da Escola Itália. Já estive no auditório?

Já.

Muito bonito aquele auditório.

Sim.

Aí, não se fez mais. Era um momento muito bom porque vinham todos os pais, a sala cheia, eu era chamado pra... pro... Assim, pra algum professor falar, eu era chamado para dizer a minha opinião. Alguma mãe vinha: “Essa é minha filha, como que ela se comporta, o meu filho aqui?” Eu apresentava, também, dizendo: olha, vocês estão estudando italiano, de graça, eu sou um professor nativo. Pô! É uma bobagem não querer aproveitar, né? Então, vi que tinha respeito. E a Marta, embora ela seja estouradíssima, tudo muito correndo, mas, todo mundo gosta dela. Quando falam Marta, eles gostam, eles faziam poesias para a Marta.

Caramba...

Porque, no final, as crianças entendiam que aqueles gritos dela eram de amor pela, por eles. Alguém que se interessa por você e não em casa que não tinha pai, não tinha mãe, não se interessavam. Várias coisas.

Projeto: Recuperação da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro.

Entrevistada: Professora **ROSE MONTEIRO.**

Entrevista realizada no dia: 05 de março de 2012.

Local: ACIB-RJ

Duração: 8:35

Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Jorge de Almeida Zorzan

Há quanto tempo você atua como professora de italiano?

Há 23 anos.

Atualmente, quantos anos você tem?

Tenho 46.

Você possui origem italiana?

Não, nenhuma.

Qual a sua formação acadêmica?

A minha formação é bacharelado na UFRJ, eu me formei em 1988 e depois disso eu fiz vários cursos: cursos de especialização e fiz o mestrado em Veneza.

No caso, por você não ter origem italiana, o que te levou a optar pelo italiano como profissão?

A princípio, eu digo que foi assim, um subterfúgio, porque eu entrei na UFRJ, eu tinha feito pontos para entrar pra letras mas eu não consegui vaga para o inglês, que era a minha primeira opção. Então, eu optei por uma neolatina que era a única que tinha vaga mas com o firme propósito de mudar depois, fazer a prova de nivelamento pro inglês, só que eu me apaixonei pelo italiano. E continuei, seria uma segunda língua porque na época eu estava muito bem com o inglês. E é isso: nunca mais deixei. O engraçado é que com língua portuguesa eu comecei a trabalhar agora, depois de tantos anos. Mas, com o italiano, eu sempre trabalhei. São 23 anos.

Em que período você atuou como professora de italiano na Escola Itália?

Na Escola Itália foi de 1992, mais ou menos, até 97.

E você encontrou desafios?

Bastante desafios.

Por exemplo?

A quantidade de alunos nas turmas porque foi a primeira escola pública em que eu trabalhei. Então, eu não estava acostumada com aquela quantidade de alunos em turma.

Mais ou menos quantos?

42, às vezes 45, no máximo. Mas, foram coisas que nós fomos conseguindo controlar. Até mostrando, tentando aumentar o interesse deles pela língua estrangeira. Muitos nunca tinham visto, ouvido falar em nada a respeito de italiano, a não ser o nome da escola que era Escola Itália. Então, foi uma coisa bastante interessante. Outro desafio também, foi a falta de material na época. A gente não contava com essa mídia toda que a gente tem hoje, internet, essas coisas. Então, a gente tinha que produzir o material e não tinha muitas fontes de pesquisa pra isso. Não tinha muito livro didático infantil, quer dizer, na época a gente só contava com o *Progetto ELLE*, que era o que eu utilizava mais. Muita cópia, a gente tinha que trabalhar com xerox e, os maiores desafios foram esses.

No caso, os materiais então eram preparados por você mesmo?

Sempre. Sempre pelos professores que naquela época trabalhavam em escola pública. Era preparado por mim.

Então, no caso da falta de material, vocês contornavam essa situação preparando o material que vocês utilizavam?

Sim.

E no caso do número de alunos? Você tinha algum jeito de contornar esse desafio?

Não. O contorno foi exatamente esse: procurando tornar as aulas o mais interessantes possíveis. Porque, eu acredito que só isso é capaz de controlar toda essa energia que o adolescente tem. Quando você mostra alguma coisa que é interessante pra eles, eles não ficam assim tão excitados, não atrapalham o teu trabalho, aquilo que você quer, o teu objetivo principal, que é passar o conhecimento para eles.

Nesse período que você ficou na Escola Itália, como você avalia, essa experiência de ensinar o italiano ali?

Foi ótima. Eu adorei porque você via resposta. Você via resultado. E eu encontrava respaldo em trabalhar, em fazer apresentações com eles, em fazer minipeças, fazê-los até decorar algumas coisas para apresentar, fazer apresentação de musiquinhas. Na época da festa da República, a gente podia trabalhar bastante, mostrar aquilo que a gente tinha produzido durante o primeiro semestre. Então, a escola sempre deu um respaldo muito grande pra gente.

Qual era a receptividade dos alunos à língua e à cultura italiana?

Era muito boa porque tudo para eles era novidade. Porque o normal é aprender inglês, isso aí não é novidade para ninguém. Então, quando eles sabiam que iam ter aula de italiano, eles a princípio perguntavam pra que, porque eles não têm muita noção que isso no futuro pra eles pode ser útil. E, a partir do momento que a gente passava essa informação pra eles, eles acatavam bem a ideia, alguns que eram mais arredios começavam a aceitar porque viam a possibilidade disso no futuro ser uma coisa interessante pra vida deles.

Você lembra de alguma experiência talvez marcante, alguma situação dentro de sala, algum evento que tenha te marcado, em relação a essa experiência que você teve?

Lembro. Não teve muita coisa a ver com o italiano não mas, é uma coisa que eu realmente não esqueci. Na época estava na moda um funk do Claudinho e Bochecha. E eles começaram, a aula estava tranquila, um deles começou a cantar e aí a coisa ficou... Eles começaram a cantar mas não com aquele objetivo de atrapalhar a aula, nada disso. Cantaram porque estavam felizes mesmo, aquela coisa, e eu fiquei também tão impressionada com aquele coro mesmo, você imagina: 42 alunos cantando um funk, mas não era uma coisa que atrapalhasse as outras turmas, as outras aulas e eu deixei que eles cantassem até o final. E eu não esqueci mais disso. E outra experiência foi pessoal mesmo porque no último ano que eu trabalhei lá, eu estava grávida da minha filha, e eles fizeram, assim, um chá de bebê pra mim. Então, foram duas coisas que ficaram bem marcadas.

Mas eu relação ao ensino de italiano, algum aluno que...

Algum aluno não, um grupo que fez uma apresentação daquela musiquinha, La vecchia fattoria. Então, eles se vestiram dos animaizinhos e cantaram a música e ficou uma coisa muito bonitinha, muito bem feita, muito bem elaborada. Muito legal.

E, no caso, você acha que o italiano, ele pode contribuir na formação, daqueles alunos, ou seja, você acha que contribui de alguma forma?

Com certeza. Eu já encontrei ex-aluno que voltou depois pra fazer o curso regular da Associação Cultural. Conseguiram bolsa aqui e concluíram o curso. Infelizmente eu perdi contato, não sei se realmente essa aluna aproveitou em alguma coisa mas, ela tinha interesse em fazer um curso universitário que exigia que ela tivesse conhecimento de algumas línguas estrangeiras e ela voltou pra fazer o curso depois.

E além disso, você acha que contribui de alguma outra forma?

Com certeza. A gente sabe que o italiano é uma língua neolatina. Tem várias coisas, várias coincidências que eles ficavam impressionados “-Nossa, que legal! Isso é parecido com essa tal palavra”. Ou então, “Essa é completamente diferente”. E até não esqueciam o significado da palavra, talvez até pela diferença e pensavam mesmo, pensavam é [...] E outra coisa também interessante que eu esqueci de relatar: a Escola Itália fica na Avenida dos Italianos e, uma certa época houve uma grande concentração de italianos ali e tem alguns descendentes ainda. Então, algumas crianças diziam que iam falar em casa, o italiano. Então, eu acredito que isso, de alguma forma incentivava, pra que eles procurassem alguma coisa voltada pra língua, alguns que tinham facilidade pra língua estrangeira realmente, eu acredito que aquilo norteou um pouco a vida de alguns deles.

Projeto: Recuperação da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro.

Entrevistada: Professora **CAROLINA GIAMPIETRO** - Ex-professora de italiano da ACIB-RJ

Data da entrevista: 02/11/2012

Duração: 09:17

Local: Casa da Entrevistada – Jardim Guanabara- Ilha do Governador.

Entrevistadora: Elisa Isabel Machado

Há quanto tempo você atua como professora de italiano?

Ah, já faz um tempo. É... Eu acho que eu comecei a trabalhar com o italiano no ano de 2000 e parei esse ano. Quer dizer, foi até o ano passado, 2011. Muito tempo, né Elisa?

Bastante...

Qual a sua idade?

Agora eu tenho 35. 35 anos.

Possui origem italiana?

Possuo. Eu sou de família italiana.

Qual foi a sua formação acadêmica?

Fiz letras na UFRJ, português/italiano. Fiz licenciatura em português e italiano.

Ok.

Em que período você atuou como professora de italiano na Escola Itália?

Aí... A gente tem que fazer a conta, né? Foi 2004? 2004 eu comecei e foi até 2011. Nesse período, teve um ano que eu não trabalhei. Eu acho... Não tenho certeza não.

Como você avalia a experiência de ensinar italiano na Escola Itália?

Olha, eu sinto saudade. Assim, eu gostava muito de trabalhar lá. Muito. Era assim... Eu tinha muito prazer de dar as aulas e acho que também a escola gostava de me receber lá. Acho que era das duas partes a satisfação. E via também que, dependendo da turma, não vou dizer que era um sucesso tremendo em todas as turmas, mas, que em algumas turmas, assim, era muito bom. Os alunos gostavam muito e tinha uma certa festa quando chegava a professora de italiano. (risos)

E nesse período que você trabalhou na Escola Itália, você teve algum desafio? Se você teve, quais foram esses desafios e como você procurava contornar esses desafios?

Desafios sempre, né? Porque, desde o início... Acho que no começo eu sofri um pouco mais porque faltava tudo, né? Meio que você chegava lá de paraquedas e : e agora? Por onde eu começo? 40 alunos na sala de aula, em cada turma. E, material quase nenhum, você tinha que preparar tudo e dificuldade até pra xerox, né? A gente tinha muita dificuldade até para tirar xerox. Eles não tinham apostila, não tinham livro, não tinham nada, né? Tinha a primeira dificuldade dos materiais, depois...

Tinha algum planejamento? Algum programa pra vocês seguirem?

Olha, logo no início, quando era a época da Caterina, a gente tinha um planejamento, né? Não sei se você se lembra. A gente fazia o planejamento mais ou menos do que a gente deveria dar ao longo do ano e normalmente no início, logo no início quando eu entrei pra ACIB, a gente tinha... As turmas ficavam com 2 anos de italiano. Então, eles conseguiam fazer o 1º ano e o 2º ano. Aí, depois de um certo período, eles faziam só 1 ano de italiano. Então, na época da Caterina tinha planejamento sim, tinha mais ou menos com que temas a gente ia trabalhar, né? O que a gente ia ver de gramática, tinha. Depois a coisa ficou um pouco mais solta. Aí, assim, eu acabei fazendo por minha conta, pela minha experiência. O que ia dando certo eu ia repetindo, as coisas que eu via que os alunos não gostavam muito eu ia tirando. Fazia um pouco de experiência, né? Eu experimentava. Buscava ajuda nos livros didáticos que eu tinha, né? Tanto livro de curso... Aí eu levava partes de coisas de livros didáticos mesmo...

Livros didáticos pra crianças ou pra adultos?

Pra adultos. Eu tirava as atividades de livro para adultos. Eu não tinha muito material pra crianças. Não tinha... Aí, alguma coisa que eu buscava na internet, também, de exercício. E eu via assim que, nos últimos anos, assim, depois que eu comecei a entrar com a história do jogo na sala de aula que tudo que era atividade lúdica, de jogo, assim, envolvia todo mundo. Eles ficavam muito animados. Tanto é que depois acabou virando assim, todo dia que eu chegava: “Tem jogo, professora?”. E nem sempre tinha jogo, né? Era complicado no final porque eles queriam jogar o tempo inteiro e nem todo dia tinha jogo. (risos) Mas, eu via nos últimos tempos a coisa do jogo funcionava muito. Eu conseguia tirar... chamar mais a atenção com história do jogo.

Então, o desafio maior foi a questão do material?

Material era muito difícil.

Tinha algum outro que você se lembre?

Assim, a dificuldade, também, de você ensinar a língua numa turma lotada, né? Porque, assim, você tem 40 alunos, nem todos estão interessados naquilo que você vai fazer. E, aí, quem não está interessado atrapalha quem está interessado. É o bate-papo paralelo, a conversa, né? A falta de interesse da outra parte da turma, acho que era o principal. Que eu me lembre, assim... Que mais de dificuldade? Não sei.

O material, você já disse o que utilizava...

Ah, eles faziam provinhas também, às vezes. Porque seguia mais ou menos o calendário da escola, que é bimestral. Então, eles tinham umas avaliações que eles tinham que fazer comigo. Aí, eu mesma preparava.

Qual era a receptividade dos alunos à língua e à cultura italianas?

Olha, do que eu observava, eles ficavam muito contentes, assim, de saber que iam ter aula de italiano. Eles se mostravam muito abertos a isso. E, não conheciam muito da cultura italiana, mas, você sabe que a história do

futebol... Então, isso já era... Quando eles aprendiam a cantar o hino era uma festa, né? “Professora eu vi o jogo da Itália! Eu cantei o hino!” (risos) Sempre que tinha jogo e tinha ligação com a Itália, né? Eu via que tinha proximidade mas, ao mesmo tempo, tinha distância. Na verdade, eles não conhecem nem muito a cultura brasileira, quanto mais a italiana, né? Então, dificuldade em ensinar na escola pública mesmo. Mas, eram muito receptivos sim. Eu via, eu notava que... Assim, como eu passava 1 ano ou 2 anos com essas turmas, assim, ainda fiquei muito tempo na escola, via que os alunos às vezes me encontravam com alegria pra me falar assim: “Ah, professora, me lembro das aulas, me lembro do italiano!” Até, eu estava te contando antes que eu encontrei um aluno esse ano, 2012, que por acaso veio a ser meu aluno aqui na Ilha do Governador, em outra escola, que virou pra mim e falou: “Professora, eu ainda tenho o caderno de italiano guardado!”. (risos) Aí, eu achei aquilo engraçado, fiquei surpresa. Quer dizer, acho que de alguma forma fica na memória, né?

Pra terminar, você acha que o italiano contribui de alguma forma pra formação dos alunos da Escola Itália?

Eu acho que sim. Eu via os alunos empenhados, sabe? Porque a escola é uma escola que a gente chama de escola modelo aqui no Rio de Janeiro, né? Uma escola que funciona muito bem e, assim, apesar da falta de material e tudo, eles estavam sempre presentes pra te ajudar em qualquer coisa que fosse necessária. Então, eles... A organização, assim, do italiano pra escola era muito importante. Então, eu via que tinha assim: tinha o orgulho da escola de ter o italiano como língua e, assim, da mesma forma os alunos se sentiam orgulhosos de ter uma língua diferente dentro daquela escola. Então, era assim, era recíproco. Quando a escola ficava muito feliz de ter a língua, os alunos também ficavam felizes de ter, sabiam que tinham uma coisa a mais. Porque era fora da grade, era uma língua a mais que eles aprendiam, e tinham contato, né? Não vou dizer que aprendiam porque a gente sabe como é difícil, mas, tinham contato com uma língua diferente. E a escola traz essa marca, né? Quem entrava lá, sabia que ia estudar italiano, os alunos sabiam.

E como você recebeu a notícia de que o italiano não está sendo mais ensinado na Escola Itália?

Ah, eu... Foi uma tristeza, né? Porque é uma marca da escola. Fico chateada de saber disso. Imagino como eles não devem estar lá.

Projeto: Recuperação da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro.

Entrevistado: Ex-aluno da Escola Itália. **LEONARDO THEML DE OLIVEIRA** estudante da UERJ no curso de Letras Português / Italiano)

Entrevista realizada no dia: 05 de março de 2012.

Local: UERJ – Maracanã

Duração: Primeira Parte: 5.41 / Segunda Parte: 7.31

Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Jorge de Almeida Zorzan

Leonardo, a gente gostaria de saber se você se lembra em que ano e com quantos anos você entrou na Escola Itália?

Recentemente.... (É, eu não vou lembrar realmente) Eu encontrei o grupo do pessoal que estudou comigo e tal e eles falaram que foi 2000. 2000, pelo menos, a turma começou e foi até 2003, se eu não me engano, 2004.

Quando você entrou lá, você lembra com quantos anos? Quantos anos você tinha?

11 ou 12.

Quando você entrou, o italiano já fazia parte da grade curricular?

Já. Eu não lembro se na 5° ou na 6° série. Acho que na 5°.

Você acha que você começou a estudar italiano na 5° série?

É. Na 5° série, porque foi o meu primeiro ano lá.

Que hoje equivale ao 6° ano...

É.

Você estou quantos anos o italiano lá?

Isso eu não lembro. Eu achei que seria até a 8°. Mas, disseram que foi até a 6° só ou até a 7°.

E você lembra dos professores?

Lembro. Foi só uma. Professora Whana Almeida.

Você lembra como eram as aulas de italiano?

Lembro. Lembro vagamente, assim, eu sou meio ruim de memória. Mas, lembro que aprendemos o verbo *essere*, aprendemos gênero e número, as pessoas do discurso, também.

Mas, no caso, era mais conteúdo gramatical que...

Era. Também tinha parte de conversação mesmo, com música, o hino eu lembro, também, que a gente aprendeu, também não saiu da nossa cabeça.

Então, você só teve a professora Whana e isso só, você não lembra se foram 1 ou 2 anos...

5° e 6° série. Aliás, 5° e 6° eu tenho certeza que foi. Se foi além disso, não.

E, no caso, como os seus colegas de turma encaravam as aulas de italiano?

Eu acho que, por sermos, assim, relativamente novos numa época bem diferente de hoje e era um colégio... O colégio Itália era um colégio que... Não por, como eu posso dizer, por preconceito com o colégio. Mas, lá parece que as crianças são diferentes, as pessoas que são admitidas lá, por mais que tenham pessoas bagunceiras e tal, parece que a maioria é mais de boa família, mais educada. E, assim, a gente encarava de forma, como eu posso dizer, era um pouco engraçado, porque era uma língua nova e tudo, mas também com uma certa curiosidade de aprender e tal. A gente até utilizava algumas coisas. Até na minha família, minha família tem um histórico de umas 4 gerações, assim, que estudaram lá. Umas tias minhas, depois os primos e por último eu e meu irmão. E até entre a gente, assim, a gente falava algumas coisas brincando, utilizando o italiano. Então, foi de um certo proveito, assim, pelo menos para algumas pessoas da minha família.

As suas tias que estudaram lá, elas também estudaram italiano na Escola Itália?

Também. Ninguém deu seguimento ao estudo, só eu mesmo.

Como você encarava o italiano? Como você encarava as aulas de italiano?

Eu achava bem interessante. Desde pequeno eu tive muitas proximidades com outras pessoas que falavam outros idiomas, uma das minhas primas, que não chegou a estudar lá, mas, é muito voltada para o estudo de línguas também, ela sempre me incentivou a aprender outros idiomas. Então, eu achava muito interessante. Tanto que, depois que eu saí dali, eu dei prosseguimento por conta própria, estudando via internet, com materiais que eu encontrava em bibliotecas e tal. Assim, para mim foi interessante e motivador.

Esse estudo que você falava, via internet, era um estudo do italiano ou de outras línguas?

Do italiano. Principalmente do italiano. Também teve de umas outras, assim, que eram meio exóticas, finlandês e tal. Mas, basicamente italiano mesmo.

Você chegou a participar, Leonardo, de alguma festa, de algum evento que a Escola Itália Organiza?

Participei, sendo que, se não me engano, o pessoal que era do grêmio, que era mais chegado com a direção, participava dentro da festa e nós alunos no geral, ficávamos um pouco a parte. Então, a gente via o consulado, a entrada das bandeiras, cantávamos o hino mas, participar lá, de estar junto com os italianos, isso não.

Você nunca chegou a cantar o hino?

O hino a gente cantava toda segunda-feira de manhã. O hino da escola, da Itália e do Brasil.

Vocês cantavam o hino da Itália, da escola e do Brasil. E como é que vocês aprenderam o hino?

É. Tinha momentos na aula que a gente parava e tinha mesmo o ensino, e tal, a gente ficava decorando e tudo. E eu, como achava bem interessante, cantava em casa, meus pais até reclamavam, e eu ficava cantando. Até porque eu sempre gostei de futebol italiano desde pequeno, eu sempre fui fã da Juventus e de alguns jogadores e tal. Então, eu sempre, assim, quando tinha jogo da Itália eu procurava ver e cantava junto o hino, isso me ajudou a gravar também.

Das festas, realmente, você não chegou a participar?

Não...

Quando as pessoas que você conhecia, como família, amigos, colegas de fora da escola ficavam sabendo que você estudava italiano numa escola pública, qual era a reação delas?

(Pausa) Era diferente né... Eu também reagi diferente quando fiquei sabendo que tinha um colégio chamado França que ensina francês porque até então, pra mim, francês era só nos cursos mesmo. As escolas ensinavam o inglês, mas, o francês não. E quando as pessoas ficavam sabendo que eu também estudava italiano, que é um idioma não tão comum quanto o inglês aqui no Brasil, e num colégio público, havia uma surpresa de que realmente deveria ser um colégio conceituado, um colégio distinto.

E teus colegas de rua, de fora da escola, tinham alguma reação?

Não, até que não. Não, porque a área que eu morei quando eu estudava no colégio, era bem próximo do colégio. Então, muitos dali estudavam lá, entendeu?

Então, já era algo comum...

É.

Alguma coisa do aprendizado te marcou? Alguma experiência, alguma aula, alguma atividade, algum professor. Quer dizer, nesses anos que você estudou italiano, ficou alguma coisa marcada em você?

Ah, ficou bastante. Assim, o senhor diz na escola? Ou até por conta própria também?

Em tudo.

Ah, ficou bastante coisa. Assim, quando eu entrei aqui pra universidade, eu percebi que muitos dos meus colegas de turma não tinham nem o conhecimento básico do italiano. Só mesmo, assim, de algumas palavras soltas, alguma coisa que ouviam em novela, em música e que eu estava... eu percebi que eu estava, e o professor percebeu isso também, que eu estava um pouco avançado deles, exatamente por eu ter tido esse conhecimento prévio, ter estudado quando era criança, ter dado prosseguimento. Isso me ajudou bastante porque me deu base pra muitas coisas, muita coisa ficou gravada em mim, sabe? Tanto que agora eu estou no 4° período e agora sim pra mim é novidade porque é morfossintaxe e tal. Até então eram questões mais morfológicas mesmo então, de discurso. Então, pra mim não era tanta novidade. Era mais uma prática mesmo.

Isso você acha que te marcou mais?

Me marcou bastante.

Por que você resolveu estudar italiano na universidade?

Pois é... Eu não gosto muito de alguns idiomas que são oferecidos como o espanhol, o inglês. Eu não gosto muito e italiano foi um idioma que eu sempre gostei. A minha família, ela é descendente de alemão, de alemães, então, eu não tive muito... Aliás, eu tive o incentivo pro alemão, só que eu não gostava muito e tal. Como eu já tinha um conhecimento do italiano e achava interessante, eu optei por essa mesmo.

Você acha que o ensino que você teve na Escola Itália teve um papel preponderante?

Ah, teve. Teve.

Você acha que se talvez você não tivesse estudado italiano, você hoje não teria optado?

Aham. Com certeza.

O que você pretende fazer quando concluir os seus estudos universitários? Você pretende ensinar o italiano? Pretende ser um pesquisador? Trabalhar nessa área de italiano? O que você pretende fazer?

Eu gosto muito da parte de tradução porque quando eu era pequeno eu achava que tradução era... Aquele pensamento de criança que é como se fosse uma versão, mas, não é somente isso. É muito mais cultural e tudo. Então, eu pretendo trabalhar com o ensino e com tradução.

Sempre do italiano?

É.

E você pretende fazer alguma coisa ligada ao português ou você quer se dedicar, já que a sua licenciatura vai ser dupla, exclusivamente ao italiano?

Isso não está muito bem marcado, sabe, porque infelizmente o italiano não tem tanta abertura quanto o português. E, por mais que eu queira me especializar no italiano mesmo, eu tenho que ter uma certa base para outras coisas também como um subterfúgio para eu poder, qualquer coisa, ter uma outra opção. Então, eu pretendo sim me dedicar mais pro italiano, mas, sempre tendo sempre alguma coisa relacionada ao português, talvez literatura comparada que é interessante.

Você sabe de algum colega seu que talvez tenha prosseguido os estudos, ou teve algum envolvimento com o italiano ou só você?

A gente se reuniu e tal. A gente saiu, foi na pizzeria e eu perguntei pra um monte de gente, já que já estava com o contato com o senhor, e eu perguntei pra eles: “Poxa, algum de vocês teve algum seguimento, continuou estudando e tal? Até muitos estão estudando aqui na UERJ mesmo mas, engenharia e outras coisas, e todo mundo falou que não. E eu perguntei se tem algum interesse de voltar e tal. E eles falaram: “Ah, não. Acho que não vale muito para a minha profissão.”

Você tem o contato dessas pessoas?

Tenho.

Será que você poderia passar pra gente?

Posso. Eu vou ver com eles primeiro...

Claro, claro. Por email. Não precisa ser telefone, pode ser email mesmo. A gente pode fazer as perguntas por email, não necessariamente marcar entrevista. É claro que a gente quis marcar com você porque você, digamos assim, é o fruto...

Eu conversei recentemente com a minha professora que me deu aula lá.

Whana?

É. Whana. E ela também ficou surpresa por alguém que estudou com ela há muito tempo atrás, talvez 10 anos atrás, e hoje em dia está seguindo o mesmo caminho.

Com certeza pra ela eu acho que não deve ter tido uma alegria maior. Porque pra um professor, saber que você teve o papel ...

Fundamental para o futuro de alguém.

Exatamente. Então, assim, eu acho que isso é bem gratificante. Isso é o que eu acho legal da nossa profissão.

Eu acredito que hoje em dia, ela não está dando mais aula lá...

Na Escola Itália não.

Ela trabalha na ACIB, né?

Na verdade a ACIB é que patrocina o ensino lá. Quer dizer, ela deu aula lá por ser professora da ACIB. Só que, ano passado, ela saiu. Ano passado foi o último ano dela lá, mas, ela continua dando aula para os adultos.

Projeto: Recuperação da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro
Entrevistada: Professora **MARTA MARTINS DE OLIVEIRA** Diretora da Escola Itália
Data da entrevista: 01/02/2012
Local: Escola Municipal Itália - Rocha Miranda - Rio de Janeiro
Duração: 39.24
Entrevistadores: Elisa Isabel Machado e Fábio Jorge de Almeida Zorzan

Então, professora Marta, nós gostaríamos de saber, inicialmente, um pouquinho sobre a sua formação, um pouco sobre a sua história de vida, que a senhora fizesse um apanhado.

Eu sou professora de história é... Mas, tenho normal daquela época antiga que o pessoal sabia mais que faculdade. E eu fiz clássico também no João Alfredo, um colégio que era, assim, a elite de quem fazia clássico, na época, no Rio de Janeiro. Vim pra cá em 87 nomeada pela secretária de educação da época, que tinha sido minha colega no clássico, professora Maria Lúcia Camacho. Então, é: “Você veio nomeada, pela senhora secretária, com pistolão?” Não, a norma na época era essa. As pessoas eram nomeadas, eu a conhecia, ela conhecia o meu trabalho, tínhamos estudado juntas, pegou meu currículo, eu era professor I, professor de história. Porque ela queria aqui, aqui não podia... Estava tanto problema nessa escola, que não poderia vir uma professora primária na época.

Que problemas?

Administrativo. O diretor foi exonerado. Na época que eu vim pra cá, a direção foi exonerada. Tinha 5 anos, a escola tinha sido reformada em 83 e aí, em 87, vários problemas administrativos. Aí, ela fez a intervenção aqui, nessa escola. Aí, me colocou como diretora.

Isso em 87?

87, maio de 87. Quando foi em novembro de 87, o prefeito da ocasião, que era o Saturnino Braga, saiu do PDT. E aí, a secretária, que era do PDT, perdeu a secretaria, né? E aí entrou um professor, o professor Moacyr Góes, que criou a eleição para diretor de escola. Aí, eu me candidatei em dezembro de 97, de 1987, e ganhei a primeira eleição. Então, agora eu estou aqui por eleição.

Então, desde 87 a senhora...

Por escolha da comunidade.

Ou seja, por um ano a senhora atuou como mandato?

Nem um ano. Foi de maio de 87 a dezembro de 87.

E como era a Escola Itália quando a senhora assumiu?

A Escola Itália, até 85, ela teve, assim, um apogeu. Porque ela foi... Essa escola foi criada em 1954. Aí, ela foi desativada em 1972. Ela ficou sem funcionar, a Escola Itália ficou parada de 1972 até 83.

Teve um motivo?

Teve problemas aqui estruturais, da própria escola, problemas sociais da região, o prédio da escola que tinha tido problema de enchente e foi invadida. Chegou a dar até no Jornal Nacional. Eu nem sabia onde era a Escola Itália e escutei a notícia no Jornal Nacional. Aí, o prédio foi desativado. Aí, quando foi em 82, a pressão da comunidade, porque queriam uma escola de 2º estágio, o antigo de 5º a 8º antigamente. Aí, o que aconteceu? A prefeitura fez esse prédio aqui e foi inaugurado em 83, por Araújo Coutinho, que era o prefeito. Aí ficou de 83 até... Ela já estava tinha fama, essa escola, em 54, em 60, ela tinha uma fama, de Escola Itália, até por causa da comunidade de italianos que tinha na região. O presidente Gronchi, quando veio ao Brasil, ele visitou a região. Eu não sei a data certa que ele visitou.

Mas, aqui na comunidade havia comunidade italiana e os filhos...

Os filhos... Eu ainda tenho uma base de uns 40 sobrenomes italianos na escola, hoje em dia. Quando eu cheguei tinham 80 e tanto.

Mas, os filhos da colônia?

Netos, até bisnetos.

Estudavam?

É. Aí, então, em 85, o diretor, na ocasião, ele teve problema de saúde, aí ele começou... Sabe quando você tem um problema de saúde, se você não está ali na frente. Aí, a Escola começou a ter problemas administrativos, pedagógicos, assim... E a professora Maria Lúcia, quando assumiu, em dezembro de 86, ela achou que eram irre recuperáveis. Eram irre recuperáveis. Aí, ela começou a procurar até que uma vez eu fui a uma reunião, que ela estava presente e ela me chamou. Aí eu vim pra cá em maio de 87. Quando foi em outubro de 87, ela saiu por causa do problema da saída do Saturnino do PDT. Aí veio o Moacyr Góes e instituiu ... Já era um estudo que vinha sendo feito, os vereadores já haviam pedido isso, que tivesse a escolha através de voto pela comunidade. Aí, eu ganhei a eleição e estou até hoje. Acho que já foram 8 ou 9 eleições. A última foi agora em dezembro de 2011.

Entendi. E como é que o italiano começou a fazer parte...

Em 92, houve uma assinatura com o... (Como é o nome daquele prefeito?)

César Maia?

Não.

Marcello Alencar?

Marcello Alencar. Ele fez um convênio em que a gente assinou, a secretaria de educação, que era a professora Mariléa, o prefeito da cidade, a ACIB e o consulado. O cônsul também assinou esse documento. Só que eu não acho esse documento, nunca me foi dada uma cópia, eu sempre pedi, mas o consulado também assinou isso, não foi só a ACIB. Foram 4 assinaturas. 4 ou 5: a minha, a do prefeito, a da ACIB, e a do cônsul e a da professora Mariléa, da secretaria de educação. Houve uma solenidade, as crianças foram, cantaram o hino, e foi assinado esse convênio para o ensino de italiano na Escola Municipal Itália.

Mas, a Escola Itália foi escolhida?

A Escola Itália foi escolhida, a Escola Roma foi escolhida, a Pio XII, em Jacarepaguá, foi escolhida. Me parece que só tem agora aqui.

Exato. Só.

De 92 até pouco tempo, essas 3 tinham o ensino da língua italiana.

Entendo. Mas, a senhora sabe os critérios escolhidos pra...

Acho que foi pelo nome.

Pelo nome?

Pelo nome. Até porque, eu tinha entrado aqui em 87. A Escola Itália só começou, ela ficou tão desamorada, a administração, que quando eu cheguei aqui, em 87, ninguém queria vir pra cá. Então, até você conseguir modificar a mentalidade, porque fica... Sabe dor de dente que tu não sente mais a dor, mas a dor está lá? Parecia que era assim. Ninguém queria. Deus me livre a Escola Itália! Então, a partir de 94, 95 é que a escola começou a aparecer no desempenho, entendeu? Na administração. Aí, é isso aí: essa balburdia para conseguir vaga aqui. Mas, eu acredito que foi pelo nome. Tinha o nome Itália e tinha Roma, eu não sei como é que foi a situação do município, da secretaria porque, nem a secretária tinha nada de italiano. Foi escolhida, eu acho, pelo nome. Escola Itália e Escola Roma.

Entendi. E como é que a senhora vê essa dependência que a Escola Itália tem em relação à ACIB para o envio dos professores. A senhora acha que a escola deveria ser independente, ou seja, ter os seus próprios professores de italiano?

Olha só, eu não posso ter os próprios professores de italiano porque isso é incumbência da secretaria de educação. Só que tem que eu poderia... Agora nem tanto, pois eu não conheço os professores novos que vêm. Mas, em certa ocasião, uns 4 anos atrás, eu tive muito aborrecimento com um grupo de professores que eles insistiam em mandar pra cá. Mas, depois foi sanado. Foi durante só um ano. Eu não tenho problema com professores de italiano.

Então, essa dependência em relação à ACIB ...

Não, não tem problema. Agora, os problemas que eu tive, a gente sanou, tentou resolver.

Certo. E, quando o italiano foi implantado aqui, foi escolhido, por que que a senhora quis que o italiano fosse implantado?

Eu não quis, eu não fui consultada. Eu fui comunicada que a Escola Itália, que a prefeitura faria um convênio com a ACIB e com o consulado, tanto é que o cônsul estava lá. E aí... Mas, foi perguntado se eu aceitava. Eu não ia dizer que não. Eu vou perder uma... Eu aceitei, é lógico.

Por que a senhora aceitou?

Eu achei que era uma coisa a mais pra escola, era um diferencial. Aí começou o diferencial da escola. A mesma coisa das cores. "Ah, você usa as cores verde, vermelha..." Uso. O uniforme da Escola Municipal Itália é o uniforme oficial do município. Só que tem que em algumas solenidades, em alguns desfiles, a gente põe algum grupo de alunos com uma camisa verde, uma camisa vermelha, o meu coral usa camisa verde e vermelha, a minha banda usa verde e vermelho. O uniforme do município, é o uniforme do município. Agora, lógico que se você homenageia um país, um estado qualquer, você procura usar... Então a gente procura usar nas solenidades oficiais a minha bandeira, os meus porta-bandeiras usam o uniforme do município, agora o coral usa uniforme verde e vermelho, as minhas atividades extracurriculares podem usar verde e vermelho, educação física.

Certo. E todas as turmas, nesses anos todos estudavam italiano? Atualmente...

6º e 7º ano. No início, praticamente, era 6º, 7º, 8º e 9º, todas as turmas tinham. De uns 7, 8 anos pra cá, a gente tem colocado no 6º e no 7º ano.

E por que esse critério?

Porque eu optei. Aí eu faço a escolha do 6º e 7º ano que são crianças mais novas. Se há chance, algumas épocas eu tenho mais aulas, aí eu coloco as turmas de 91, 92, que já tiveram italiano no 7º e no 8º ano. Mas, geralmente tem sido 6º e 7º anos.

Qual é a aceitação do italiano por parte da comunidade escolar? Comunidade escolar envolvendo tanto os alunos, os pais dos alunos.

Eles aceitam bem, até porque eu coloco dentro da grade. O horário é colocado dentro da grade. Eu já tive aula sábado por causa de italiano, não o pessoal de italiano. Um professor que pedia porque, chega uma hora que se

eu estou com a carga horária completa, eu não tenho buraco pra enfiar o professor de italiano. Mas aí, agora, que eu tenho educação física fora do turno, eu tenho algumas situações de oficinas de arte. Então, a gente encaixa o italiano.

Entendi. Mas já aconteceu de algum pai matricular o filho porque tem italiano na escola?

Ah, muita procura. Principalmente quem tem... Quem é descendente de italiano. Aí, eles procuram. “Quero essa escola.” Aí, eu fico até olhando assim, vejo o sobrenome, eu vou dar um jeito, vou enfiar, arranjar um buraco para enfiar esse aluno.

Nós vamos entrar no 20º ano do ensino da língua na escola. Como é que a senhora avalia essa experiência em todos esses anos?

Muito boa. Muito boa. As crianças fazem visita, eu já fui visitar um navio italiano e eles até fazem conversação com italiano, o pessoal fica admirado. Nas festas da Itália, vem sempre italiano, eles... É muito bom.

A senhora mencionou festas. Além da língua, a senhora faz alguma atividade para manter viva [...]

Faço. Todo ano, na data nacional da Itália, a gente faz a semana de comemoração, atividades culturais, tudo ligado. Eu procuro as festas serem ligadas a um tema italiano que ligue Brasil e Itália. Já fiz de Portinari, já fiz dos primeiros italianos no Rio de Janeiro, Américo Vespúcio, já fiz Anita Garibaldi, vários temas.

Sempre com essa ligação Brasil-Itália ...

Sempre com essa ligação.

E, a senhora sabe de algum aluno ou ex-aluno da Escola Itália que participou dessas aulas e que usa a língua na sua profissão? Ou que deu continuidade?

Olha, eu até sei que tem, mas, assim de nome, eu não me lembro.

Não precisa nome.

Eu tenho até ex-aluno que fez português-italiano na UERJ.

Só pra gente terminar, a senhora acha que o ensino do italiano contribui de alguma forma na formação do aluno? Em que sentido?

Contribui. Porque quando você fala de um outro país diferente, você está mostrando pra ele uma cultura diferente, um hábito diferente, as nossas raízes, e se você for procurar bem aqui no Rio de Janeiro, você vai ver que se não tem parente tem um agregado italiano. Entendeu? Aí, a criança fica muito interessada. Eu já tive criança que trouxe a bisavó aqui que a pessoa chorou na festa. Assim, quer dizer, eu acho que agregou a família. Eu tenho até, me deram certidão de nascimento, a coisa da chegada, eu tenho tudo aí. Quando é na época da festa da Itália, eu coloco isso tudo em exposição.

E a senhora falou que essa região era uma colônia?

Essa região, aqui é a Avenida dos Italianos, aqui houve um primeiro núcleo de colônia de gente que foi pra São Paulo e não se adaptou na agricultura. Inclusive, eu tenho um contraparente, que é esposa do irmão de minha vó, ela foi pra São Paulo, ela era de Nápoles, como é que ela ia fazer café vindo de Nápoles? Não deu certo. Aí, no final de 1890, 1896, 1895, ele receberam essa terra aqui, onde hoje é... Ali perto da Avenida Brasil. Esqueci o nome do lugar...

Irajá?

Honório Gurgel. Em Honório Gurgel eles receberam terras pra vir de São Paulo. E essa minha tia postiça veio com a família e acabou se casamento com o irmão da minha avó. Eu tenho uma ligação muito forte, até de palavrão italiano, porque a minha vó, as duas não se davam, a minha vó com a cunhada, mas, não se davam entre aspas, viviam grudada uma na outra. Mas, viviam brigando as duas, a minha vó até parecia italiana. E aí, a gente teve uma convivência muito boa. Quando a professora Maria Lúcia me deu uma lista das escolas que ela iria fazer intervenção, quando eu vi Escola Itália, é essa que eu vou. Não sabia nem onde era. Quando eu cheguei aqui, levei um susto porque o prédio é bonito, uma estrutura grande, 38 turmas, 1500 alunos, isso dá um trabalho danado. Não é mole não.

E a senhora lembra de algumas coisas que essa sua tia falava?

Me lembro, me lembro. Ela falava, a minha vó também falava italiano, com a minha tia, mas, brigavam muito. Meu tio já era brigão, porque meu tio era do sindicato de sapateiros, que era um sindicato fortíssimo em 1930, 1925. Se filiou ao partido comunista, você imagina, casado com uma italiana, a confusão que era.

E a senhora faz questão, então de manter...

De manter. Se me procurar com um sobrenome italiano, vai conseguir a vaga, nem que seja hoje, amanhã, a gente procura manter. A gente chama as famílias para assistir as festas, as famílias vêm, então é muito bonito.

Projeto: Recuperação da história da Associação Cultural Ítalo-Brasileira do Rio de Janeiro.

Entrevistada: Professora **MARIA DA GRAÇA SILVA CARAVELLOS**

Entrevista realizada no dia: 20/03/2012

Local: Escola Municipal Itália - Rocha Miranda - Rio de Janeiro

Duração: 07.16

Entrevistador: Fábio Jorge de Almeida Zorzan

Então, professora Graça, a gente queria saber desde quando a senhora trabalha na Escola Itália.

Há mais de 20 anos.

Qual disciplina a senhora atualmente ministra? Sempre ministrou essa disciplina? Atualmente, quais são as responsabilidades que a senhora tem aqui na escola?

Língua Portuguesa. Sempre trabalhei com língua portuguesa. E as minhas responsabilidades são iguaizinhas a de todo professor de língua portuguesa, transmitir conhecimento para que a criança saiba falar e escrever corretamente a língua, a língua pátria, né?

A senhora se lembra de como e quando o italiano foi introduzido na grade horária da Escola Itália?

Não sei dizer não, mas, já tem algum tempo.

Segundo a senhora, o ensino do italiano, aqui, trouxe alguma contribuição?

Sim. De vez em quando eu ouço comentários de alunos que chegam pra mim no 9º ano, e eles tiveram italiano no 6º e, às vezes, no 7º, dependendo do professor que esteja ministrando a aula aqui na escola, e eles dizem assim: “Ah, isso aí é parecido com o latim, né professora? A senhora está falando em latim? Em italiano, eu aprendi isso.” Então, eles fazem uma analogia, eles comentam e falam, às vezes, as frases em italiano, que eu estou colocando no quadro em português, principalmente as figuras de linguagem, concordância. Então, eles acham que italiano tem muito a ver. E realmente tem, são línguas latinas as nossas, né?

Em todos esses anos do ensino do italiano aqui na escola, como a senhora avalia essa experiência?

Olha, eu acho, assim, essencial. Todas as escolas deveriam ter outras línguas, sem ser o inglês só. Assim, sem ser obrigatório também. O italiano, o espanhol, outras línguas também que pudessem... francês! Que o aluno pudesse assim, escolher. Seria ótimo que o brasileiro tivesse acesso à outras línguas pra poder crescer, também, profissionalmente e culturalmente.

A senhora chegou a dizer que alguns alunos fazem associação na sua matéria. A gente queria saber, além dessa associação, qual é a aceitação do italiano por parte dos alunos? A senhora já teve, além dessas associações que a senhora já citou, a senhora já teve outras experiências ou já ouviu outros comentários que mostram a reação dos alunos em relação ao italiano, à aceitação deles?

Já. A parte cívica, eles sabem o hino, eles sabem escrever e eles sabem cantar a pronúncia correta, porque graças aos professores de italiano e à contribuição da professora de música, eles cantam e eles gostam, amam, dão valor e os melhores alunos chegam a disputar vaga na hora do pelotão, a bandeira, pra poder ficar com... Segurar a bandeira, o pavilhão das duas nações, e eles gostam.

Então, além do ensino do italiano nas aulas, quer dizer, na grade curricular, a senhora mencionou que, então, tem também nas festas cívicas aqui da escola. Quer dizer, existe mais algum papel que o italiano desempenha na comunidade escolar?

Olha, deve existir, assim, coisas diferentes... Além dos comentários que eu presencio e as festas cívicas, mesmo assim, a troca de experiência entre os alunos mesmos, às vezes tem um irmão no 9º ano e um menino que está começando o 6º ano. Então, eles lá, trocam pronúncia, ideias e eles vão crescendo e eles gostam do italiano. Eu acredito até que eles gostam mais do italiano do que do inglês. Eu acho que tem uma preferência aí, porque no 9º ano eles têm inglês e não têm mais o italiano e, aí, eles: “Poxa, professora, por que a gente não continua o italiano nos 4 anos?” Aí, depende da prefeitura. Depende da contribuição do italiano na escola porque não há como. A escola é grande e não há professor suficiente na grade pra que todos cresçam e saiam daqui falando italiano. Seria ótimo.

A senhora falou uma coisa interessante, que me chamou a atenção, da preferência do italiano em relação ao inglês. A que a senhora atribui essa preferência por parte dos alunos?

Eu acredito que seja os meninos do 6º ano. Porque eles vêm pro 6º ano e não sabem língua nenhuma. Eles encontram o italiano e se familiarizam com a língua porque algumas palavras são muito parecidas com a língua portuguesa e o modo, também, de escrever as frases são semelhantes. Então, eu acho que é isso, a semelhança da língua latina. Tem origem no latim e a facilidade de aprendizagem de uma língua e da outra. Diferente do inglês que a formação das palavras, a colocação das palavras são diferentes. Eu acredito que o 6º ano é que faz com que isso aconteça, essa preferência, porque eles encontram, pela primeira vez, uma língua diferente já, quando entram na escola, no 6º ano. Eu acho que isso faz com que eles gostem.

Quer dizer, é uma dicotomia, uma língua diferente mas só que ao mesmo tempo similar...

Sim. É diferente mas, muita coisa parecida, a exceção de uma coisa ou outra na fonética, a contribuição do latim é muito grande nas duas línguas e eles acabam aprendendo. A formação das frases, dos verbos são bem parecido.

APÊNDICE E. Entrevistas escritas (enviadas por *e-mail*)

Entrevistado: Cônsul Geral do Rio de Janeiro - Mario Panaro

PANARO, Mario. <s-----@esteri.it>. *Pesquisa (mestrado USP) ACIB-RJ e Escola Municipal Itália*. 09 de fevereiro de 2012. Mensagem para: <f-----@ibest.com.br> em 06 de março de 2012.

1) Desde quando o senhor está atuando como cônsul no Rio de Janeiro?

Desde 1º de setembro de 2011

2) Como soube do ensino do italiano na escola Itália?

Através dos meus colaboradores.

3) Como avalia o trabalho feito nesta escola?

Trata-se de uma iniciativa pioneira e muito interessante, que possibilita aos alunos da rede municipal a oportunidade de vivenciar uma cultura diferente através do estudo da língua italiana. Isso pode criar um diferencial para seus currículos e para suas vidas. Muitos daqueles alunos provavelmente não teriam outra oportunidade de aprender uma segunda língua estrangeira em outra circunstância.

4) De que maneira o italiano pode contribuir na formação dos alunos da Escola Itália?¹

O Italiano é uma língua de negócios e de cultura. O ensino da língua italiana propicia aos alunos novas oportunidades profissionais, especialmente em vista dos grandes eventos internacionais programados para a cidade nos próximos anos.

5) Existem projetos para uma maior difusão da língua italiana em escolas públicas do Rio de Janeiro?

Ainda não. O aumento da oferta de cursos depende basicamente dos recursos disponíveis por parte do Ministério das Relações Exteriores da Itália.

Entrevistada: Ex- Professora de Italiano da Escola Municipal Itália – Mariza Silva de Moraes

MORAES, Mariza de. <m-----@ig.com.br>. *Pesquisa (mestrado USP) ACIB-RJ e Escola Municipal Itália*. 07 de fevereiro de 2012. Mensagem para: <e-----@hotmail.com> em 12 de fevereiro de 2012.

1) Há quanto tempo o/a senhor atua como professor de italiano?

1 ano (2001)

2) Qual a sua idade?

À época: 38 anos. Atualmente, 49 anos.

3) Possui origem italiana?

Não e não pretendo adquiri-la por meio de casamento ou ação do gênero. Há um preconceito em relação aos professores de italiano. Ninguém pergunta ao professor de inglês se ele é descendente de pessoas em cujos países as pessoas falem inglês. A língua nos seduz e usa a cultura do povo (ou povos) que a praticam como fetiche. Há, ao lado do preconceito, um comportamento, acredito eu, excludente. Apenas os descendentes podem - e devem- reproduzir o idioma dos ascendentes. São esses motivos somados a outros que não permitem que a língua italiana ocupe o seu devido lugar no cenário das políticas linguísticas do Brasil.

4) Qual a sua formação?

Graduação em Letras Português-Italiano, pela UERJ (1988). Especialização (1992), Mestrado (1994) e Doutorado em Letras Neolatinas com ênfase em Língua e Literatura Italiana (título obtido em 1999), todos realizados na UFRJ.

5) Em que período a senhora atuou como professora de italiano na Escola Itália?

No ano de 2001, se não me falha a memória. Provavelmente, a ACIB tem minha ficha cadastral e pode responder com maior precisão.

6) Como avalia a experiência de ensinar italiano na Escola Itália?

Instigante. Foi a única experiência com o Ensino Fundamental, ou seja, alunos da segunda infância. Vivenciei todo o corolário de dúvidas e percalços que lemos em revistas sobre educação básica: ALUNADO apresentando hiperatividade, indisciplina, desinteresse, despreparo. Por outro lado, sempre que apresentava queixa aos pais ou à coordenação, ouvi, ou melhor, vi como resposta o ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Sentia-me atada. Não foi edificante sob o ponto de vista da qualidade dos resultados, isto é, habilidades linguísticas. Mas amadurei muito conceitos sobre inteligência emocional e habilidade social. Uso esta experiência nas minhas relações interpessoais no meu trabalho e no convívio social.

7) Encontrou desafios? Se sim, quais foram? Como procurava contornar tais situações?

Não li o questionário antes de responder. Portanto, parte da resposta a esta pergunta já foi respondida anteriormente. Contudo, devo apontar para a carência de material didático. Não me recordo se a ACIB fornecia livro/apostila para a fotocopiar e distribuir entre os alunos. Recordo-me de preparar o material para o alunado (levando em consideração a faixa etária e a série escolar). O material produzido pela ACIB era destinado a alunos adultos. Abro a possibilidade de estar equivocada. Afinal, faz muito tempo e já trabalhei em diversas instituições.

Devo mencionar que a diretora e o *staff* da escola me isolavam. Eu não era do quadro permanente, não era concursada. Até mesmo as merendeiras eram indiferentes quando ia, esporadicamente, almoçar no refeitório.

Quanto aos alunos no âmbito afetivo: festa! Eles gostavam de mim e a recíproca existiu.

Outro dado importante é saber que a língua estrangeira, italiano no caso, não estava prevista no Projeto Pedagógico de Curso. Não havia carga horária destinada às aulas e não se tratava de contra-turno. Tratava-se de uma disciplina avulsa. É a impressão que restou. Nunca participei das reuniões de pais ou aos conselhos de classe. Nunca tive acesso à ideologia acadêmica. E se faço essas ponderações agora devo afirmar que são frutos da minha (vitoriosa) carreira na UFES. Aqui sou docente e gestora educacional. Houve um crescimento exponencial na minha cosmovisão enquanto educadora.

Não posso contribuir com informações sobre o andamento da experiência. Mas me recordo que substitui uma colega. Deduzo, pois, que havia certa regularidade das aulas.

Informo, por justiça, que a ACIB era muitíssimo bem dirigida pela Profa. Catarina Barone e que os problemas vivenciados por mim eram de ordem escolar, ou seja, da administração da Escola Itália. A diretora era soberana e não pude avançar muito no meu trabalho no que tange o aspecto disciplinar.

8) Que materiais utilizava nas aulas?

Aqueles que dispunha: jornais, revistas, fotocópias. Evidentemente, adequados à proposta didática. Não me recordo se a escola dispunha de recursos multimídias. Tentei avançar na qualidade das aulas optando por jogos, mas não podia causar alvoroço na sala de aula em detrimento das outras turmas. Parece-me que nunca fiz atividades extraclasse: pátio ou refeitório.

9) Qual era a receptividade dos alunos à língua e à cultura italianas?

Não havia nenhum traço de orgulho: aprender a língua dos pais ou avós. Era apenas uma disciplina a mais. No máximo era “legal” aprender a língua do *Matteo* da novela. Ou entender o que o Renato Russo dizia em seu cd.

Houve, por parte dos alunos indisciplinados, certa resistência à minha autoridade enquanto professora. Bagunceiros não impediram que eu desempenhasse o meu papel de educadora.

10) Acha que o italiano contribui de alguma forma para os alunos da Escola Itália?

Afirmo anteriormente que a citada disciplina não fazia parte do PPC da Escola. Pelo menos, foi a impressão que tive. Afirmo isto porque não existia continuidade, não havia material didático próprio. Era necessário um projeto didático com fins culturais. Talvez se fosse aplicado ao Ensino Médio encaminhasse futuros candidatos aos vestibulares dos cursos de letras (licenciatura dupla: português-italiano. No Rio, temos três instituições que oferecem tal licenciatura). Mas a instituição era de ensino fundamental.

Educar é aprendizagem para professores e alunos. Há escola ainda existe? O projeto continua? Espero que a resposta, às duas perguntas, tenha sido sim. E que, modestamente, a minha participação na pesquisa possa contribuir para que o italiano continue migrando numa escola do subúrbio carioca.

APÊNDICE F. *E-mails* para a coordenação da Escola Municipal Itália

De: Elisa Isabel Machado <e-----@hotmail.com>

Enviado: quarta-feira, 29 de julho de 2015 11:42

Para: Escola Municipal Itália

Assunto: Pesquisa USP sobre o ensino da língua italiana na Escola Municipal Itália

Bom dia,

Sou aluna do mestrado, na Universidade de São Paulo. \$

No início de 2012, estive na escola entrevistando a diretora Marta, pois minha pesquisa contará a história do ensino da língua italiana na Associação Cultura Ítalo - Brasileira (ACIB-RJ) que encerrou suas atividades. O foco da minha pesquisa são os anos em que a ACIB-RJ e a Escola Itália tinham o convênio (assinado em 1992, na gestão do prefeito Marcello Alencar).

Gostaria de saber algumas informações para o encerramento da pesquisa:

- 1) O que representou para a Escola Itália o encerramento das atividades da ACIB-RJ e, por consequência, a interrupção do convênio?
- 2) Os alunos continuam aprendendo a língua italiana?
- 3) A festa italiana, parte da cultura da Escola Itália, continua sendo realizada?
- 4) O hino italiano continua sendo ensinado?
- 5) Existe o desejo da escola de voltar a ter o ensino da língua italiana em sua grade?

Desde já agradeço a disponibilidade.

Elisa Isabel Machado

From: e-----@rioeduca.net

To: e-----@hotmail.com

Subject: Re: Pesquisa USP sobre o ensino da língua italiana na Escola Municipal Itália

Date: Mon, 3 Aug 2015 13:42:27 +0000

Bom dia,

Conforme solicitado, seguem as respostas à pesquisa:

- 1) O que representou para a Escola Itália o encerramento das atividades da ACIB-RJ e, por consequência, a interrupção do convênio?

Uma perda muito grande para a Escola.

- 2) Os alunos continuam aprendendo a língua italiana?

Não.

- 3) A festa italiana, parte da cultura da Escola Itália, continua sendo realizada?

Sim . A próxima ocorrerá no dia 28/08/2015.

- 4) O hino italiano continua sendo ensinado?

Sim.

- 5) Existe o desejo da escola de voltar a ter o ensino da língua italiana em sua grade?

Sim.

Atenciosamente, Escola Itália.

De: Elisa Isabel Machado <e-----@hotmail.com>

Enviado: segunda-feira, 3 de agosto de 2015 11:14

Para: Escola Municipal Itália

Assunto: RE: Pesquisa USP sobre o ensino da língua italiana na Escola Municipal Itália

Bom dia, agradeço muito pelas respostas, serão de grande utilidade para a pesquisa.

Ao término da minha pesquisa, procurarei entregar para a Escola a transcrição das entrevistas que podem contar um pouco dos 20 anos que a Escola Itália e a ACIB-RJ contribuíram (e a escola continua fazendo isso) para a divulgação da cultura italiana.

Uma última pergunta: Qual professor ensina, atualmente, o hino italiano?

Agradeço muito a colaboração da Escola em todos os períodos a minha pesquisa.

Elisa Machado

From: e-----@rioeduca.net

To: e-----@hotmail.com

Subject: Re: Pesquisa USP sobre o ensino da língua italiana na Escola Municipal Itália

Date: Mon, 3 Aug 2015 14:58:54 +0000

O hino italiano é feito pelas professoras Isabel Mondengo (ex-professora de Língua Portuguesa) e Araci Quintas dos Santos (ex-professora de Música), atuais professoras do Projeto Mais Educação.

Atenciosamente,

Escola Itália.

De: Elisa Isabel Machado <e-----@hotmail.com>

Enviado: segunda-feira, 3 de agosto de 2015 12:05

Para: Escola Municipal Itália

Assunto: RE: Pesquisa USP sobre o ensino da língua italiana na Escola Municipal Itália

Muito obrigada, mais uma vez, pela resposta, elas serão de grande utilidade.

Existe alguma ideia/proposta para o retorno das aulas de italiano na escola?

Atenciosamente,

Elisa Isabel Machado

From: e-----@rioeduca.net

To: e-----@hotmail.com

Subject: Re: Pesquisa USP sobre o ensino da língua italiana na Escola Municipal Itália

Date: Mon, 3 Aug 2015 17:09:55 +0000

Boa tarde,

Ainda não há ideia/proposta.

Atenciosamente,

Escola Itália.